

FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A AVENTURA MÍTICA EM A *CANÇÃO DOS NIBELUNGOS* E EM O *SENHOR DOS ANÉIS*: A-
PROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DO MITO ANTIGO AO MITO CONTEMPORÂNEO**

Lucas de Melo Bonez

Porto Alegre
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A AVENTURA MÍTICA EM *A CANÇÃO DOS NIBELUNGOS* E
EM *O SENHOR DOS ANÉIS*: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS
DO MITO ANTIGO AO MITO CONTEMPORÂNEO

Lucas de Melo Bonez

Prof. Dr. Maria Eunice Moreira
Orientadora

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de
concentração de Teoria da Literatura.

Data da defesa: 20/01/2009

Instituição depositária:
Biblioteca Central Irmão José Otão
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, dezembro de 2008


LUCAS DE MELO BONEZ

A AVENTURA MÍTICA EM A CANÇÃO DOS NIBELUNGOS
E EM O SENHOR DOS ANÉIS: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DO
MITO ANTIGO AO MITO CONTEMPORÂNEO

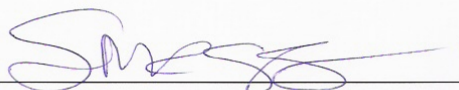
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 20 de janeiro de 2009

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Maria Eunice Moreira - PUCRS



Prof. Dr. Sandra Sirangelo Maggio - UFRGS

Prof. Dr. Noelci Fagundes da Rocha - PUCRS

*O mito é o nada que é tudo,
O mesmo sol que abre os céus,
É um mito brilhante e mudo.*
Fernando Pessoa

Dedico esta dissertação a todas aquelas pessoas
que acompanharam minha trajetória acadêmica,
dando-me força e vontade para seguir até o final.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Faculdade de Letras da PUCRS pela oportunidade de estudar em um ambiente tão favorável ao conhecimento; à CAPES, por fomentar meu objetivo; à professora Maria Eunice Moreira, pela sapiência e paciência; aos professores do Mestrado, pela minha formação acadêmica; aos colegas de turma, pelo apoio e pelo estímulo; aos colegas de trabalho, por escutarem minhas angústias e colaborarem para que ocorresse o melhor; por fim, àqueles que atravessaram comigo esse breve – mas difícil – percurso: minha namorada, meus amigos, meu irmão, meu pai e minha mãe, meu reconhecimento pela tentativa de expor mais lados da vida do que minha visão era capaz de alcançar.

RESUMO

O presente trabalho aborda as semelhanças e diferenças entre os mitos antigo e contemporâneo, através das obras *A canção dos Nibelungos*, datada do século VIII, de autoria anônima, e *O senhor dos anéis*, produzido no século XX, por J.R.R. Tolkien. Para tanto, tomaremos por base para essa busca a teoria de Joseph Campbell sobre a aventura mítica, além de autores que discutem o mito ontem e hoje. A dissertação, assim, se estrutura através de quatro capítulos, abrangendo a teoria sobre o mito, sua permanência na atualidade e a aventura mítica, para posteriormente aplicar aos heróis Siegfried e Frodo, das respectivas obras citadas. Conclui-se que a aventura mítica é diferente para ambos, mas que demonstra a tentativa de o homem sempre melhorar sua situação perante os demais, em busca do êxito.

Palavras-chave: Nibelungos; Senhor dos Anéis; Siegfried; Frodo; mito.

ABSTRACT

The recent treats about similarities and differences between the contemporary and old myths, through the masterpiece *Nibelung's Song*, dated on 8th century, of autonomous author, and *The lord of the rings*, by J.R.R. Tolkien. For this way, we take on bases for this research theory of Joseph Campbell about the mythic adventure, besides the authors who discuss the myth in the past and nowadays. The dissertation, therefore, is structured in four chapters, covering the theory of myth, his stay in the present and mythic adventure, to subsequently apply to the heroes Siegfried and Frodo, their works cited. It is concluded that the mythical adventure is different to both, but it shows the man trying to always improve their situation at all, in search of success.

Keywords: Nibelungs; Lord of the rings; Siegfried; Frodo; myth.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 A literatura e o mito	11
1.1.1 A permanência do mito	13
1.1.2 As teorias sobre o mito	15
1.1.3 A aventura mítica	18
1.2 A dissertação	24
2 A AVENTURA MÍTICA EM A CANÇÃO DOS NIBELUNGOS	26
2.1 A partida	27
2.1.1 O chamado à aventura	28
2.1.2 A recusa do chamado	29
2.1.3 O auxílio sobrenatural	29
2.1.4 A travessia do primeiro limiar	31
2.1.5 O ventre da baleia	32
2.2 A iniciação	34
2.2.1 O caminho de provas	34
2.2.2 O encontro com a deusa	38
2.2.3 A mulher como tentação	40
2.2.4 A sintonia com o pai	41
2.2.5 A apoteose	42
2.2.6 A bênção última	45

2.3 O retorno	46
2.3.1 A recusa do retorno	46
2.3.2 A fuga mágica	48
2.3.3 O resgate com auxílio eterno	49
2.3.4 A passagem pelo limiar de retorno	51
2.3.5 O senhor de dois mundos	53
2.3.6 A liberdade para viver	54
3 A AVENTURA MÍTICA EM O SENHOR DOS ANÉIS	58
3.1 A partida	59
3.1.1 O chamado à aventura	59
3.1.2 A recusa do chamado	60
3.1.3 O auxílio sobrenatural	61
3.1.4 A travessia do primeiro limiar	62
3.1.5 O ventre da baleia	64
3.2 A iniciação	66
3.2.1 O caminho de provas	66
3.2.2 O encontro com a deusa	78
3.2.3 A apoteose	80
3.3 O retorno	82
3.3.1 O resgate com auxílio eterno	82
3.3.2 A passagem pelo limiar de retorno	83
3.3.3 O senhor de dois mundos	85
3.3.4 A liberdade para viver	86
4 CONCLUSÃO	89
4.1 As semelhanças na aventura	89

4.2 As diferenças na aventura	91
4.3 A estrutura: o que há e o que não há	97
4.4 As ausências	98
4.5 Os heróis	99
4.6 A narrativa mítica	100
REFERÊNCIAS	102
OBRAS CONSULTADAS	104
ANEXOS	106
<i>Curriculum vitae</i>	116

1 INTRODUÇÃO

1.1 A literatura e o mito

“No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e Deus era o Verbo. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele” (João 1:1-3)¹. Assim inicia a construção do universo, segundo a Bíblia Sagrada. Essa idéia atravessou inúmeras gerações, diversos pensamentos, longas guerras se mantêm até hoje, porque o homem necessita de explicações sobre os diversos fatos do mundo, dentre os quais, o da nossa existência.

Explicações para as origens do homem, do mundo e das coisas foram dadas das mais diversas formas. Talvez aquela que tenha trazido maior curiosidade para o homem seja a mitológica. A magia que o mito traz ao pensamento humano é tão grande que foi crível durante muitos anos que o mundo nasceu através do que era explicado pelos deuses. Seja através da mitologia judaico-cristã, da muçulmana, da indígena, da inca, da celta, da germânica ou da grega, o Verbo transmutou pensamentos e agregou conhecimentos àqueles que buscavam conhecer o mundo.

O mito é tão forte que se apresenta até hoje em nossa sociedade. Não cremos na existência de Zeus ou Hera, na de Freya ou Odin, nem na de Rá ou Ptah. A literatura mantém viva a idéia de nascimento do homem e do mundo através dos mitos. Aliás, não só a literatu-

¹ ALMEIDA: [s.p.], 2008.

ra, mas o cinema, a música, os meios de publicidade, nomes de empresas, indústrias, entre outros.

Quem viaja ao litoral gaúcho, utilizando a Freeway, passa por uma empresa chamada Taurus Wotan, no distrito industrial de Gravataí. Seria apenas um nome, se não tivesse total relação com o tipo de produção que executa. Apesar de serem empresas associadas ocasionalmente, o resultado mítico é interessante: Wotan é o deus máximo da mitologia germânica, que corresponde ao Odin dos nórdicos e ao Zeus dos gregos – poderoso, forte, que é capaz de resolver todos os problemas do mundo. Temos o nome Taurus, que remete ao touro, animal forte e por vezes indomável², devido a isso. Soma-se a isso o fato de a empresa ter como atividade a construção de máquinas operatrizes, para grandes funções em indústrias, como cortes de materiais rígidos e resistentes, reposição de peças que o homem não tem alcance, entre outros. Depreende-se, assim, que só algo ou alguém bastante poderoso poderia executar tais máquinas. A empresa será, então, aquela capaz de desempenhar tal funcionamento, remetendo sua força ao nome que possui.

O que realmente levaria alguém a propor tal nome para a sua empresa? Seria apenas a imagem e o significado que promoveriam este entendimento? Ou, quem sabe, a busca pela origem do homem fez com que os industriários também promovessem uma volta à idéia que iniciou seu trabalho, suas máquinas e sua possível fortuna?

Independente das respostas, ficará a idéia de que o ser humano busca explicações sobre sua origem. Na música, principalmente aquelas feitas por bandas do estilo *heavy metal*, encontramos diversos exemplos de referências que procuram explicações sobre suas causas, seus anseios, seus motivos de estarem onde estão. No álbum *Temple of shadows*, do conjunto brasileiro Angra, a composição das músicas revela a questão de um mouro, lu-

tador da Guerra das Cruzadas, que já não sabe se o Deus que defende é maior que o daqueles que são enfrentados. O conjunto das músicas organiza uma história reveladora dos conflitos da personagem em meio à guerra que se aproxima e se faz presente. Há diversas músicas da banda finlandesa *Nightwish* que fazem referência à mitologia nórdica, como em *Elvenpath*, que ilustra o caminho de elfos a partir de suas vidas. A banda alemã Blind Guardian lançou um álbum chamado *Nightfall in the middle-earth*, que nada mais é do que uma releitura de um mito criado e contido na obra *Silmarillion*, do mesmo autor de *O senhor dos anéis*, J.R.R. Tolkien.

Não explicaremos com este trabalho o que leva a contemporaneidade a retomar tais narrativas, mas é perceptível que determinados grupos de crianças, jovens e adultos se interessam por histórias mágicas, em que dragões, fadas, magos, guerreiros, entre outros entes, lá estão, em busca de um ideal que aparentemente não é fácil de ser alcançado.

Harry Potter, Hermione e Rony têm de lutar juntos para que se mantenham vivos - seja idealmente ou na prática; Frodo precisou de Sam, Gandalf, Aragorn, várias personagens para se manter vivo. O homem também precisa de apoio para suas execuções, além de grande vontade de viver e de buscar os motivos que o levem a isso. Assim, com o passar dos anos, os mitos se transfiguram, mas nunca deixam de tentar mostrar qual é a possível origem do homem, o ambiente de onde ele realmente saiu.

1.1.1 A permanência do mito

Segundo Lévi-Strauss, o mito deve ser apreendido em sua totalidade, não por partes, pois seu significado básico “não está ligado à seqüência dos acontecimentos, mas antes, se assim se pode dizer, a grupos de acontecimentos, ainda que tais acontecimentos ocorram

² Isso se verifica, por exemplo, nas touradas espanholas: quando percebe a presença do tecido vermelho, o animal se enfurece de uma forma tal que nada o faz parar. Mesmo que isso lhe valha a vida, segue constante a ponto de destruir um possível rival – o homem ou o manto.

em momentos diferentes da história”³. Pierre Brunel, na obra *Dicionário de mitos literários*, afirma que o mito é “um relato (ou uma personagem implicada num relato) simbólico que passa a ter valor fascinante (ideal ou repulsivo) e mais ou menos totalizante para uma comunidade humana mais ou menos extensa, à qual ele propõe uma situação ou uma forma de agir”⁴. Sendo assim, aquilo que é contado por alguém, através de metáfora, serve para explicar as coisas correntes no mundo. Lembremos, por exemplo, das fábulas de Esopo, em que os animais são antropomorfizados para que tenhamos a idéia de que aquelas ações também se passem com o homem comum. Tal também ocorre nos contos de fadas, justamente para explicar os motivos de certos movimentos acontecerem.

Segundo ainda Brunel,

no campo literário, temas antigos de origem mitológica vão coexistir com uma representação cristã globalizante que, por sua vez, suscita suas próprias imagens míticas: Fausto, Don Juan, o Progresso etc. No século XIX, o Romantismo renovará todas as imagens (de origem antiga, barroca, ou qualquer outra) e as redefinirá de acordo com o que se pode chamar de religiosidade – ou *Weltanschauung* – romântica. Enfim, o século XX será capaz de misturar todos esses elementos por se ter tornado (pelo menos seus intelectuais) consciente dessa série de heranças míticas.⁵

Bernadette Bricout, na obra *O olhar de Orfeu*, organiza textos dos mais diversos teóricos para tratar da questão do mito na contemporaneidade. Seu prefácio destaca a importância do mito no mundo atual e como ele exerce influência sobre a sociedade: “Onde [o mito] estaria hoje? Está presente em toda a parte e, no entanto, é clandestino [...] Que a Fênix, diferentemente das casas que designa, podia renascer das próprias cinzas? Que Hera e Zeus eram casados antes de serem anexados pela RATP? [...]”⁶. Nesses casos, a mitologia grega se vê representada em diversos produtos – não por acaso, pois seus significados também remetem a algo. Afirma a autora que “se seus contornos por vezes se esfumam, é

³ LÉVI-STRAUSS: 1989, p.68.

⁴ BRUNEL:1998, p.731.

⁵ Idem, p.733.

⁶ BRICOUT: 2003, p.14-15.

porque elas foram incessantemente modeladas e remodeladas pela literatura e nas artes, cada época modelando-as à sua própria imagem”⁷. Ou seja, o uso dos termos é alterado de acordo com a época em que é exposto – o que não muda sua origem, sua função mítica.

Na mesma obra, Jean-Claude Carrière trata sobre a juventude dos mitos, destacando que “o mito conservou-se, por um lado, sob a forma original dos contos, da narrativa fundadora que, por meio da narração alegórica, ensina a um povo o porquê de ele estar ali, precisamente naquela parte da Terra, como ali chegou, e como deve se conduzir”⁸. Assim, o ensaísta afirma que até na ciência se mantém o mito, quando exemplifica a idéia de Lévi-Strauss ao afirmar que a teoria do *big-bang* também é a transformação do caos em ordem. Observa-se, então, que a literatura é o meio pelo qual o mito se mantém e se transfigura, graças à construção alegórica de certa fundação, dessa transposição daquilo que é confuso para a ordenação total.

1.1.2 As teorias sobre o mito

Alguns questionamentos nos surgem quando tratamos sobre os mitos. Para que servem? Quais suas funções? O que vem a ser exatamente um mito?

Segundo Luiz Cláudio Moniz, “os mitos possuíam uma função extremamente importante nas sociedades primitivas, pois explicavam os aspectos essenciais da realidade, tais como a origem do mundo, o funcionamento da natureza e dos processos naturais, assim como os processos interiores do próprio homem, juntamente com seus valores básicos”⁹. São também não apenas responsáveis pela educação e pela conduta da população, mas guias para uma vida segura, afastando qualquer sentimento de negação da existência.

⁷ Idem, p.15.

⁸ CARRIÈRE apud BRICOUT: 2003, p.21.

⁹ MONIZ: 2007, p.33.

Apesar da grande utilidade, a idéia de que o mito seria uma mentira não se afastou do pensamento da humanidade, levando em consideração seu caráter não-científico. Diante disso, Joseph Campbell diz que

Não, a mitologia não é uma mentira; mitologia é poesia, é algo metafórico. Já se disse, e bem, que a mitologia é a penúltima verdade – penúltima porque a última não pode ser transposta em palavras. Está além das palavras, além das imagens, além da borda limitadora da Roda do Devir dos budistas. A mitologia lança a mente para além dessa borda, para aquilo que pode ser conhecido, mas não contado. Por isso é a penúltima verdade.¹⁰

Ainda que o mito não seja uma mentira, necessitamos descobrir o significado do termo. A palavra, que provém do grego *mýthos*, significa discurso, palavra, ação de recitar, de dizer um discurso, rumor, anúncio, mensagem – uma descrição de algo observado, ou seja verdadeiro. Há, entretanto, um termo similar: *lógos*. Segundo Maria Helena Lisboa da Cunha, *logos* “designa ‘a palavra’ do lado subjetivo do pensante e falante, como o pensado e calculado”¹¹.

O mitólogo Junito de Souza Brandão relaciona os dois termos da seguinte forma:

Logos e mýthos são as duas metades da linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida e do espírito. O ‘lógos’, sendo um raciocínio, procura convencer, acarretando no ouvinte a necessidade de julgar. [...] O mito, porém, não possui outro fim senão si próprio. Acredita-se nele ou não, à vontade, por um ato de fé, se o mesmo parece ‘belo’ ou verossímil, ou porque simplesmente se deseja dar-lhe crédito. Assim é que o mito atrai, em torno de si, toda a parte do irracional do pensamento humano, sendo por sua própria natureza aparentado à arte, em todas as suas criações.¹²

O significado do termo passou a se perder, ganhando aspectos ilusórios, irreais e utópicos, após a passagem do pensamento mítico para o filosófico-científico, que se dá com os pré-socráticos. Como esses desejavam compreender a vida através das causas essencialmente naturais, as narrativas míticas começaram a se desvincular da nova realidade da compreensão humana.

¹⁰ CAMPBELL: 1990, p.173.

¹¹ CUNHA: 1998, p.99.

¹² BRANDÃO: 1988, p.13.

Sendo assim, definir o mito não é uma tarefa muito simples. Diz Mircea Eliade que “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares”¹³. Para tanto, veremos alguns conceitos.

Segundo o próprio Eliade, o mito

é o relato de uma história verdadeira, ocorrida nos tempos dos princípios, *illo tempore*, quando, com a interferência de entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmos, ou tão-somente um fragmento, um monte, uma pedra, uma ilha, uma espécie de animal ou vegetal, um comportamento humano. Mito é, pois, a narrativa de uma criação: conta-nos de que modo algo, que não era, começou a ser.¹⁴

Junito Brandão traz uma citação de C. G. Jung, na qual o mito existe na “conscientização dos arquétipos do inconsciente coletivo, quer dizer, um elo entre o consciente e o inconsciente coletivo, bem como as formas através das quais o inconsciente se manifesta”¹⁵. Thomas Mann, citado por Moniz, diz que o mito “é o princípio da vida, a ordem eterna, a fórmula sagrada para a qual a vida flui quando esta projeta suas feições para fora do inconsciente”¹⁶.

Segundo artigo de António Braz Teixeira, “Oliveira Martins, numa perspectiva cultural limitada embora por uma compreensão entre histórico sociológica e etnológica próxima da de Teófilo Braga, verá no mito uma forma de pensamento espontâneo, coletivo e primitivo, nascida da admiração e do medo, que seria a raiz de toda a religião”¹⁷.

Para Brandão, estudioso dos mitos e de seus significados,

O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional. Abre-se como uma janela a todos os ventos; presta-se a todas as interpretações. Decifrar o mito é, pois, decifrar-se¹⁸.

¹³ ELIADE: 1989, p.12.

¹⁴ ELIADE: 1989, p.27.

¹⁵ BRANDÃO: 1988. p.37.

¹⁶ MONIZ: 1998, p.29.

¹⁷ TEIXEIRA: 2008, [s.p.].

¹⁸ Idem nota 15, p.36.

Assim, percebemos que o mito tem diversas definições, mas é possível extrair aquilo que é essencial: o mito é uma busca da explicação do mundo. Essa breve idéia traz algo de muita importância para nosso estudo: o objeto de trabalho do mito é o mesmo da literatura, o que aproxima o leitor do texto literário do homem que sempre creu nas explicações mitológicas. Com isso, o receptor da mitologia e o da narrativa da literatura se aproximam, o que faz com que busquemos os motivos para a existência dos mitos na contemporaneidade. Partiremos, então, para a aventura mítica, na qual descobriremos os caminhos do herói.

1.1.3 A aventura mítica

O fato de existir o mito, ou a história sobre a fundação de algo, prescinde a existência de personagens que a executem. Surge, assim, a questão do herói mítico e a travessia que terá de enfrentar para chegar aos seus objetivos.

A trajetória dos heróis, segundo Hiran Pinel¹⁹, é pautada pelos "[...] modos de ser a si mesmo no cotidiano do mundo" e conduzidos por um ou mais guias de sentido (GS), ou seja, aquilo que produz movimentos no ser, que invoca demanda de tomar um ou mais rumos. Na trajetória, o herói vai apreendendo e compreendendo o sentido da vida e do seu valor coletivo, produzindo uma saudável travessia entre o egoísmo e o alocentrismo – oposição ao ego-cêntrico. Nessa viagem, aparecem armas e escudos de sua defesa, mas um herói – dentro de nossa cultura neoliberal de consumo e egoísmo – deve mais usar escudo do que armas.

Um herói deve, em seu movimento na narrativa, conhecer; motivar-se ou desejar ocupar aquele lugar; ser humilde, mostrando-se um projeto sempre aberto a mais aprendizagens (projeto em devir); ser audacioso (ser da coragem); fazer por merecer.

O psicólogo e escritor Joseph Campbell realizou um estudo detalhado sobre a presença da mitologia no universo humano e concluiu: todas as narrativas, conscientes ou não, surgem de antigos padrões do mito e todas as histórias podem ser traduzidas e dissecadas na

jornada do herói. Em seus estudos sobre mitos, descobriu que todos eles são a mesma história, porém contadas com inúmeras variações e adaptadas à realidade de quem a conta. Seus detalhes são diferentes em cada cultura, mas fundamentalmente são sempre iguais.

Segundo Campbell, "[...] toda cultura antiga e pré-moderna utilizava uma técnica ritmada para contar histórias retratando os protagonistas e antagonistas com certas motivações e traços de personalidade constantes, num padrão que transcende as fronteiras da língua e da cultura"²⁰.

Uma personagem comum, que tem um desafio, que enfrenta desvantagens aparentemente insuperáveis e consegue de algum modo vencer, aprendendo alguma coisa com sua aventura: esta é a definição simples de herói.

A princípio, o herói – ou protagonista da história – é a ligação principal entre o espectador e a história²¹. Ao assistirmos a um filme, vemos as coisas através dos olhos dessa personagem, nos alegramos e nos entristecemos junto com ela, sofremos e aprendemos com ela, nos identificamos com ela. Essa identificação se dá devido a qualidades que o herói possui, que consideramos admiráveis e faz com que queiramos ser como ele. Através dessa ótica, vemos nossos desejos realizados. Ele nos faz crer que tudo é possível e mesmo os problemas mais complexos podem ser resolvidos. O protagonista, entretanto, deve apresentar fraquezas, medos e defeitos – presentes em todos os seres humanos –, uma mistura de emoções, dúvidas e apreensões para que se torne mais "real", mais humano, para facilitar a identificação do público com ele.

O arquétipo do herói não se manifesta apenas na personagem principal: pode ser uma máscara usada por outra personagem que, durante a história, acaba realizando um ou mais

¹⁹ PINEL: 2003, p. 51.

²⁰ CAMPBELL: 1990, p.42.

²¹ Parafrazeando Wolfgang Iser, uma vastidão de subjetividade oferece ao leitor a possibilidade de efetuar um jogo de interpretações para ligá-las entre si, já que o próprio texto não tem poder para tal. Este elemento subjetivo da literatura represen-

atos heróicos; pode ser uma personagem secundária que no fim salva a vida do protagonista.

Em seu livro, *O herói de mil faces*, Joseph Campbell resume a jornada do herói em três etapas básicas: a partida, separação – no qual contém as características do início da aventura, a saída de seu lugar de origem; a descida, iniciação, penetração – em que os combates serão mais intensos e o levarão a seu prêmio final; e, por fim, o retorno – no qual haverá o caminho de volta à sua origem e trará as modificações desse herói. Cada um desses movimentos ou fases compreende um conjunto de ações que Campbell caracteriza individualmente.

O mundo comum é o ambiente seguro da personagem, o mundo ou a sociedade na qual ele está ambientado, o lugar onde ele está cercado por coisas que conhece e fazem parte de seu dia-a-dia. A situação anterior da vida de herói é mostrada ao público antes de que este seja chamado ao mundo especial, um lugar estranho para o personagem, um lugar ao qual ele terá que se adequar.

Na chamada à aventura, o protagonista se depara com um desafio e precisa decidir se o enfrenta ou não. Toma conhecimento de algum problema em sua vida, com sua família, com sua saúde ou com seu trabalho. Tal conflito pode ser interno ou externo; pode ser um drama psicológico, onde se trava uma verdadeira batalha entre dois lados, dois desejos ou duas necessidades da mesma pessoa²². O chamado à aventura dá rumo à história e deixa claro qual é o objetivo do herói.

Para recusar o chamado, o personagem pensa que sair de seu ambiente seguro, onde todos o conhecem, onde sabe como e onde encontrar o que precisa, nem sempre é uma ta-

ta o mais importante elo entre texto e leitor. Soma-se a isso a idéia de que as vulnerabilidades do herói, suas inseguranças e suavidades aproximam-se do leitor comum, tornando a identificação entre ambos possível.

²² Nesse caso, o protagonista passa a ser seu próprio antagonista, algo que fará com que ele lute até o fim, até decidir o que será melhor para ele, o que é "mais certo" ou até mesmo politicamente correto.

refa fácil, pois o medo do desconhecido é inevitável. Por esse motivo, muitas vezes ele fica relutante quanto a abandonar seu mundo comum e enfrentar o desafio. Esse é o momento em que uma força exterior deve agir para motivá-lo a prosseguir com sua missão, dando-lhe um incentivo ou coragem para continuar.

Há, posteriormente, um encontro com o mentor, caracterizado como o auxílio sobrenatural. Esse pode aparecer em uma narrativa sob os mais diferentes aspectos. Representa alguém com uma certa experiência de vida que dá conselhos aos mais jovens, e pode simbolizar as relações entre pai e filho ou mestre e discípulo. Sua função é preparar o protagonista para a sua missão, a fim de lhe dar ferramentas que lhe serão extremamente úteis em algum ponto da história. Essas ferramentas podem ser objetos mágicos, informações vitais ou conselhos.

Ao realizar as etapas anteriores, o herói terá atravessado o primeiro limiar, que marca o fim do primeiro ato da história, o momento até onde ele decide agir, e o começo do segundo, o momento da ação. Há já um crescimento, o que caracteriza o ventre da baleia, parte a qual remete a idéia de iniciar a trajetória nova da personagem. Agora que está definitivamente no mundo especial e começa a história propriamente dita.

Aparecem, adiante, testes, aliados e inimigos – geralmente, no segundo ato da narrativa. São personagens que farão parte do restante da história, desempenhando um papel fundamental durante a jornada do protagonista, ajudando-o ou o atrapalhando.

O caminho de provas é a fronteira que separa o personagem do seu objetivo. Nessa etapa, o herói preocupa-se com ataques-surpresa do inimigo e com a cautela, pois está pisando em território inimigo. É representada pelo mundo dos mortos, o mundo do desconhecido, onde novamente o herói pode ficar receoso de entrar. Para isso, ele se prepara (mentalmente e fisicamente) para enfrentar perigos que podem levá-lo a experiências terríveis, traumatizantes e até mesmo à morte.

Durante ou após esse passo, haverá o encontro com a deusa – aquela que dará ao herói algum objeto, concederá um desejo ou transmitirá aconselhamento que carregará até o fim da narrativa. Aparecerá a mulher como tentação, ou seja, o herói é atraído pelo feminino como forma de ser carregado à tentação. Teremos ainda a sintonia com o pai, em que um ser que lhe aconselhara no passado se faz presente na figura heróica, como um elo entre o passado e o presente.

A apoteose é o primeiro confronto da personagem com a morte. É o momento em que se passa por um grande perigo, em que até a proximidade com a morte é relevada. Há tensão para ela e para o público, no qual se aguarda ansiosamente para saber se resistirá à provação ou sucumbirá, entregando-se para a morte. Essa etapa representa o medo da morte e nos faz perceber que o mesmo sentimento também toma conta do herói e este também é suscetível à morte, o que o torna mais humanizado e, conseqüentemente, mais próximo do público, alguém com quem nos identificamos cada vez mais. Ao passar pela provação suprema, ele terá cruzado o segundo limiar.

Após tudo, há a recompensa – a bênção última. Ao vencer a morte, o herói é retribuído por sua coragem e bravura. Nesse momento, ele obtém o seu objeto de busca, seu tesouro. Nessa fase, o protagonista já não é mais o mesmo do início da história. Passou por testes e provações, deparou-se com a morte e venceu inúmeros desafios; portanto, ele possui uma maior experiência de vida, maior compreensão do mundo – agora novo – que o cerca.

Segue, a partir de então, o caminho de volta. É a hora em que o herói se prepara para voltar ao seu mundo, o comum, quando sua missão já foi completada e ele pode retomar sua vida normal. No primeiro momento, contudo, ele ainda está no mundo especial e agora vai sentir as conseqüências de seus atos – caso ele não queira voltar, caracteriza o primeiro passo da terceira parte da aventura, a recusa do retorno. As forças que ele perturbou vão

querer vingança e ele terá de provar mais uma vez que é capaz de derrotá-las para poder finalmente voltar ao seu mundo – que é a passagem pelo limiar de retorno.

Chamado de senhor de dois mundos, é uma parte semelhante à provação. É o movimento em que a morte e a escuridão fazem um último esforço, antes de serem derrotadas. É uma espécie de exame final do herói que deve ser posto à prova, ainda uma vez, para ver se aprendeu as lições da provação suprema. É o final da história, a hora de descobrir se todo o trabalho no decorrer de sua jornada foi mesmo válido. Essa é também a hora em que ele decidirá se volta para o mundo comum ou permanece no mundo especial. O protagonista, agora, atravessou o terceiro limiar, que culmina com o terceiro ato da história.

Na liberdade para viver, o herói pode voltar ao mundo comum ou permanecer no mundo especial, do qual ele agora faz parte. Qualquer que seja sua decisão, entretanto, ele deverá levar consigo o elixir, que é o tesouro ou o aprendizado do mundo especial. Ele obteve conselhos de seu mentor, enfrentou situações difíceis e está pronto para desfrutar de seu sucesso, seja exibindo sua premiação para os amigos, provando algo a uma sociedade que não acreditava nele ou ainda sentir-se em paz consigo mesmo e com sua consciência.

As conclusões são simples: cada herói tem um caminho, que Campbell divide em três fases. Uma conjunção que começa com a partida, com o abandonar dos ambientes conhecidos, recolhendo ajudantes e objetivos. Por fim, atinge o limiar da aventura, atravessando-o em algum confronto climático: seja ele dragão, mítica viagem ou crucificação. A trajetória é a vida do herói dentro de uma narrativa, pois são nesses passos que encontraremos as suas virtudes, suas forças, suas fraquezas, seus benefícios e malefícios. É, enfim, o que todos nós fazemos, representado por um herói, numa dada situação.

A partir disso, começa a iniciação: o herói começa a ter consciência das suas fraquezas e forças. Provas e provações se seguem, monstros ou enigmas, problemas que exigem dele energia. Nesse passo, o herói partilha muito dos ajudantes e inimigos, usando-os como

escada para o outro limiar: o eixo do mundo – o *axis mundi* de Campbell, o momento em que o herói tem plena consciência de si e do seu papel no universo da história. Esta compreensão surge de diversas formas. Imortal elixir, ascensão aos céus, humana transcendência, um sagrado casamento, consumação de sonhos: é o ponto-chave que o diferencia dos ajudantes e dos inimigos, dos comuns mortais. Nesse círculo, acabou o mistério. O herói não pode subir mais. Tendo chegado ao topo do mundo, agora terá que descer.

Ao final de tudo, regressa: há separação e partida dos ajudantes. As transformações daquilo que viu acompanham o herói, mudando-o. A magia do seu ser alterou-se e começam a se notar claras diferenças com a criatura relativamente inocente e ignorante que saiu de casa. Por fim, alguma manifestação surge deste novo herói.

Chega então o fechamento do círculo, quando o herói se prepara para o declínio. Alguns têm mortes esquecidas, outros fecham-se em legados, construção de cidades e somando os sonhos dos mortais aos céus. Outros caem, tornando-se meras sombras dos seus antigos eus, corrompidos e esquecidos.

1.2 A dissertação

O tema desta dissertação, portanto, recai sobre estudo analítico em que se recupera o mito nórdico do anel dos Nibelungos, para definir os elementos estruturais do mito, tomando como *corpus* de estudo a obra *O senhor dos anéis*, de J.R.R. Tolkien.

Justifica-se esse trabalho pelo interesse que a obra e a referente mitologia refletem no público leitor. Desde o lançamento dos três filmes *O senhor dos anéis*, houve renovação em vendas de obras e leituras relativas ao assunto. Isso é perceptível em salas de aula, onde educandos lêem tais textos com afinco, além de demonstrarem grande conhecimento sobre o mesmo. Fora do ambiente escolar, em livrarias ou bibliotecas, também se vê a busca de obras como essas para a leitura. Quem sabe por ser um tipo de narrativa que se aproxima em enredo, tempo, espaço e personagens do *role-playing game* – bastante difundido entre

os jovens e que usa da fantasia como base para a transmissão das idéias explícitas e implícitas no jogo –, há uma camada de leitores significativa que se interessa pelo assunto. Assim, torna-se imprescindível saber quais são os motivos que tornam determinados leitores tão próximos desses textos – o que, cremos, é a identificação com o herói e sua aventura mítica.

Nossos objetivos, a partir dessa idéia, tornam-se bastante claros: revisar a bibliografia teórica sobre a questão do mito clássico e do contemporâneo; identificar a presença do mito dos Nibelungos na obra *O senhor dos anéis*, de J.R.R. Tolkien; identificar os elementos componentes de *O senhor dos anéis* em relação ao texto-base *A canção dos Nibelungos*; levantar os elementos componentes do mito, observando sua permanência ou modificação; ampliar o estudo sobre a obra *O senhor dos anéis*, a partir da leitura de fortuna crítica.

O método de investigação apresenta caráter qualitativo/descritivo e será desenvolvido com base em pesquisa de cunho bibliográfico, envolvendo as obras que compõem o *corpus* de análise, textos teóricos sobre as relações entre mito e narrativa, mitos clássicos e mitos contemporâneos, além de obras de apoio relacionadas ao assunto escolhido, às obras selecionadas e aos autores estudados.

O *corpus* analítico é composto pelas seguintes obras: *A canção dos Nibelungos*, de autor anônimo, datada do século XII, editada em 2003, no Brasil, pela Editora Martins Fontes; e *O senhor dos anéis*, de J.R.R. Tolkien, publicado na Inglaterra, em 1955, e no Brasil, em 2002, pela Editora Três – edição escolhida para análise. Houve também publicações traduzidas para venda no Brasil em 1974 a 1979, pela Editora Artenova, e em 1994, pela mesma empresa que publicou o texto-base de nossa análise.

A dissertação será dividida em quatro partes: a primeira, o capítulo de introdução, no qual se expõe a teorização básica para análise do mito – sua origem, sua permanência e sua aventura; a segunda, em que haverá teoria sobre a aventura mítica em *A canção dos Nibe-*

lungos; a terceira compreenderá a análise da aventura mítica em *O senhor dos anéis*; por fim, a quarta, em que teremos as aproximações e distanciamentos entre ambos mitos.

A base teórica é alicerçada pela obra *O herói de mil faces*, de Joseph Campbell, que nos ilustrará a teoria sobre a aventura mítica. Utilizaremos artigos e teses voltados para a reconstrução do mito antigo, como os de Patrícia Pires Boulhosa e Valéria Sabrina Pereira. Os teóricos já citados neste trabalho também dão base para as discussões que serão pertinentes em relação à permanência do mito na atualidade.

2 A AVENTURA MÍTICA EM A CANÇÃO DOS NIBELUNGOS

A *canção dos Nibelungos*²³, de autoria anônima, data do século VIII, e sua origem encontra-se na narrativa mítica *Edda*, de origem nórdica. Há a versão em verso, mais antiga e vista como aquela que mais se aproxima do mito original, e a versão em prosa, escrita por Snorri Sturluson²⁴. O segundo é um texto em que se busca uma arte poética definida para sua produção. Há, no entanto, diversas citações que remetem aos deuses nórdicos e suas influências sobre o homem. Patrícia Pires Boulhosa diz que não há uma formalidade nos textos medievais para que se busque qual seria o texto mais próximo das narrativas míticas:

O *Gylfaginning* [terceira parte da *Edda* em prosa] oferece uma interpretação dos séculos XIII e XIV dos mitos nórdicos e, portanto, não pode ser considerada como uma representação cabal da mitologia nórdica. Essa interpretação utiliza-se de vários elementos das tradições cosmogônicas e mitológicas encontrados nos poemas da *Edda* Poética e dispersamente na literatura islandesa em prosa. Mesmo a *Edda* Poética, no entanto, não apresenta um sistema mitológico único e coerente [...]²⁵

Outro texto que também remete às questões de *A canção dos Nibelungos* é *A saga dos volsungos*. Não apenas remete, como se identifica: enquanto o primeiro está próximo da

²³ Como não é uma obra de autor específico, para as citações usaremos a sigla ACN (*A Canção dos Nibelungos*) para identificá-la.

²⁴ Foi historiador, poeta e político islandês, nascido em 1178 e falecido em 1241. Existe uma edição em português da *Edda*: STURLUSON, Snorri. **Edda em Prosa**: Textos da Mitologia Nórdica de Snorri Sturluson. Tradução, apresentação e notas de Marcelo Magalhães Lima. Rio de Janeiro: Numen Editora, 1993.

²⁵ BOULHOSA: 2004, p.15.

mitologia germânica – que se formou de elementos nórdicos, o segundo é um relato da Islândia sobre a ascensão e queda de Siegfried/Sigurd²⁶.

Há algumas diferenças nas narrativas, mas suas essências são as mesmas: a história de vida do herói Siegfried (*A canção dos Nibelungos*) ou Sigurd (*A saga dos volsungos*), seu poder, suas vitórias e sua morte²⁷. Com menor caráter romântico que a primeira parte das narrativas, segue-se a vida de Kriemhild/Grimhild com seu novo marido, Etzel/Atli, como continuação das obras.

A Islândia foi colonizada tardiamente, próximo ao ano 1000, quando Haraldr inn Hárfagri fugiu da tirania do rei da Noruega. Em consequência disso, as obras geradas nesse país são posteriores às da origem germânica, de modo que *A canção dos Nibelungos*²⁸ se aproxime mais da *Edda*.

Segundo Valéria Sabrina Pereira, “*A canção dos Nibelungos* é uma das poucas obras de sua época que pertencem ao gênero da epopéia heróica, a maioria delas relacionada ao ciclo do Rei Artur e ao gênero do romance cortês”²⁹. Sendo assim, destaca-se das narrativas medievais por explorar a origem de certos povos, o que caracteriza seu lado mítico. Diz ainda a teórica que a obra “relatava sobre personagens que remetiam a figuras da migração dos povos, parecendo ser um livro de história alemã. Essas foram algumas das razões que fizeram que ele fosse eleito o épico nacional alemão [...]”³⁰. Tal fragmento ilustra a aventura mítica, pois a migração dos povos terá relevância na medida em que a personagem principal, Siegfried, tentará tomar o poder de certas terras para justamente aumentar seu domínio so-

²⁶ Neste momento, utilizamos a barra para identificar primeiro o nome na versão de *A canção dos Nibelungos* e depois a de *A saga dos Volsungos*. Faz-se necessário, pois como são versões diferentes, naturalmente os nomes associados também o são.

²⁷ Na seção *Anexos*, está uma tabela comparativa entre as duas narrativas, extraídas de PEREIRA: 2006, p.29-33.

²⁸ Cabe ressaltar que essa obra chega a nós através de manuscritos medievais compilados por monges cristãos a partir de documentos pré-cristãos. Assim, uma série de elementos é omitida ou se perde, além de se acrescentar a moralidade cristã medieval, o código de cavalaria, as noções dicotômicas entre bem e mal, além do pecado. A tendência de nossa análise não será a partir de preceitos religiosos, mas se prenderá aos esforços do herói rumo a seu objetivo.

²⁹ PEREIRA: 2006, p.18.

bre outros povos – como foi o imaginário da Antigüidade e da Idade Média, épocas em que se buscava maior território como sinônimo de grandeza e de poder.

2.1. A partida

Para que comecemos um caminho, é necessário que partamos de um princípio. Na primeira parte da aventura mítica, temos as questões preliminares às ações do herói: chamadas, descobertas e conselhos. A partir disso, nascerá o movimento da personagem no decorrer da narrativa.

2.1.1 O chamado da aventura

O chamado da aventura é uma situação à qual o herói se sentirá atraído e convidado a enfrentar obstáculos que o tornarão um ser superior. Segundo Campbell, o chamado da aventura

significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas: como uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas.³¹

O caso de Siegfried não era diferente: durante uma festa dada pela corte dos Países Baixos, governados pelos pais de Siegfried, Siegmund e Sieglind, o herói demonstra não ter o objetivo de usar a coroa do reino antes do falecimento de seus pais:

Dos poderosos nobres ouviu-se depois dizer que gostariam de ter o jovem Siegfried como senhor, mas não era o que queria o belo herói; o amado filho de Siegmund e Sieglind não pretendia usar a coroa enquanto vivessem seus pais. Porém, como um valente guerreiro, desejava o poder de afastar toda a violência que temia para suas terras.³²

Sua vontade era de manter o reino harmônico, sem pensar em nada que lhe pudesse fazer mal. Com isso, Siegfried foca seu objetivo em algo muito mais valioso: desposar Kriemhild, princesa de Worms.

³⁰ PEREIRA: 2006, p.19.

³¹ CAMPBELL: 2007, p.66.

³² ACN: 2001, p.17.

Ao ouvir sobre uma bela princesa que vivia na terra dos burgúndios, que se negava a todos os pretendentes por ainda não ter encontrado o ideal para o casamento, Siegfried resolve o seguinte: “Tomarei como esposa Kriemhild, a bela jovem da terra dos burgúndios, por sua grande beleza. Isto bem sei: mesmo se o mais poderoso de todos os reis desejasse uma esposa, seria para ele uma honra cortejar esta nobre princesa!”³³.

Este é o grande chamado, o primeiro movimento que fará com que o herói abandone seu lar: o casamento. Em busca de tal objetivo, tornar-se-á não simplesmente o filho dos reis dos Países Baixos, mas um príncipe com família, capaz de governar seu povo posteriormente, ele parte.

2.1.2 A recusa ao chamado

Se a recusa ao chamado é um vacilo, uma dúvida do herói sobre a possibilidade de ir ou não à aventura, tal passo não existe n’*A canção dos Nibelungos*. Para Campbell,

com freqüência, na vida real, e com não menos freqüência, nos mitos e contos populares, encontramos o triste caso do chamado que não obtém resposta; pois sempre é possível desviar a atenção para outros interesses. A recusa à convocação converte a aventura em sua contraparte negativa. [...] Seu mundo florescente torna-se um deserto cheio de pedras e sua vida dá impressão de falta de sentido. [...] ³⁴

Tal é o desprendimento de Siegfried e a clareza de seu objetivo que ele não o nega em nenhum momento. Na narrativa, após estabelecer sua meta, o herói é chamado pelo pai para uma conversa, em que ele destacará os prós e os contras de tal missão. Siegmund e Sieglind “tentaram, portanto, fazer com que Siegfried desistisse de seus propósitos”³⁵, mas não obtiveram o resultado desejado.

2.1.3 O auxílio sobrenatural

O auxílio sobrenatural é, em verdade, um encontro com o mentor. Segundo Campbell,

³³ ACN: 2001, p.21.

³⁴ CAMPBELL: 2007, p.66-67.

³⁵ ACN: 2001, p.22.

para aqueles que não recusaram o chamado, o primeiro encontro da jornada do herói se dá com uma figura protetora (que, com frequência, é um ancião ou anciã), que fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se.³⁶

Traduz-se no chamado de Siegmund a Siegfried para uma conversa sobre a viagem que o jovem pretende realizar. Siegmund é o rei, homem dotado de experiência, que vem ao filho trazer suas idéias e as ferramentas necessárias para concretizar sua missão. O conselho do pai é a grande arma a ser utilizada pelo herói em sua viagem.

Siegfried expõe ao pai o desejo de casar com Kriemhild. O progenitor, pois, dá-lhe o seguinte conselho:

“Se não pretendes desistir”, disse o rei, “alegro-me por tua iniciativa e ajudar-te-ei a realizar tuas intenções da melhor maneira que puder. Lembra-te, porém, de que o rei Gunther tem muitos vassalos orgulhosos. Mesmo que ele não tivesse nenhum outro além do guerreiro Hagen: ele é tão arrogante que temo o mal que nos poderia causar se pedíssemos a mão da bela jovem”³⁷.

Essa fala do rei deflagra logo no início os grandes problemas que Siegfried terá durante a viagem: a aceitação de Hagen referente à sua presença e a conspiração contra o príncipe dos Países Baixos. Mostra-se, assim, a sapiência de Siegmund, que, em sua primeira fala, prevê o futuro do filho.

Em relação à auto-valorização do príncipe em lutas e em viagens, o rei também o aconselha:

“Como pode isto nos preocupar?”, perguntou Siegfried. “O que não puder conseguir deles pacificamente conseguirei com minha própria coragem. Confio em que serei capaz de tirar-lhes à força tanto as terras como o poder!”
“Tuas palavras causam-me aflição”, disse o rei Siegmund, “se souberem disso nas terras do Reno, sequer poderás entrar nelas. Conheço Gunther e Gernot há muito tempo e sei de fonte segura que ninguém conseguirá conquistar sua irmã através da violência, mas, se desejas cavalgar com guerreiros àquelas terras, podemos convocar rapidamente nossos aliados.”
“Não pretendo levar exércitos comigo ao Reno para conquistar a jovem pela violência”, disse Siegfried, “isso só me causaria pesar. Confio em que serei capaz de conquistá-la sem ajuda alguma. Em doze iremos às terras de Gunther, e nos preparativos para esta viagem deveis ajudar-me, meu pai!”³⁸

³⁶ CAMPBELL: 2007, p.74.

³⁷ ANÔNIMO: 2001, p.22.

³⁸ Idem, p.23.

No diálogo entre pai e filho, há dois conceitos: o primeiro, as características de Siegfried relativas ao destemor, como se fosse já um ser superior sem ter superado qualquer adversidade; o segundo, o auxílio racional do pai.

O pai, portanto, aconselha o filho sobre as duas faces de Hagen: a que é capaz, de acordo com os ditos, de mostrar-se próximo ao herói, como um bom escudeiro, e a violenta, que planeja a queda de Siegfried. Caso queiramos expor tal idéia num binômio não seria um erro, pois no decorrer da narrativa mostrar-se-á Hagen como uma personagem que interferirá no percurso do herói, abusando da violência, psicológica ou física, para que o objetivo não seja atingido. O conselho do pai aproxima Hagen da violência, demonstrando sua utilidade para a aventura mítica, tendo em vista que se expõe a real dificuldade de Siegfried logo no início.

2.1.4 A travessia do primeiro limiar

O que há entre o fim do primeiro ato – que compreende os aspectos anteriores, preliminares à aventura – e o início do segundo, é a travessia do primeiro limiar, o momento da ação. Segundo Campbell,

Tendo as personificações do seu destino a ajudá-lo e a guiá-lo, o herói segue sua aventura até chegar ao “guardião do limiar”, na porta que leva à área da força ampliada. Esses defensores guardam o mundo nas quatro direções – assim como em cima e embaixo –, marcando os limites da esfera ou horizonte da vida presente do herói. Além desses limites, estão as trevas, o desconhecido e o perigo, da mesma forma como, além do olhar paternal, há perigo para a criança e, além da proteção da sociedade, perigo para o membro da tribo. A pessoa comum está mais do que contente, tem até orgulho, em permanecer no interior dos limites indicados, e a crença popular lhe dá todas as razões para temer tanto o primeiro passo na direção do inexplorado.³⁹

Podemos caracterizar tal situação pela cavalcada de Siegfried do reino dos Países Baixos até Worms. O seguinte fragmento marca o fim do primeiro ato:

³⁹ CAMPBELL: 2007, p.82.

Chegou o dia de sua viagem à terra dos burgúndios, e muitos se perguntavam se algum dia os guerreiros retornariam à sua terra. Estes, porém, carregavam com armas e equipamentos seus animais de carga. Seus cavalos eram vistosos, seus arreios rubros de ouro; ninguém tinha maior motivo de orgulho que Siegfried e seus homens. Siegfried pediu permissão para partir para a terra dos burgúndios, o que o rei e sua mulher concederam com tristeza. Ele consolou-os afetuosamente e disse: “Não deveis chorar por mim, nem temer que eu possa estar em perigo!”⁴⁰

A viagem de Siegfried é indicada por grande perigo. Quando a personagem diz que ninguém deve chorar ou temer pelos perigos que pode sofrer, admite justamente essa possibilidade. Denota que sua ida e sua aventura não serão tranqüilas. Independentemente disso, um ato da narrativa está finalizado.

Logo adiante, revela-se o percurso viajado:

Na sétima manhã cavalgavam os corajosos pela areia às margens do Reno em Worms. Suas armas brilhavam, rubros de ouro, seus arreios eram excelentes e seus cavalos seguiam tranqüilos; traziam largos escudos, novos e brilhantes, e belos elmos. Assim cavalgava Siegfried nas terras de Gunther em direção à corte. [...] Assim chegaram a seu destino. Pessoas olhavam-nos de todos os lados e muitos dos homens de Gunther foram ao seu encontro. Cavaleiros e escudeiros foram até os senhores e, segundo o bom costume, deram-lhe boas-vindas a suas terras, tomando em sua guarda cavalos e escudos.⁴¹

Esse movimento mostra a transposição de cenário, de ambientação. O herói e seus súditos saem dos Países Baixos e ingressam em Worms, terra de Gunther, dos burgúndios. Como grandes mercedores de privilégios, são recebidos pelos burgúndios, a quem logo Siegfried se dirigirá para saber onde está seu rei. Ao descobrir, vai ao seu encontro, iniciando o segundo ato da narrativa.

2.1.5 O ventre da baleia

A partir da entrada dos homens de Siegfried em Worms, dá-se a passagem do limiar mágico para uma esfera de renascimento, o local das próximas aventuras.

⁴⁰ ACN: 2001, p.23.

⁴¹ Idem, p.23-24.

Essa imagem é caracterizada pelo ventre da baleia, pois é o início de um novo ciclo vital rumo ao desconhecido. Para Campbell,

A idéia de que a passagem do limiar mágico é uma passagem para uma esfera de renascimento é simbolizada na imagem mundial do útero, ou ventre da baleia. O herói, em lugar de conquistar ou aplacar a força do limiar, é jogado no desconhecido, dando a impressão de que morreu.⁴²

Durante os preparativos, “Os cavaleiros entristeceram-se e muitas jovens choraram. Imagino que seus corações já previam que isso terminaria em morte para muitos de seus amigos. Não lamentavam sem razão, tinham bons motivos”⁴³. Dessa forma, a imagem de que os cavaleiros já estariam mortos para os Países Baixos ilustra o fim de um ciclo, que corresponderia à vida em tal reinado. A partir de então, uma nova vida aparecerá, identificado pelos movimentos em Worms e suas decorrências.

Quando Siegfried chega ao novo reino, não é reconhecido por Gunther. Esse pede a Hagen que comente sobre sua identidade. Hagen, então, discorre sobre o herói, contando seus feitos até então não revelados na narrativa. Diz ele que descobriu o tesouro dos nibelungos, com o qual ficou muito admirado; tentou dividir o ouro entre ele e dois anões que lá se encontravam - Schilbung e Nibelung –, porém vê que isso não é possível. Doze gigantes que se faziam presentes lutaram com Siegfried, mas todos foram derrotados pelo poderoso herói. Conquistou, assim, muitas terras e ouro. Matou dois poderosos reis e venceu Alberich, de quem tomou o manto da invisibilidade. Esse último aliou-se a Siegfried, após juramento de que lhe serviria fielmente.

Siegfried e os homens de Gunther se encontram. Sem meias palavras, o filho de Siegmund diz que pretende tomar as terras dos burgúndios, o que enraivece seus defensores:

“Gostaria muito de saber”, disse logo o rei, “de onde viestes, nobre Siegfried, e o que vos traz a Worms sobre o Reno.”
O estrangeiro respondeu ao rei: “Isto não vos ocultarei. [...] Também sou um guerreiro e deveria portar uma coroa, mas meu maior desejo é conseguir que

⁴² CAMPBELL: 2007, p.91.

⁴³ Idem, p.92.

se diga de mim que possuo terras e povos por direito, por isso arrisco minha honra e também minha vida. Já que sois tão corajoso quanto me foi dito, pretendo tomar à força tudo o que possuí. Vossas terras e burgos ficarão sob meu domínio.”

“Que fiz para merecê-lo?”, perguntou Gunther.

[...] [Siegfried diz] “Se vossas forças não bastam para manter em paz estas terras, tornar-me-ei senhor de tudo. Que assim seja também com as terras que me pertencem por herança! Se vós as conquistares pela força, delas serás senhor. [...]”⁴⁴

O diálogo entre o herói e o rei de Worms é ríspido, demonstrando o desconhecimento de ambos. Um sabe pouco sobre o outro, mas a personagem principal assume a função de conquistador e anseia pelas novas terras. Os homens de Gunther presentes – Hagen, Gernot, Ortwin – tentam dialogar com Siegfried, mas as respostas irritam tanto as personagens que, não fosse a intervenção de Ortwin, haveria guerra entre todos. Como percebe a grandiosidade de Siegfried através da conversa com Ortwin, o rei Gunther convida Siegfried a conhecer o reino de Worms e a desfrutar de seu espaço e riquezas.

Siegfried fica no reino por cerca de um ano, sem nunca ter visto Kriemhild. Para recuperar seu objetivo – afinal, ainda estamos em reestruturação de ciclo – o herói se questiona: “Como farei para ver com meus próprios olhos esta nobre donzela? Entristece-me saber que aquela a quem amo há tanto tempo com todo o meu coração é ainda para mim desconhecida!”⁴⁵. Retomando o fio condutor de seu objetivo, percebe-se que é hora de sair do ventre da baleia e partir para o caminho de provas.

2.2 A iniciação

A segunda parte da narrativa remete às ações da personagem para conquistar seu objetivo.

⁴⁴ ACN: 2001, p.27.

⁴⁵ Idem, p.29-30.

Após tê-lo estabelecido, recebidos os conselhos e partido ao desconhecido, chega o momento de provar as suas habilidades e a real capacidade de atingir sua meta.

2.2.1 O caminho das provas

O caminho de provas é a fase da aventura em que o herói enfrentará suas grandes adversidades. Diz Campbell que

Tendo cruzado o primeiro limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. [...] O herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região. Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda a parte, que o sustenta em sua passagem sobre-humana.⁴⁶

Nesta altura da narrativa, o herói descobre uma forma de conhecer Kriemhild: lutando contra os saxões e os dinamarqueses, a convite de Gunther. O que caracteriza esse caminho é o auxílio, que se dá através do conselho, o qual seria o agente sobrenatural visto em *A partida*. No caso, a fala do rei dos Países Baixos ganha força e o filho terá de se apoiar em tais ditos para conseguir sua sobrevivência.

A luta teria como adversários o rei da Saxônia, Liudeger, e o da Dinamarca, Liudegast, além de um grande exército. Após receber informações de mensageiros sobre os objetivos desses reis, Gunther discute com Hagen sobre a possibilidade do confronto. O último diz que não terá como concentrar esforços no tempo indicado pelos adversários e sugere a presença de Siegfried para que os desafie com eles. Leva-se em consideração que Hagen sabia do poder do filho de Siegmund e, provavelmente, gostaria de tirar proveito disso.

Dessa forma, Siegfried aceita a idéia de lutar:

Siegfried disse: “Surpreende-me ver tão alterada a alegre disposição que nos mostrais todo o tempo!”
Gunther, o belo cavaleiro, respondeu: “Não devo contar a todos sobre minhas inquietações. Só a verdadeiros amigos devem-se confiar os sofrimentos do coração!”

⁴⁶ CAMPBELL: 2007, p.102.

Siegfried tornou-se pálido e em seguida enrubesceu. Disse ao rei: “Nunca vos recusei nada, ajudar-vos-ei a afastar todas as vossas preocupações. Se buscais amigos, devo então ser um deles, e tenho fé que o farei honrosamente até o fim de meus dias!”⁴⁷

Ao acordar sobre o auxílio a Gunther, Siegfried mostra sua grandeza: deixa de lado a idéia da conquista da terra e, neste momento, a idéia de casar com Kriemhild. Percebe-se, também, que o rei de Worms para sempre lhe será grato em caso de vitória.

Após ordenar o número de homens que o acompanharia, Siegfried segue para a Saxônia com os guerreiros. De personagens que ganham maior significação na obra, estão presentes Gernot, irmão do rei; Hagen e seu irmão Dankwart; Ortwin; Sindold e Volker. O próprio rei fica sobre suas terras, para guerrear contra quem se aproximasse delas.

Chegam ao campo de batalha e Siegfried assume a função de coordenar o grupo durante o ataque:

Chegando à fronteira, deixaram os escudeiros, e o forte Siegfried perguntou: “Quem assumirá aqui o comando?”
“Deixai que o bravo Dankwart comande as hostes”, responderam eles, “ele é um hábil cavaleiro e assim perderemos menos homens a Liudeger. Deixai que Dankwart e Ortwin comandem a retaguarda!”
“Eu mesmo cavalgarei”, disse Siegfried, “e farei um reconhecimento do inimigo, até descobrir onde se encontram seus guerreiros.”⁴⁸

Depois disso, souberam que havia mais de quarenta mil homens na esquadra adversária, o que traria uma luta violenta e, referencialmente, capaz de trazer maior glória. O que desejaria um grande herói a não ser combater inúmeros inimigos e sair vitorioso?

Siegfried avança sobre o exército saxão e descobre Liudegast nas proximidades. A luta entre ambos, que a narrativa explora, é a primeira prova do caminho que estava por acontecer:

Liudegast reconheceu que tinha diante de si um inimigo. Ambos golpearam seus cavalos com as esporas e apontaram vigorosamente suas lanças para o escudo um do outro, e o resultado foi que o poderoso rei logo estava em perigo. Os cavalos que carregavam os filhos de poderosos reis passaram para um novo ataque, e os ferozes lutadores agarraram suas espadas. Siegfried

⁴⁷ ACN: 2001, p.34-35.

⁴⁸ Idem, p.37.

então desferiu-lhe um golpe que repercutiu por toda a planície, arrancando faíscas de fogo do elmo de seu inimigo, como que de tochas; mas eram guerreiros semelhantes e também Liudegast atingiu-o com cruéis golpes. A força de cada um era dirigida ao escudo do outro. Trinta dos homens de Liudegast patrulhavam aquela área, mas, antes que viessem em seu auxílio, Siegfried venceu. Com sua afiada espada provocou-lhe três grandes ferimentos apesar do excelente corselete, fazendo com que perdesse muito sangue e arrefecendo todo o seu ânimo. Liudegast suplicou-lhe que o deixasse viver, oferecendo em troca suas terras, e disse quem era.⁴⁹

Pela descrição da luta, percebemos que Siegfried não encontrou grandes dificuldades para vencer Liudegast, apesar de seu rival ter-lhe desferido “cruéis golpes”. Assim, Liudegast foi levado aos homens de Worms. Os dinamarqueses foram tomados de aflição e seu irmão, Liudeger, de grande raiva. Dentro do campo de batalha, a primeira prova de Siegfried havia sido concluída.

Os guerreiros partem, então, ao ataque e dizimam grande número da frota dos dinamarqueses e dos saxões. Em seguida, Siegfried chegará à luta com Liudeger:

Ao ver Siegfried à sua frente, trazendo erguida na mão a afiada Balmung e matando muitos de seus homens, o poderoso Liudeger foi tomado de terrível fúria. Houve um grande tumulto e o ressoar das armas aumentou quando seus homens entraram em luta corporal. [...] Tão fortes eram os golpes de Liudeger que o cavalo de Siegfried cambaleou, mas logo se recuperou, e Siegfried enfureceu-se terrivelmente. [...] Em meio à densa batalha muitos guerreiros desmontaram de seus cavalos, e também o valente Siegfried e Liudeger, que investiram um contra o outro, enquanto por sobre eles voavam lanças afiadas. [...] ⁵⁰

Primeiramente, há um objeto mágico nessa altura da narrativa que ganha efeito: a espada Balmung. Na fala de Hagen a Gunther, sobre o que conhecia a respeito de Siegfried, ele cita a presença da espada como a mais bela e bem feita arma, a qual derrotou inúmeros inimigos na luta de Siegfried pelo tesouro dos Nibelungos. Novamente, com essa arma, Siegfried matou vários cavaleiros, arrebatou Liudegast e, agora, Liudeger. Dentro das referências do caminho de provas, Campbell afirma a existência de um amuleto, que lhe traria a boa sorte. Cremos ser Balmung, a espada que o herói carrega.

⁴⁹ ACN: 2001, p.37-38.

⁵⁰ Idem, p.37-38.

Outro elemento que valoriza a grandiosidade de Siegfried e o auxilia nas provas é a coroa exposta em seu escudo. Ao reconhecê-la, Liudeger abandona o campo de batalha. Também, tal como Hagen, conhece as façanhas de Siegfried e percebe nele o grande guerreiro que é. Diz que a ida do herói à terra dos saxões é um “envio do diabo”. Vê-se que os saxões igualavam o poder do diabo ao de Siegfried, pois o primeiro só enviaria especialmente alguém a um determinado local se tivesse reais condições de atingir seu objetivo. Naturalmente, a imagem do diabo é associada pelos saxões devido à sua derrota, pois se fosse a seu auxílio provavelmente não seria dito o mesmo. Sendo assim, o que se extrai desse fragmento é a força de Siegfried, seja a física ou a repercussão da mesma pelo mundo.

Para finalizar esta parte, na fala do mensageiro a Kriemhild sobre a guerra com os saxões:

“Os guerreiros do Reno lutaram com tal determinação que seus inimigos jamais deveriam ter iniciado a guerra. [...] Porém, do início ao fim da guerra, cabe a Siegfried o mérito dos mais prodigiosos feitos que já foram testemunhados. Ele traz, subjugados por sua força, preciosos prisioneiros à terra de Gunther [...]: ambos foram capturados por Siegfried, e nunca antes foram trazidos tantos prisioneiros ao Reno, graças a ele!” Kriemhild não poderia ter recebido melhores notícias.⁵¹

A glorificação de Siegfried percorre toda a terra dos burgúndios. Todas as pessoas têm ciência da força do herói e reconhecem o seu valor. Assim, o caminho de provas é vencido e ele partirá para encontrar, finalmente, a sua amada.

2.2.2 O encontro com a deusa

O próximo passo da aventura mítica não se dá com uma imagem abstrata ou sobrenatural. Há uma união em que se estabelecerá a força do herói. Para Campbell,

A aventura última, quando todas as barreiras e ogros foram vencidos, costuma ser representada como um casamento místico (*hierógramos*) da alma-herói triunfante com a Rainha-Deusa do Mundo. Trata-se da crise de nadir, no zênite ou no canto mais extremo da Terra, no ponto central do cosmo, no tabernáculo do tempo ou nas trevas da câmara mais profunda do coração.⁵²

⁵¹ ACN: 2001, p.42.

⁵² CAMPBELL: 2007, p.111.

Não haverá uma deusa que descerá do reino dos céus ou virá de um Olimpo para deixar sua sabedoria ou fazer com que o herói sintá-se mais poderoso. O próximo passo será o casamento místico, em que a alma-herói triunfante se unirá à Rainha-Deusa do mundo. No caso, a alma-herói é Siegfried e a Rainha-Deusa do mundo, Kriemhild.

Objetivava-a por ser alguém de valor, na medida em que não casou com quaisquer de seus pretendentes, à espera de um valoroso futuro rei. A partir disso, há o endeusamento da personagem, pois a glorificação é feita como se fosse alguém superior.

Siegfried ficou um ano em Worms sem ter visto a amada. Lutou contra saxões e dinamarqueses ainda sem se aproximar da moça. Após a luta, essa possibilidade é posta em realidade. Depois de tanto ovacionar a princesa dos burgúndios, Siegfried a veria pela primeira vez.

Gunther resolve comemorar com uma festa a vitória contra Liudeger e Liudegast. Os guerreiros são convidados. Sugere-se que todos conheçam as belas moças de Worms. Assim surge Kriemhild, ao lado da mãe, Uote. Enquanto os guerreiros aproximam-se para conhecer as damas de companhia, Siegfried prende sua atenção na irmã de Gunther:

Como a aurora surgindo através das nuvens escuras, assim também surgiu a adorável donzela, aliviando o sofrimento daquele que havia tanto tempo a amava secretamente. Ele viu a formosa jovem à sua frente, em todo seu esplendor: muitas pedras preciosas luziam em seu vestido, e suas faces rosadas brilhavam adoravelmente. Mesmo se um homem pudesse ter qualquer coisa que desejasse, ele jamais poderia afirmar ter visto algo de maior beleza nesse mundo.⁵³

Vê-se que ela tem um tom de superioridade sobre qualquer criatura, pois a beleza que possui chama a atenção de todos, em particular a do maior herói da última luta dos burgúndios. Assim, há um princípio de união entre Siegfried e Kriemhild, entre a alma-herói triunfante e a Deusa-Rainha do mundo.

⁵³ ACN: 2001, 50-51.

Gunther sabia das intenções de Siegfried para com sua irmã e fornece a possibilidade de maiores concretizações. Após sugestão de seu irmão Gernot, o rei concede uma aproximação entre ambos:

Familiares de Gunther foram até onde se encontrava o herói dos Países Baixos e disseram: “O rei concedeu-vos permissão para ir até sua presença, ele deseja honrar-vos com a saudação de sua irmã.” [...]

A bela jovem viu as faces do orgulhoso cavaleiro enrubescerem quando ele chegou diante dela, e disse: “Sede bem-vindo, senhor Siegfried, nobre e bravo cavaleiro.” Este cumprimento elevou seu espírito às alturas. Ele inclinou-se diante da donzela, que o tomou pela mão. Com que ardor ele caminhou a seu lado! O cavaleiro e a dama trocaram ternos olhares, mas isso foi feito secretamente. Se brancas mãos apertaram-se afeiçoadamente movidas por um doce amor?⁵⁴

Siegfried aproxima-se da bela mulher e sente que seus objetivos estão por ser atingidos. Se olhares foram trocados secretamente, por que o fariam se não fosse por algo maior do que aquele encontro? O casamento místico logo se concretizaria, através de um simples gesto: “Kriemhild recebeu permissão para beijar o belo homem, e nunca em sua vida algo trouxe a ele mais alegria.”⁵⁵. Ora, se a idéia de concretizar essa união do homem poderoso com uma mulher superior se torna possível, nada mais indicado do que o contato físico entre ambos para sacramentar tal feito. Mais do que isso, uma prova – ou ao menos uma tentativa – de intimidade entre os dois pólos. Com isso, a aproximação entre ambos se constitui.

2.2.3 A mulher como tentação

Siegfried endeusou Kriemhild, já que ela era seu grande objetivo. Assim, sua amada não era apenas uma bela mulher, mas a tentação para o avanço do herói. Para Campbell,

O casamento místico com a Rainha-Deusa do Mundo representa o domínio total da vida por parte do herói; pois a mulher é a vida do herói, seu conhecedor e seu mestre. E os testes por que passou o herói, preliminares de sua experiência e façanha últimas, simbolizaram as crises de percepção por meio das quais sua consciência foi amplificada e capacitada a enfrentar a plena posse da mãe-destruidora, de sua noiva inevitável. Com isso, ele aprendeu que ele e seu pai são um só: ele está no lugar do pai.⁵⁶

⁵⁴ ACN: 2001, p.51-52.

⁵⁵ Idem, p.52

⁵⁶ CAMPBELL: 2007, p.121.

Na verdade, isso reflete o domínio total da vida por parte do herói. A mulher é a vida, por quem lutou, garantiu objetivos, enquanto o herói é seu conhecedor e mestre, devido aos objetivos que atingiu. Os desafios vencidos anteriormente elucidaram a idéia de que o herói é capaz de contrapor-se à mãe-destruidora e assemelhar-se ao pai, mantendo assim o grande anseio do ciclo vital do ser humano: multiplicar a espécie.

Em fragmentos do subtítulo anterior, vimos como Siegfried é tentado pela irmã de Gunther, o que pode ser ainda ratificado com o seguinte fragmento:

Siegfried mal podia esperar até que a missa terminasse. Estaria para sempre agradecido à sua sorte por ter visto tão favorável a ele a donzela que trazia em seu coração, e também tinha todos os motivos para dedicar sua afeição à bela Kriemhild. Quando ela saiu da catedral, como já havia feito Siegfried, pediram ao bravo cavaleiro que a acompanhasse novamente, e só agora a amável donzela agradeceu-lhe ter lutado de maneira tão magnífica à frente de seus familiares.⁵⁷

A satisfação de Siegfried em vê-la é enorme. O uso de termos como *todos*, evocando sempre o pronome indefinido, indefine o número de motivos que fariam o herói se aproximar da moça. Talvez por que isso não interesse: ela é a tentação do herói, sua Rainha-Deusa, e com ela deve se casar.

As palavras do narrador indicam isso, mas também as palavras de Siegfried complementa mais a idéia: “Sempre os servirei”, disse o cavaleiro, ‘e enquanto viver não descansarei antes de satisfazer todos os seus desejos; mas faço-o, minha senhora Kriemhild, somente para obter vossa estima.”⁵⁸. Assim, compreende-se o desejo de Siegfried, tendo em Kriemhild a grande tentação em nome da qual ele orientará suas tarefas.

2.2.4 A sintonia com o pai

Uma figura é sempre o referencial para o herói. É dela que saem os aprendizados anteriores à aventura. Sendo assim, a sintonia com o pai, para Campbell, é

⁵⁷ ACN: 2001, p.52-53.

⁵⁸ Idem, p.53

a provação a partir da qual o herói deve derivar esperança e garantia da figura masculina do auxiliar, por intermédio de cuja magia (amuletos de pólen ou poder de intercessão) ele é protegido ao longo de todas as assustadoras experiências de iniciação, fragilizadora do ego, do pai. Pois, se for impossível confiar na terrível face do pai, nossa fé deve concentrar-se em algum outro lugar (Mulher-Aranha, Mãe Abençoada); e, com essa confiança necessária ao apoio, suportamos a crise – apenas para descobrir, no final de tudo, que o pai e a mãe se refletem um ao outro e são, em essência, a mesma coisa.⁵⁹

Na seqüência da aventura, Gunther quer ir à Islândia desposar Brünhild, sua rainha. Siegfried, ao saber da vontade do rei, adverte-o sobre os impropérios que a islandesa impõe a quem lhe quer conquistar. “Não vos aconselharia”, disse Siegfried. ‘Esta rainha tem costumes tão terríveis que todos os que a cortejaram pagam um preço muito alto. Deveis por isso desistir dessa viagem.’”⁶⁰. Sua força era indescritível, pois tinha um elemento mágico como adorno: um cinturão, cujo poder engrandecia a pessoa. Assim, a rainha da Islândia poderia vencer qualquer adversário, menos aquele que tomaria por esposo.

Hagen propõe que ele acompanhe o rei à vitória, mas sob uma condição: o casamento com Kriemhild. Gunther aceita a proposta e ambos, junto com outros guerreiros, rumam à ilha nórdica.

O elemento mágico que auxiliará Siegfried nessa missão é o manto da invisibilidade, retirado de Alberich:

Os bravos e fortes guerreiros preparavam-se para a viagem. Siegfried deveria levar consigo o manto da invisibilidade, que havia tomado do anão Alberich correndo grande perigo. Quando Siegfried vestia o manto mágico, adquiria a força de quinze homens além das suas próprias. Com sua mágica conquistaria a belíssima donzela, pois o manto permitia a quem quer que o trajasse fazer o que quisesse, sem ser visto por ninguém. Assim ele conquistou Brünhild, mas isso traria a ele muito sofrimento mais tarde.⁶¹

A sintonia com o pai é o receio em realizar determinadas ações: Siegmund dizia ao filho ser receoso de sua viagem a Worms por conhecer os governantes de tal terra e temer por sua vida. Siegfried não o escutou e partiu. Ao final de sua participação da narrativa, vê-se

⁵⁹ CAMPBELL: 2007, p.128.

⁶⁰ ACN: 2001, p.59.

⁶¹ Idem, p.60.

que o pai estava certo. Agora, quando o rei dos burgúndios propõe a ida à Islândia, Siegfried ressentido de maior confiança e pede que o rei desista de sua idéia. Tendo em vista a negativa, resolve ajudá-lo, tal como o pai já fizera. Os atos nas relações pai-filho e Siegfried-Gunther trarão uma conseqüência terrível para o herói da narrativa.

2.2.5 Apoteose

A apoteose é a divinização, a soma de louvores que se presta a um indivíduo superior, um final deslumbrante. Essa será a tônica da luta entre Siegfried/Gunther e Brünhild.

Ao chegarem na ilha islandesa, Gunther viu sua futura esposa. Quando soube da chegada dos forasteiros, Brünhild pediu informações sobre eles. Responderam-lhe primeiramente sobre Siegfried e sua reputação, só depois falaram sobre Gunther. Julgou a rainha, portanto, e com muito orgulho, que quem viria desposá-la era o rei dos Nibelungos.

A ilusão da rainha terminou quando da apresentação dos forasteiros. Ela cumprimentou Siegfried primeiramente, mas esse passou as honras a Gunther. Brünhild abandonou sua cordialidade e já impôs as lutas ao adversário:

Respondeu a graciosa donzela: “Ele deverá arremessar a pedra e alcançá-la em saltos, e atirar comigo a lança. Não sejais precipitados, pois aqui bem podeis perder vosso renome e também vossas vidas. Deveis refletir bem!”

O corajoso Siegfried aproximou-se do rei e falou-lhe que não tivesse medo e que dissesse à rainha todas as suas intenções. “Proteger-vos-ei dela com meus artifícios.”

O rei Gunther disse: “Nobre rainha, colocai as regras como desejardes. Ainda que houvesse mais delas, superá-las-ia todas, por amor à vossa beleza, e, se eu falhar em fazer de vós minha esposa, quero perder minha vida!”⁶²

A proposta da rainha islandesa era de difícil realização para Gunther, mas com a ajuda de Siegfried e o manto da invisibilidade, tal poderia ser realizado. Siegfried desde então lembra o auxílio que ele dará e faz com que Gunther vá à luta.

⁶² ACN: 2001, p.72.

Brünhild não queria que qualquer homem a desposasse, por isso armou-se como se fosse para a guerra. Tinha idéia de que Gunther não conseguiria atingir seu objetivo, o que a levou mais destemida ao campo de batalha:

Chegou então Brünhild, armada como se devesse lutar contra todos os reinos do mundo. [...] Em seguida, veio sua comitiva, trazendo um enorme e largo escudo [...]. O homem a quem ela haveria de oferecer seus favores deveria ser muito destemido, pois o escudo que a donzela deveria trazer media, segundo nos foi dito, cerca de três palmos de espessura. Era feito de aço e ouro em tal quantidade que, ainda que ajudado por outros três, o camareiro de Brünhild mal conseguia levantá-lo.⁶³

A luta seria de extrema dificuldade. Assim, em caso de vitória, teremos a apoteose, pois a divinização de certa personagem acontecerá em um grande final.

Inicia-se a batalha contra a rainha da Islândia, mas eles realmente não contavam era com a grande força da mulher:

A força de Brünhild mostrou-se tremenda. Trouxeram-lhe uma pedra arredondada para o interior do círculo, gigantesca e muito pesada, doze vigorosos guerreiros mal conseguiam carregá-la. Brünhild costumava atirá-la depois de arremessar a lança. Os burgúndios encheram-se de terror. [...] Ela dobrou as mangas sobre seus braços muito brancos, segurou firmemente seu escudo e brandiu sua lança no ar, assim a luta começou. Gunther e Siegfried temeram a hostilidade de Brünhild, e ela teria tirado a vida do rei, se Siegfried não houvesse vindo em sua ajuda. Invisível, ele foi até Gunther e tocou sua mão, assustando-o com sua mágica.⁶⁴

Percebe-se que Siegfried chega já invisível para ajudar Gunther. Diz-se na narrativa que, após definirem quando e onde será a luta e se arrumarem para tal, o herói saiu escondido do local e foi até a barca onde se encontrava o manto da invisibilidade. Vestiu-o e ninguém mais o via. Apenas na hora da luta, Gunther descobre sua presença.

A força da mulher é descomunal, o que se associa à idéia de Rainha-Deusa do mundo. Agora, porém, quem quer conquistar essa mulher é Gunther, que não tem caráter heróico na narrativa. Por isso, a ajuda de Siegfried é fundamental: ele praticamente lutará com a “be-la donzela” no lugar de Gunther e a vencerá. Afinal, não se pode desconsiderar a idéia de

⁶³ ACN: 2001, p.73-74.

⁶⁴ Idem, p.75.

que Siegfried já havia vencido saxões e dinamarqueses, seu caminho de provas. Gunther não passara por isso. Somente aquele que já teve comprovadamente sua força posta em prova poderia vencer uma batalha em tal nível. Apenas Siegfried poderia fazê-lo, pois a conquista da Rainha-Deusa do mundo já fazia parte de sua vida.

A luta continua e Siegfried arremessa a lança e derruba Brünhild. Ela sente o golpe e diz: “Nobre cavaleiro Gunther, cumprimento-vos por este arremesso”, disse ela. Acreditava que o fizera com suas próprias forças, mas um homem muito mais forte de fato a havia derubado.”⁶⁵. A batalha continua e Siegfried guia Gunther à vitória.

Eis o final apoteótico desse ato:

O salto fora realizado, e a pedra estava sobre o chão. Não se via ninguém além do cavaleiro Gunther, de quem Siegfried havia afastado a morte. A bela Brünhild estava rubra de cólera. Ao ver o guerreiro incólume no seu lado do círculo, disse a seu séquito: “Aproximai-vos meus parentes e soldados! Deveis agora submeter-vos ao rei Gunther!” Os corajosos guerreiros depuseram suas armas e muitos homens valentes ajoelharam-se diante de Gunther, o poderoso rei da terra dos burgúndios, acreditando que ele havia vencido as justas com suas próprias forças.

Gunther saudou a ilustre donzela amavelmente, pois era um homem de maneiras refinadas, e, para alegria de Hagen, ela tomou-o pela mão e concedeu-lhe autoridade para que governasse país.⁶⁶

No final da luta, os guerreiros vindos de Worms conquistam a rainha da Islândia e, por conseguinte, toda a extensão territorial do país. Mais uma vez, Siegfried abastece a façanha devido ao seu heroísmo: não queria que Gunther lutasse, pois sofreria derrota; consente em ajudá-lo a alcançar seus objetivos; auxilia o rei na luta contra Brünhild; vence, sem contestações, através da figura do rei dos burgúndios.

O objetivo é alcançado e temos a apoteose do personagem. Agora, merecidamente, ele receberá sua grande conquista.

2.2.6 A bênção última

⁶⁵ ACN: 2001, p.76.

⁶⁶ Idem, p.76.

Ao passar pela provação suprema e vencer a morte, o herói é recompensado. Campbell esclarece esse momento, ilustrando a finalização da iniciação do herói, quando afirma:

É evidente que as fantasias infantis que todos ainda acalentamos no inconsciente surgem continuamente nos mitos, contos de fadas e nos ensinamentos da Igreja, como símbolos do ser indestrutível. Isso nos ajuda, pois a mente sente-se em casa com as imagens e parece lembrar-se de algo já conhecido. Mas essa circunstância também se configura como obstrução, já que os sentimentos terminam por se manter nos símbolos e resistem apaixonadamente a todo esforço de ir além deles.⁶⁷

A atitude posterior se aproxima do ideal do homem de alcançar seus objetivos. Por isso a criação de uma imagem, desde a infância, do herói como sendo aquele que constrói um caminho e tem seu ideal realizado. Nos contos de fadas, isso é presente (vide *A bela e a fera* ou *A bela adormecida*, por exemplo), o que caracteriza a construção de uma imagem vitoriosa, que pode chegar ao seu objetivo.

Agora, o herói obterá o objeto que busca desde o princípio da história. É neste momento que Siegfried lembrará Gunther da promessa que ele havia feito antes de se encontrar com Brünhild na Islândia, como era seu direito. Imediatamente, Gunther fará conforme o prometido.

“Lembra-vos”, disse ele, “do que me prometestes: se a nobre Brünhild viesse a estas terras eu teria vossa irmã por esposa. O que aconteceu com vossos juramentos? Corri grandes perigos na viagem!”
O rei respondeu a seu hóspede: “Tendes razão em lembrar-me, não pretendo fazer um falso juramento. Quero ajudar-vos da melhor maneira que puder a realizar vosso desejo!”
[...] “Querida irmã!”, disse o rei Gunther. “Por tua bondade deves cumprir meu juramento. Prometi-te a um cavaleiro, e se ele tornar-se teu esposo terás realizado meu desejo com toda a lealdade.” [...]
Siegfried enrubescou sob o olhar amoroso de Kriemhild e agradeceu-lhe modestamente. Ordenaram que ficassem juntos dentro do círculo e perguntaram a Kriemhild se ela aceitava o belo cavaleiro.
Em seu recato virginal ela envergonhou-se, mas para a sorte de Siegfried ela não o recusou, e também o nobre rei dos Países Baixos aceitou-a como sua esposa.⁶⁸

⁶⁷ CAMPBELL: 2007, p.166.

⁶⁸ ACN: 2001, p.100.

Assim, Siegfried atinge seu objetivo e fecha-se mais um ciclo. Renasce, mostra-se superior aos demais homens e seu ideal está pronto. Gunther cumpre com o prometido, Kriemhild aceita seu esposo e ambos podem partir para um novo ambiente, no qual terão o futuro desejado.

2.3 O retorno

Após as buscas terem cessado, é hora de retornar para o lar. A aventura mítica, que se caracteriza pelo movimento cíclico, leva o herói a retornar ao seu lugar de origem para finalizar seu processo. Com isso, o protagonista trará a sabedoria adquirida ou o prêmio pela vitória, o que servirá como renovação para seu mundo.

2.3.1 A recusa ao retorno

A responsabilidade de ser visto como alguém que trouxe conquistas e benfeitorias é freqüentemente negada ao herói. Ilustra Campbell que Buda duvidou da possibilidade de comunicar seus feitos; Machukunda viu-se muito maior que os seus em seu retorno e resolveu se afastar dos mesmos. Logo, a responsabilidade de se tornar um ícone de seu sistema social torna-se um problema para o herói.

Com o herói Siegfried é diferente. Não há uma recusa, diretamente. As festividades dos casamentos de Siegfried com Kriemhild, e de Gunther com Brünhild duram quatorze dias. A questão que se coloca como diferente é o fato de a rainha da Islândia – e agora também de Worms – se negar a manter relações com o marido. Gunther tenta à força, mas como ela detinha poder descomunal, domina o rei e o pendura no teto do quarto, deixando-o lá durante a noite, enquanto ela dorme. Siegfried soube por Gunther e assumiu a função de dominar a mulher novamente, tal como no combate para arranjar o casamento, em solo islandês. Ambos digladiam. Ela fere o herói e esse, possuído pela raiva, a vence.

Talvez não possamos ver esse fato como uma recusa ao retorno com a idéia de que, fisicamente, retornaria à casa dos pais. É possível, entretanto, identificarmos que se nega à

sabedoria adquirida, pois Siegfried dominará Brünhild e levará seu anel de ouro e sua cinta, a que concedia o poder a ela:

Ela disse: “Nobre rei, deixa-me viver! Quero reparar todo o mal que te fiz, e não mais me oporei a teu nobre amor. Percebo agora que sabes como dominar uma mulher.”

Siegfried deixou-a deitada e afastou-se como se pretendesse despir-se e, sem que a rainha percebesse, tirou de seu dedo um anel de ouro e tomou também sua bela cinta, muito bem talhada; não sei se o fez por orgulho. Presenteou com eles sua esposa, o que mais tarde seria para ele motivo de arrependimento.⁶⁹

Por qual motivo Siegfried tiraria os pertences de Brünhild? Não há uma resposta clara na narrativa, mas mostra-se, já que ambas são relacionadas a Gunther, uma saberia o pertence da outra. Logo que se vissem, provavelmente descobririam isso. A atitude do herói foi errada. Soma-se a isso a idéia de que ele já não considerava agradável a idéia de Gunther casar com a islandesa e as aproximações com os receios do pai. Tudo contribui para o final trágico do herói.

2.3.2 A fuga mágica

Teoricamente, ao triunfar, o herói obtém a concessão por parte dos deuses para retornar ao seu mundo com algum elixir destinado à restauração da sociedade; o estágio final de sua aventura terá apoio de seu patrono sobrenatural. Levando-se em consideração que seu objetivo foi atingido sem oposição, não haverá perseguição a ele. Diz Campbell que

Se o herói obtiver, em seu triunfo, a bênção da deusa ou do deus e for explicitamente encarregado de retornar ao mundo com algum elixir destinado à restauração da sociedade, o estágio final de sua aventura será apoiado por todos os poderes do seu patrono sobrenatural. Por outro lado, se o troféu tiver sido obtido com a oposição do seu guardião, ou se o desejo do herói no sentido de retornar para o mundo não tiver agradado aos deuses ou demônios, o último estágio do ciclo mitológico será uma viva, e com frequência cômica, perseguição. Essa fuga pode ser complicada por prodígios de obstrução e evasão mágicas.⁷⁰

Como não há deuses expostos na narrativa, a saída de Siegfried e seus cavaleiros da terra Burgúndia não têm qualquer obstrução, por inserções mágicas ou prodigiosas:

⁶⁹ ACN: 2001, p.106-107.

o filho de Siegmund disse a seus vassallos: “Devemos também preparar-nos para voltar às minhas terras.” Com alegria, sua esposa recebeu essas notícias, e disse ao seu consorte: “Quando devemos partir? Não gostaria de apressar-me. Primeiro meus irmãos devem dividir suas terras comigo”. Siegfried aborreceu-se quando soube desse seu desejo.⁷¹

Primeiramente, a resignação de Siegfried aparece, mas logo resolve com os príncipes burgúndios que sua dama abdicará de sua fortuna, pois nos Países Baixos ela seria a mais rica de todas as rainhas. Ela aceita, mas quer levar homens de sua terra para servi-la – cerca de quinhentos homens e trinta e duas damas de companhia acompanharão a escolta de Siegfried.

Os mensageiros foram enviados à terra do herói e logo foram agraciados pela rainha Sieglind pelas boas novas. A seguir, Siegmund manda que preparem o ambiente para coroar Siegfried e Kriemhild como os novos reis dos Países Baixos:

Siegmund disse na presença de seus amigos: “Declaro a todos os familiares de Siegfried que ele deverá usar minha coroa, tendo estes guerreiros como testemunhas!” Isso foi ouvido com alegria pelo povo dos Países Baixos. Siegmund entregou ao filho sua coroa e seu reino. Ele tornou-se senhor de todas as terras, e sabia fazer justiça, de maneira que o esposo da bela Kriemhild veio a ser um rei muito respeitado por seus súditos.⁷²

Dessa forma, houve o coroamento de ambos e o grande retorno à sua terra natal. Ao final do décimo primeiro capítulo, o narrador faz um resumo dos resultados obtidos e suas conseqüências:

Sempre se ouviam notícias de como os cavaleiros haviam vivido gloriosamente todo esse tempo nas terras de Siegmund, como também viviam Gunther e seus familiares. O país dos nibelungos estava sob domínio de Siegfried, assim como os guerreiros de Schilbung e o tesouro de ambos reis; jamais qualquer um dos membros de sua família havia sido tão poderoso, o que lhe causava muito orgulho. Ele possuía o maior de todos os tesouros já conquistados por um herói, exceto por aqueles que o possuíram antes dele. Conquistara-o com suas próprias forças em uma batalha ao pé de uma montanha, matando para isso muitos bravos guerreiros. Tinha todas as honras que alguém pudesse desejar e, mesmo que não houvesse realizado todos estes feitos, teríamos

⁷⁰ CAMPBELL: 2007, p.198.

⁷¹ ACN: 2001, p.111.

⁷² Idem, p.113.

de admitir que era um dos melhores guerreiros que já se viram sobre um cavalo. Muitos temiam sua força, e com bons motivos.⁷³

O ciclo parece terminado, mas ainda há eventos a ocorrer. Afinal, o conselho do pai e de si próprio não teriam motivação alguma se não surtisse alguma consequência.

2.3.3 O resgate com auxílio externo

A teorização de Campbell nos informa que

O herói pode ser resgatado de sua aventura sobrenatural por meio de assistência externa. Isto é, o mundo tem de ir ao seu encontro e recuperá-lo. Pois a bênção do domicílio profundo não é abandonada com facilidade em favor da auto-dispersão do estado vígil. “Quem, tendo deixado o mundo”, lemos, “dessejaria retornar? Quem assim estivesse, lá ficaria.” E, no entanto, enquanto se estiver vivo, a vida chamará. A sociedade, que tem ciúme daqueles que dela se afastam, virá bater à sua porta. Se o herói não estiver disposto a retornar, aquele que o perturbar sofrerá um pavoroso choque; mas, por outro lado, se aquele que foi chamado apenas estiver sendo retardado – aprisionado pela beatitude do estado de existência perfeita (que se assemelha à morte) –, é efetuado um evidente resgate, e o aventureiro retorna.⁷⁴

Se esse resgate ao mundo original se dá através da ajuda de alguém, tal ponto da aventura mítica não foi realizada por Siegfried. A idéia seria a seguinte: um herói sem disposição para o retorno chocará quem o tentar convencer a fazê-lo; por outro lado, se o herói tem sua ida retardada, alguém o socorrerá.

Siegfried retorna ao lar por livre e espontânea vontade. Talvez convencido por suas experiências anteriores, de que nada deve temer, somado ao grande poder que tinha, resolve que rever seus pais e passar a controlar os Países Baixos é o caminho ideal a ser trilhado.

No início da narrativa, em fragmento exposto no subitem *O chamado da aventura*, vê-se que o objetivo do filho de Siegmund não era dominar as terras do pai, mas conquistar Kriemhild, até então desconhecida. Quando chega a sua terra, o pai o coroa rei. O que há é uma ruptura de ideais, tendo em vista a coerência da proposta de Siegfried, que o torna um

⁷³ ACN: 2001, p.114.

⁷⁴ CAMPBELL: 2003, p.206.

herói. Há a possibilidade, portanto, de vermos o ato de Siegmund como o auxílio externo, algo que o faria se prender à terra de sua origem. Assim, a constituição desse passo narrativo seria evidenciada.

O problema dessa afirmação se constitui pelo seguinte: da saída de Siegfried e Kriemhild até a chegada na terra dos Nibelungos, não há qualquer percalço. Todo o trajeto é regular, tendo em vista que não há citação na narrativa que remeta à viagem realizada por ambos. Como o caráter narrativo remete e valoriza questões de conflitos e conquistas, chegamos à conclusão de que nada a mais pode ter acontecido no que não é dito. Com isso, não há auxílios para chegar ao ponto de partida da narrativa.

Siegfried é forte o suficiente para decidir sobre sua vida e sofrer suas conseqüências. Provavelmente, o ato do pai foi o resultado de seu retorno, acompanhado de Kriemhild, a quem desposara, como sempre fora seu objetivo.

2.3.4 A passagem pelo limiar de retorno

A descoberta de que o mundo divino e o mundo humano são o mesmo traz à tona uma questão importante: o que é trazido pelo herói até seu lugar de origem também faz parte de seu mundo. Com isso, os endeusamentos, as forças e as virtudes adquiridas são pertencentes ao mundo do qual ele já vivia. O que aparece são as novas situações que esse mesmo mundo é capaz de ofertar.

A trajetória de Siegfried permite tais considerações. Mesmo tendo sua superioridade nas lutas, na vontade de atingir seu objetivo, não há alteração nas idéias do homem Siegfried. Se, desde o início, seu anseio era cortejar e desposar Kriemhild, manteve-o até o fim. A luta contra os saxões, o auxílio na luta de Gunther contra Brünhild – seja no campo de luta, seja no leito nupcial -, exploraram os valores que o tornaram herói, mas que nunca fez com que perdesse sua essência.

Sempre haverá uma inconsistência entre a sabedoria trazida da viagem e a prudência que costuma ser eficaz em seu mundo. Decorre, assim, a separação entre o oportunismo e a virtude. Se lembrarmos a cena em que Siegfried aproveita-se da situação com a rainha da Islândia para sacar seu anel e sua cinta, dando-as a Kriemhild posteriormente, teremos uma questão de oportunismo da personagem. Uma possibilidade de mancha em sua imaculada imagem de grande guerreiro. O que retornaria, portanto, desse mundo divinizado seria um herói de caráter combatente superior, mas com falhas psíquicas. Por que roubar? Não há motivos. Isso mostra o ser humano em seu nível comum, dotado de virtudes e de falhas. O aprendizado serve, enfim, para mostrar o mundo em que realmente vive.

O ideal, portanto, seria a transmissão de uma mensagem. Essa seria o que todos querem ouvir dentro de um dado sistema em que o herói reaparece: que ele conte o que trouxe de novo, o que aprendeu, o que fará com que seu povo se glorifique. A questão é que Siegfried, no decorrer da narrativa, apenas tem recebido as honrarias por suas conquistas, mas não trouxe à tona, seja por fala ou por ações, motivos maiores que mostrem que ele havia passado pelo limiar de retorno.

Acrescenta Campbell o seguinte:

Muitos fracassos comprovam as dificuldades presentes nesse limiar que afirma a vida. O primeiro problema do herói que retorna consiste em aceitar como real, depois de ter passado por uma experiência da visão de completeza, que traz satisfação à alma, as alegrias e tristezas passageiras, as banalidades e ruidosas obscenidades da vida. Por que voltar a um mundo desses? Por que tentar tornar plausível, ou mesmo interessante, a homens e mulheres consumidos pela paixão, a experiência da bem-aventurança transcendental? Assim como sonhos que se afiguram importantes à noite podem parecer, à luz do dia, meras tolices, assim também o poeta e o profeta podem descobrir-se bancando os idiotas diante de um júri de sóbrios olhos. O mais fácil é entregar a comunidade inteira ao demônio e partir outra vez para a celeste habitação rochosa, fechar a porta e ali se deixar ficar. Mas se algum obstetra espiritual tiver, nesse entretempo, estendido a *shimenawa* em torno do refúgio, então o trabalho de representar a eternidade no plano temporal, e de perceber, neste, a eternidade, não pode ser evitado.⁷⁵

⁷⁵ CAMPBELL: 2007, p. 215.

Quando Siegfried e Kriemhild são convidados a visitar a Burgúndia, o novo rei dos Nibelungos vacila:

“Meu bom amigo Gunther e seus familiares convidaram-me para as comemorações. Com prazer o visitaria, não fosse a grande distância que separa nossas terras. Eles pedem também que Kriemhild vá comigo. Aconselhai-me, caros amigos, como poderá ela fazer a viagem até lá? Mesmo se eu tivesse de lutar por eles em trinta países diferentes, não poderia deixar de ajudá-los!”
Seus guerreiros responderam: “Se pretendeis ir e participar das comemorações, dir-vos-emos o que deveréis fazer: com mil guerreiros cavalgareis até o Reno, para serdes recebido com honras na Borgonha!”
O senhor Siegmund dos Países Baixos disse: “Se pretendeis participar das festividades, por que não mo dissestes? Se nada tiverdes contra, irei também convosco e levarei comigo cem guerreiros, aumentando assim vossa comitiva!”
“Ficaria feliz se viésseis conosco, querido pai”, disse o corajoso Siegfried. “Pretendo partir em doze dias.”⁷⁶

Se era o rei, por que simplesmente não comandava? Vivera com Gunther, o qual governava uma localidade. Vira seu pai governar os Países Baixos a mandos constantes. Ir ao reinado amigo seria passível de pedido de ajuda? Onde ficaram os aprendizados trazidos do outro mundo em que teve suas provas?

Curioso é que isso permitirá a sua transitividade entre os dois mundos. Dessa saída, partirá para Worms novamente. Pela falta que esse pequeno passo pode fazer, teremos as conseqüências drásticas do final da narrativa.

2.3.5 O senhor de dois mundos

Para a concretização da aventura, o herói demonstra capacidade para ir além de suas fronteiras, sejam territoriais ou de seu aprendizado.

Segundo nossa leitura sobre a aventura mítica, nessa passagem a liberdade de ir e vir pela linha que divide os dois mundos é o talento do mestre. Isso mostra a transição de conhecimentos de um ambiente ao outro, permanecendo vencedor das questões relativas à sua aventura. Os símbolos que aparecem são veículos de comunicação e não devem ser confundidos com o ponto essencial a que se referem.

Campbell reconhece que

A liberdade de ir e vir pela linha que divide os mundos, de passar da perspectiva da aparição no tempo para a perspectiva do profundo causal e vice-versa – que não contamina os princípios de uma com os da outra e, no entanto, permite à mente o conhecimento de uma delas em virtude do conhecimento da outra – é o talento do mestre. [...]

Os mitos não costumam apresentar numa única imagem todo o mistério do livre trânsito. Quando o apresentam, o momento é um precioso símbolo, cheio de importância, a ser tratado como um tesouro e contemplado.⁷⁷

Percebe-se, na leitura da nova viagem de Siegfried a Worms, que ele deixa seu filho Gunther, nascido após dez anos de casamento, em solo nibelungo. Se um filho representa a miscigenação de dois entes representativos - no caso do poder de Siegfried e da grandiosa beleza de Kriemhild, ou ainda a alma-herói e a Rainha-Deusa do mundo -, tornar-se-ia um forte representante do seu mundo humano em solo distante. O que ocorre, no entanto, é essa força não partir juntamente com os pais: como se fosse auto-suficiente, Siegfried permite a permanência do filho: "Siegfried e Kriemhild deixaram em casa seu pequeno filho, como realmente deveriam ter feito; esta viagem à corte trar-lhe-ia grandes sofrimentos, pois a criança jamais veria seus pais novamente."⁷⁸.

O senhor de dois mundos é visto da mesma forma em qualquer um deles. Há, porém, aqueles que não desejam algo positivo ao herói. Hagen, por exemplo, quisera apoderar-se do tesouro Nibelungo. Quando os mensageiros voltam dos Países Baixos com a notícia de que os reis de lá iriam até Worms, Hagen revela: "Ainda que vivesse para sempre, não conseguiria consumir tudo o que possui, pois tem em seu poder o tesouro dos nibelungos. Ah, se esse tesouro viesse à terra dos burgúndios!"⁷⁹. Sendo assim, a imagem de Siegfried pode ser compreendida como muito boa, devido às vitórias de Worms que ele ajudou, mas sempre há alguém com algum interesse em derrubá-lo.

⁷⁶ ACN: 2001, p.120-121.

⁷⁷ CAMPBELL: 2007, p.225.

⁷⁸ ACN: 2001, p.122.

Se, portanto, o senhor de dois mundos é capaz de atravessar os caminhos de um mundo ao outro como mestre, talvez seja por isso que novamente não temos descrição da viagem que faz a Worms, apenas de sua chegada: "Os hóspedes foram recebidos com muitas saudações e indescritível alegria; todos acreditavam que nem mesmo Kriemhild havia recebido Brünhild tão calorosamente na terra dos burgúndios."⁸⁰

Assim, concentra-se a atenção à sua liberdade de viver. Os passos da aventura mítica que foram mal realizados por Siegfried acarretarão seu final.

2.3.6 A liberdade para viver

A consciência individual e a vontade universal devem formar um elo nessa última parte da aventura. Poderoso pelo seu saber, calmo e liberto na ação, o herói se configura como a conscientização da Lei, seja qual for sua função. É nele, portanto, que estará a justiça, o sentido coletivo da humanidade, através de suas ações individuais. Campbell mostra que

O campo de batalha simboliza o campo da vida, no qual toda criatura vive da morte da outra. Uma percepção de inevitável culpa que o viver envolve pode deixar o coração tão amargurado que, tal como Hamlet ou Arjuna, podemos nos recusar a prosseguir. Por outro lado, tal como a maioria, podemos inventar uma falsa auto-imagem, em última análise injustificável, que nos eleve a um fenômeno excepcional no mundo e à condição de um ser isento de culpa – ao contrário dos outros seres –, que se acha justificado, em seu inevitável pecar, pelo fato de representar o bem. Um tal farsaísmo leva à incompreensão, não apenas de si mesmo, como também da natureza do homem e do cosmo. O alvo do mito consiste em dissipar a necessidade dessa ignorância diante da vida por intermédio de uma reconciliação entre consciência individual e vontade universal. E essa reconciliação é realizada através da percepção da verdadeira relação existente entre os passageiros fenômenos do tempo e a vida imperecível que vive e morre em todas as coisas.⁸¹

Kriemhild e Brünhild brigam. Como Siegfried havia dito à esposa que ele havia combinado com Gunther sobre o domínio de Brünhild no leito matrimonial, a rainha dos Países Baixos sente-se ofendida pelas palavras da cunhada - dizendo que Siegfried era vassalo de Gunther - e a ataca com tais idéias. A rainha islandesa vê, então, a cinta e o anel de ouro,

⁷⁹ ACN: 2001, p.125.

⁸⁰ Idem, p.126.

⁸¹ CAMPBELL: 2007, p.231-232.

roubados por quem considerava um vassalo.

Siegfried é convocado pelo rei para confirmar as palavras de sua esposa. Ele nega, e fica dito por si que ambos devem terminar com "esse falatório irresponsável". Campbell afirma que muitos heróis tendem à criação de uma falsa auto-imagem, que o eleve à condição de ser isento de culpa, um ser acima de qualquer suspeita. Como tem crédito com o rei Gunther, não há problemas maiores para que isso seja realizado. A figura representativa começa a se desmontar, pois teve a idéia injustificável de querer parecer acima de qualquer suspeita.

Quando Siegfried sai do ambiente, Hagen diz que deve fazer com que seja morto quem molesta a rainha. Cria um plano, envolvendo todos os guerreiros de Worms. Aplicará sua idéia: destruir Siegfried.

Aproveita-se da ingenuidade de Kriemhild, que lhe confessa o único ponto fraco do herói: "[...] quando matou o dragão [Fafnir] na montanha o bravo cavaleiro banhou-se em seu sangue, e desde então nenhuma arma o feriu [...] Quando o sangue corria [...] caiu entre suas espáduas uma folha de tília, e nesse local ele pode ser ferido."⁸². Visto que o herói não é perfeito, basta terminar o plano para surpreender Siegfried.

A idéia de que Liudeger e Liudegast novamente se aproximam da Burgúndia fora deixada de lado. Com a "calmaria" que isso provocou, resolveram caçar ursos e javalis na floresta - sugestão de Hagen. Siegfried anuncia à esposa que acompanhará os homens e essa, em meio a lágrimas, pede que ele fique. Entra a fala de Siegfried, o senhor de dois mundos e com liberdade para viver: "Ele disse: 'Minha amada, em poucos dias estarei de volta. Não conheço aqui ninguém que tenha ódio por mim. Todos os teus familiares desejam-me o bem, nada fiz a eles para merecer outra coisa'."⁸³.

Esse conhecimento do herói se deve às imagens que os homens de Worms provoca-

⁸² ACN: 2001, p.143.

⁸³ Idem, p.148

ram. Nas guerras, sempre parceiros e nunca inimigos; Gunther lhe confiou inclusive sua esposa. Não havia motivos para duvidar deles. Falta-lhe, porém, perspicácia; conhecer um pouco mais o limiar entre os dois mundos, pois fica com a imagem que aprendera a viver nos Países Baixos; ouvir seu mentor, seu pai, que o alertou sobre Hagen de Tonje. Só que Siegfried já havia sido colocado por si mesmo num pedestal superior ao de outros homens - e isso lhe trará terríveis conseqüências.

Após o primeiro dia de caçada, iguarias são servidas aos homens. Siegfried reclama não haver bebida alguma. Hagen sugere a ida até uma fonte próxima. Assim, o plano de destruir Siegfried se concretiza:

A água era fresca e clara. Gunther inclinou-se e, depois de beber, levantou-se e deu lugar a Siegfried. O bravo Siegfried também gostaria de ter feito o mesmo, mas pagou por sua cortesia. Hagen tirou de seu alcance seu arco e a espada, correu até a lança e procurou o sinal no traje de caça do bravo cavaleiro. Quando Siegfried bebia ele atingiu-o com a lança onde mostrava o sinal, e o sangue do coração de Siegfried jorrou do ferimento, manchando as roupas de Hagen. Nenhum guerreiro jamais cometerá uma injustiça tão grande. Deixando a lança cravada em seu coração, ele fugiu desesperado, como nunca havia fugido de homem algum.⁸⁴

Siegfried lamenta, agonizante, seu destino: amaldiçoa Hagen e pede que Gunther cuide de sua esposa. O objetivo de Hagen foi atingido: matou o herói. De nada adiantaria qualquer tentativa de salvar Siegfried, pois o golpe fora justamente no único ponto fraco do herói - tal como Aquiles, golpeado em seu calcanhar quando da luta em Tróia, Siegfried fora mortalmente ferido em suas costas, onde a folha caíra.

A trajetória do herói aqui finda. Sua aventura mítica também. Os passos executados trouxeram a evolução de tal homem. Seu objetivo fora alcançado, mas seu aprendizado talvez tenha sido mínimo. A soberba toma conta do herói, tal como se mostra em diversas passagens – a vontade de desposar Kriemhild sem ao menos conhecê-la; aceitar a luta contra Brünhild sem medir suas forças; confiar naqueles de quem seu pai disse que não deveria se

⁸⁴ ACN: 2001, p.153.

aproximar – e há uma punição para isso. Tivesse sabido melhor a diferença entre os dois mundos com os quais envolveu sua vida, melhor resultado teria ao fim. Seus grandes feitos, como diz a própria personagem, de nada valem, agora que fora traído. O mundo divino, de onde saiu a endeusada Kriemhild, tirou a vida de Siegfried, do mundo humano. Não houve um equilíbrio entre os dois ambientes. Predominou aquele que não se viu feliz após a aparição do herói.

3 A AVENTURA MÍTICA EM O SENHOR DOS ANÉIS

Conforme foi visto no capítulo anterior, a aventura mítica ilustra o caminho do herói, suas vitórias e derrotas. No mito antigo analisado, notamos que a vontade exclusiva da personagem principal não traz necessariamente a conquista de seu objetivo. O mito antigo, portanto, nos mostrou que há uma punição àquele que deseja se ver como vitorioso em qualquer momento.

O que ocorre, no entanto, na obra *O senhor dos anéis* seria o mesmo? Temos um herói que segue apenas aquilo que ambiciona ou seu desejo é apartado pelas inúmeras dificuldades que vive em parte pelos novos conselhos? É o que veremos a partir de agora.

Primeiramente, devemos definir quem é o herói a ser analisado nessa obra. Há dois entes de grande destaque: Frodo e Aragorn. O primeiro é um hobbit⁸⁵ cuja grande função é levar o anel para a destruição, em Orodruin; o segundo é o grande guerreiro, que vence batalhas e auxilia a abertura de caminhos para Frodo. Comparativamente à *A canção dos Nibelungos*, é a personagem que tem proximidade física e psicológica com Siegfried, mas não parece ter o mesmo foco, enquanto objeto da obra. A narrativa de J.R.R. Tolkien é dividida em duas partes contíguas, a partir da separação de Aragorn e Frodo após o rompimento da sociedade do anel: cada um ganha sua função na narrativa.

Sendo assim, se o herói é o “personagem ou protagonista principal de qualquer obra literária [...] dono de força sobre-humana, além de possuir poderes que o tornam um semi-

⁸⁵ Um hobbit é uma das criaturas apresentadas por J.R.R. Tolkien em suas obras (notavelmente *O hobbit* e *O senhor dos anéis*), nas quais têm um papel principal, apesar de à partida serem um povo secundário entre os que habitam a Terra Média.

deus [...] enfrenta muitos obstáculos que a Natureza impõe, antes de chegar ao destino”⁸⁶, ambos seriam colocados como tal. Há, porém, a questão do Um Anel: o objetivo na história é destruí-lo. Com isso, colocaremos a aventura mítica focada em Frodo, o Bolseiro.

3.1. A partida

Tal como em *A canção dos Nibelungos*, o herói da narrativa nascerá de um ideal a ser conquistado. No caso, a destruição de um anel poderoso é o objetivo. Teremos, portanto, a partida, em que o herói será deslocado para a grande missão.

3.1.1 O chamado à aventura

O texto⁸⁷ começa com uma festa, celebrando os 111 anos de Bilbo, tio de Frodo. A festa estava esplêndida e um grande número de hobbits foi convidado. Bilbo, no entanto, sentia-se estranho ultimamente. Por isso, decidiu que precisava de umas "férias" e deixaria o Condado. Assim, depois de fazer um discurso, na frente de seus 144 amigos mais íntimos e de Frodo, e também de seus parentes, coloca o anel mágico e desaparece, causando grande surpresa. Antes de partir, ele fala mais uma vez com Gandalf, e quase muda a sua intenção original de deixar o anel com Frodo; mas o mago o convence a manter a idéia, e Bilbo parte, muito aliviado e mais feliz do que nunca. Gandalf adverte Frodo para não usar o anel.

Rumores de eventos estranhos fora do Condado surgem, como o da ascensão do Poder Escuro na Terra de Mordor, embora a maioria dos hobbits não acredite nisso. No quinquagésimo ano da vida de Frodo, Gandalf o visita novamente e eles têm uma conversa longa sobre o anel que Frodo tinha herdado de Bilbo. Gandalf explica a ele a natureza e a história do anel, que é de fato o maior dos Anéis de Poder e foi feito há muito tempo por Sauron, o Senhor do Escuro de Mordor. Sauron o está procurando agora avidamente e, achando o a-

⁸⁶ FRANCO: 1984, p.57.

⁸⁷ Importante observar que a obra (selecionada para análise, da Editora Três, traduzida por Lenita Maria Rímoli Esteves) é composta por três volumes (*A sociedade do anel*, *As duas torres* e *O retorno do rei*), mas há uma subdivisão em *livros*. São componentes seis livros, os quais chamaremos de *partes*.

nel, o seu poder cresceria imensamente. O objeto deveria ser destruído para que Sauron perdesse seu poder, mas só poderia ser destruído em Orodruin, a Montanha da Perdição em Mordor. Assim, através desse chamado, inicia-se a aventura.

O fragmento abaixo ilustra o momento em que Frodo expõe o desejo de eliminar o anel, que corresponde à entrada na aventura mítica:

- Só existe uma maneira [diz Gandalf]: encontrar as Fendas da Perdição nas profundezas de Orodruin, a Montanha de Fogo, e atirar o Anel ali, se você realmente quer destruí-lo, colocá-lo fora do alcance do Inimigo para sempre.
- É claro que quero destruí-lo! – gritou Frodo. – Ou, bem..., fazer com que ele seja destruído. Não sou talhado para buscas perigosas. Gostaria de nunca ter visto o Anel! Por que veio a mim? Por que fui o escolhido?⁸⁸

Assim, surgem os questionamentos de Frodo sobre o fato de ser ele quem deverá portar o anel até sua destruição. Ele o oferece a Gandalf, que nega veementemente, pois a força do Um Anel somada a sua o tornaria igual ao Senhor do Escuro, deturpando os ideais do druida. A seguir, ambos perceberão a presença de Sam, que escutava a conversa. Descubram que o jardineiro de Frodo sabia de tudo o que acontecia e ordena que auxilie seu patrão na viagem:

Sam caiu de joelhos, tremendo. – Levante-se, Sam – disse Gandalf. – Pensei em algo melhor que isso. Algo para fechar sua boca, e puni-lo de modo exemplar por ter ficado escutando a conversa. Você irá embora com o Sr. Frodo!
- Eu, Senhor? – gritou Sam, pulando como um cachorro que é convidado para um passeio. – Eu ir e ver elfos e tudo o mais? Viva! – gritou ele, rompendo em lágrimas.⁸⁹

Dessa forma, Frodo não mais questiona e parte para a aventura, deixando a preocupação com o fato de ser ele o escolhido, já que alguém o auxiliaria nesse caminho. A presença de Sam facilita a decisão da partida do protagonista.

3.1.2 Recusa ao chamado

⁸⁸ TOLKIEN: 2002, V.1, p.63.

⁸⁹ Idem, p.66.

Após a conversa com Gandalf, Frodo resolve partir do Condado. Ainda não é sua partida definitiva para a aventura, mas uma forma de escapar de um lugar onde não mais se sentirá bem devido às notícias de que estão procurando o objeto valioso. Não se caracteriza também como uma recusa ao chamado, pois em breve ele e seus companheiros (Sam, Pippin e Merry) irão a Valfenda, já que os Cavaleiros Negros estão à sua procura. Aparentemente, não há caracterização da recusa.

3.1.2 O auxílio sobrenatural

Gandalf é a personagem com maior influência sobre o hobbit. Desde suas visitas a Frodo e seu tio, ele mostra o quanto é ouvido e benquisto. Isso o transforma no auxílio sobrenatural, pois é ele quem indica o que realizar através de conselhos que farão com que a auto-crítica e a autonomia sejam presentes constantemente.

O diálogo entre Gandalf e Frodo, no início da obra, sinaliza que o primeiro é a entidade que detém o conhecimento e que diz o que deverá acontecer. Permanece durante esse capítulo da narrativa, contando ao hobbit sobre a aventura do tio Bilbo e sobre as consequências de ele ter em mãos o anel, mostrando a necessidade da destruição do objeto. Quando ele diz que “só existe uma maneira: encontrar as Fendas da Perdição nas profundezas de Orodruin, a Montanha de Fogo, e atirar o Anel ali, se você realmente quer destruí-lo, colocá-lo fora do alcance do Inimigo para sempre.”⁹⁰, ilustra a intenção do mago para com a paz no ambiente, pois sabe que o anel é capaz de distorcer qualquer pessoa e fazê-la querer dominar um dado espaço.

Após a aceitação de Frodo, Gandalf também percebe que Sam está escutando a conversa e o ordena a acompanhar o patrão em tal aventura. Ele aceita e logo partem para Valfenda. Gandalf orienta sobre a viagem:

- Não mesmo! – disse Frodo. – Mas enquanto isso, que caminho devo tomar?

⁹⁰ TOLKIEN: 2002, V.1, p.63.

- Em direção ao perigo; mas sem precipitação demasiada, e não direto demais - respondeu o mago. Se quer um conselho, vá para Valfenda. Essa viagem não deve ser muito perigosa, embora a estrada esteja menos fácil do que antes, e ficará pior até o fim do ano.⁹¹

A definição da ida para Valfenda se dá porque o druida conhece o caminho mais tranquilo para a viagem. Percebe-se, portanto, que Gandalf sabia como ordenar Frodo e fazê-lo atingir seu objetivo. Ele será sua força sobrenatural, pois em vários instantes da narrativa estará presente para ajudar aqueles que querem destruir o anel, como um auxílio ou como um determinante nessa batalha. O que fica para Frodo são seus conselhos, que serão lembrados e executados por quem os recebeu.

3.1.3 A travessia do primeiro limiar

Cada um deles tem sonhos diferentes e estranhos na noite anterior à primeira caminhada. Avançam e são encontrados por Tom Bombadil, na Floresta Velha. Os hobbits falam com o homem durante o dia inteiro. Tom lhes conta sobre a Floresta, os tipos de árvores e animais, o Velho Homem-Salgueiro, e a história antiga da Terra-média⁹². Para a surpresa deles, descobrem que o anel não tem nenhum poder sobre Bombadil:

- Mostre-me o precioso Anel! – disse ele de repente, em meio à história: e Frodo, para a própria surpresa puxou a corrente do bolso e soltando dela o Anel, entregou-o imediatamente a Tom.
O Anel pareceu crescer por um momento naquela grande mão morena. Então, de repente, Tom ergueu-o na altura dos olhos e riu. Por um segundo os hobbits tiveram uma visão, cômica e alarmante, de seu olho azul brilhante através do círculo de ouro. Depois, Tom colocou o Anel na ponta de seu dedo mínimo, levando-o para perto da luz da vela. Por um momento, os hobbits não perceberam nada de estranho a respeito disso. Então ficaram pasmos. Nenhum sinal de Tom desaparecer.⁹³

Há, portanto, a primeira passagem emblemática da travessia do limiar tratado, pois o fato de o anel não atingir Bombadil mostra que nem todos os seres podem ser atingidos pelo anel isolado. Sendo assim, os hobbits se encorajam para seguir sua trajetória e resolvem

⁹¹ TOLKIEN: 2002, V.1, p.68.

⁹² Neste ponto da narrativa, Tom Bombadil mostra aos hobbits – e conseqüentemente ao leitor – a história da localidade que percorrerão, considerando que até então essas personagens não haviam saído do Condado. É uma forma de precavê-los quanto ao que encontrarão no decorrer do percurso.

atravessar as Colinas dos Túmulos. Além disso, Tom lhes dá conselhos e lhes ensina uma rima para chamá-lo se precisarem de sua ajuda.

No dia seguinte, os hobbits deixam a casa de Tom, pretendendo cruzar os Túmulos. Eles fazem progresso pela manhã e, ao redor de meio-dia, param para descansar. Estranhamente, há um grande pedra fria que se levanta no topo plano de uma colina. Eles adormecem e são despertados por um pôr-do-sol cercado pela névoa. Imediatamente se encaminham na direção que acreditam ser a mais direta para a Estrada. Algum tempo depois Frodo, que estava na frente, passa entre duas pedras e nota que os outros se foram. Ele começa a gritar por ajuda, e é capturado por uma Criatura Tumular:

O toque frio congelou seus ossos, e ele perdeu os sentidos. Quando voltou a si, por um momento não podia lembrar de nada, a não ser de uma sensação de terror. Então, de repente, percebeu que estava aprisionado, irremediavelmente preso; estava num túmulo. Tinha sido pego por uma das Criaturas Tumulares, e já estava provavelmente subjugado aos terríveis encantamentos daquelas criaturas descritas em histórias sussurradas. Não ousou se mexer, e ficou como estava quando acordou: deitado de costas sobre uma pedra fria, com as mãos sobre o peito.⁹⁴

Quando desperta, está dentro de um túmulo, nota que os outros estão inconscientes perto dele e que uma mão rasteja na sua direção. A travessia de Frodo não se dá como a de Siegfried, em *A canção dos Nibelungos*, pois é dotada de problemas para o Herói, que necessita da ajuda exterior para que sua tarefa se realize. Com isso, Frodo canta a rima que Tom Bombadil tinha lhes ensinado um dia antes. Ele vem rapidamente e a luz do dia destrói a Criatura Tumular:

Lembrou-se da rima que Tom tinha lhe ensinado. Numa voz fraca e desesperada, começou: *Ei, Tom Bombadillo!* E, ao pronunciar aquele nome, a voz pareceu ficar mais forte: produzia agora um som forte e vigoroso, e a câmara escura parecia ecoar tambores e cornetas. [...] Houve um som retumbante, como de pedras rolando e caindo, e de repente a câmara foi iluminada, por uma luz real, a luz do dia. Uma pequena abertura semelhante a uma porta apareceu na extremidade da câmara além dos pés de Frodo; e ali estava a cabeça de Tom (com chapéu, pena e tudo mais) recortada pela luz do sol que nascia vermelho atrás dela. A luz atingiu o solo e

⁹³ TOLKIEN: 2002, V.1, p.139.

⁹⁴ Idem, p.146.

os rostos dos três hobbits deitados ao lado de Frodo. Eles não se mexeram, mas a tonalidade doentia desapareceu de suas faces. Agora parecia que estavam apenas dormindo profundamente.⁹⁵

As forças de Frodo não foram suficientes para se livrar da adversidade, mas um poder superior o auxilia a seguir adiante. Com tal ajuda, o herói rumo para sua primeira vitória na aventura mítica.

Tom desperta os outros três hobbits e dá a cada um deles uma espada, tirada dos tesouros que estavam dentro do túmulo. Ele também traz os pôneis que fugiram à noite, e os acompanha durante algum tempo, até as fronteiras das suas terras. Os hobbits partem e chegam à aldeia de Bri pela noite.

3.1.4 O ventre da baleia

A esfera de nascimento de Frodo será em Valfenda. É nessa localidade que o hobbit entrará em contato com os guerreiros que o acompanharão até o final da narrativa. A transformação ocorrerá a partir do nascimento da Sociedade do Anel.

Frodo desperta em Valfenda, onde esteve durante três dias aos cuidados de Elrond. Seu braço está quase completamente curado, devido aos problemas do caminho à terra dos elfos, quando enfrentou as Criaturas Tumulares. Gandalf também lá se encontra e explica brevemente a Frodo o que aconteceu. Um grande banquete é dado à noite para celebrar a vitória no Vau do Bruinen e os quatro hobbits estão lá como convidados de honra. Frodo vê muitas pessoas novas: Elrond, a filha dele, Arwen, e Glóin, um dos doze anões que tinham acompanhado Bilbo na sua grande viagem. Para sua grande alegria, ele encontra também Bilbo, que estava vivendo em Valfenda desde que deixara o Condado. Bilbo recita uma canção sobre Eärendil que ele tinha escrito há pouco. Então, enquanto os elfos cantam e escutam histórias, Bilbo e Frodo falam por muito tempo sobre suas aventuras.

⁹⁵ TOLKIEN: 2002, V.1, p.148.

Um grande conselho acontece em Valfenda com o objetivo de determinar o que fazer na situação presente para impedir Sauron de dominar todo o mundo. Nesse Conselho, estão Elrond, Gandalf, Frodo, Bilbo, Glóin, Glorfindel, Aragorn, muitos elfos de Valfenda, e também os estrangeiros Legolas, filho de Thranduil, o Rei dos elfos-silvestres, e Boromir, filho de Denethor, o Regente de Gondor. Glóin conta que os mensageiros de Mordor vieram aos Anões, buscando informações sobre Bilbo e o seu Anel. Então, a história inteira do Anel é narrada: “Então, todos escutaram, enquanto Elrond, com sua voz clara, falava de Sauron e dos Anéis do Poder, e de sua forjadura na Segunda Era do mundo, há muito tempo. Uma parte da história era conhecida por alguns ali, mas a história completa ninguém conhecia [...]”⁹⁶. Gandalf relata suas ações durante o verão, quando ele foi capturado por Saruman, o Branco, um mago poderoso que se tornou um traidor:

- “E ouça bem, Gandalf, meu velho amigo e ajudante!”, disse ele, vindo em minha direção e falando agora com uma voz mais suave. “Eu disse *nós*, pois poderá ser *nós*, se quiser se unir a mim. Um novo Poder se levanta. Contra ele, as velhas alianças e políticas não nos ajudarão em nada. Não há mais esperança nos elfos ou na agonizante Númeror. Esta então é uma escolha diante de você, diante de nós. Podemos nos unir a esse Poder. Seria uma sábia decisão, Gandalf. [...]”

- “Saruman”, disse eu, “Já escutei discursos desse tipo antes, mas apenas das bocas dos emissários enviados de Mordor para enganar os ignorantes. Não posso crer que tenha me trazido de tão longe só para cansar meus ouvidos.”⁹⁷

Após destacar os problemas que viviam, o Conselho conclui que o Anel não pode ser usado por ninguém exceto Sauron e, se o Anel não pode ser mantido fora do seu alcance, deveria ser destruído em Orodruin. Frodo aceita essa tarefa – e fica pasmo com as próprias palavras:

Frodo olhou para todos os rostos, mas eles não estavam voltados para ele. Todo o Conselho se sentava com os olhos para baixo, pensando profundamente. Um grande pavor o dominou, como se estivesse aguardando um pronunciamento de alguma sentença que ele tinha previsto havia muito tempo, e esperado em vão que afinal de contas nunca fosse pronunciada. Um desejo incontrolável de descansar e permanecer em paz ao lado de Bilbo em Valfen-

⁹⁶ TOLKIEN: 2002, V.1, p.256.

⁹⁷ Idem, p.274-275.

da encheu-lhe o coração. Finalmente, com um esforço, falou, e ficou surpreso ao ouvir as próprias palavras, como se alguma outra vontade estivesse usando sua pequena voz.
- Levarei o Anel. – disse ele. – Embora não conheça o caminho.⁹⁸

Com isso, Elrond aprova a decisão de Frodo e ordena que Sam – espectador do Conselho, sem ao menos ter sido convidado – o acompanhe nessa aventura.

Percebe-se que nessa movimentação, Frodo é tímido, inquieto e inseguro, o que o faz sempre colocar-se em problemas. Nesse momento, decide apenas por si carregar o anel até Orodruin, a fim de destruí-lo. Caracteriza-se, assim, o que a teoria de Campbell denomina o *ventre da baleia*; o hobbit toma uma decisão que ilustra uma característica até então nebulosa: o heroísmo. Ter chegado a Valfenda, após alguns percalços, e conseguir a coragem necessária para prosseguir em seu rumo, mesmo com vontade de não mais sair da terra dos elfos, mostra que houve uma mudança nos seus pensamentos e que ele está disposto a “entrar” na aventura. Como se ilustra no fragmento, Frodo fica surpreso com sua fala – o que mostra que ele ainda desconhece tais modificações. Mesmo assim, ele é encarregado de levar o anel até sua destruição, começando aí seu caminho de provas.

3.2 A iniciação

Frodo passa uma série de provações a partir da saída de Valfenda. A iniciação é longa, mas exitosa, o que trará o caráter heróico reforçado na imagem do protagonista.

3.2.1 O caminho de provas

O caminho de provas permeia praticamente toda a narrativa, desse momento em diante, pois as adversidades encontradas pelo herói são várias. Apesar de a maioria envolver a ala da sociedade que segue sem os hobbits, destacam-se o caminho realizado desde o primeiro evento – quando da separação do herói em relação à Sociedade do Anel – e sua aventura ao lado de Sam.

⁹⁸ TOLKIEN: 2002, V.1, p.286.

Muitos mensageiros são mandados de Valfenda em todas as direções para procurar notícias de qualquer servo do Inimigo, e voltam aproximadamente dois meses depois. Elrond escolhe os companheiros para Frodo: a Companhia do Anel é formada por Frodo, Sam, Gandalf, Passolargo, Legolas, Gimli, Boromir, Merry e Pippin. Bilbo dá a sua espada, Ferroada, e sua cota de malha dos anões para Frodo. A Companhia parte para o Sul e viaja a Oeste das Montanhas Sombrias durante muito tempo, principalmente à noite. Eles observam muitos corvos e falcões e se preocupam ao imaginar que os pássaros possam ser os espiões do Inimigo. A Companhia tenta cruzar as Montanhas Sombrias pela Passagem de Caradhras, mas são impedidos: uma grande tempestade e uma forte nevasca os detêm, obrigando-os a retroceder para não congelarem até a morte na neve:

- Os pássaros outra vez – disse Aragorn, apontando para baixo.
- Não podemos evitar agora – disse Gandalf. - Quer sejam bons ou maus, ou quer não tenham nada a ver conosco, devemos descer imediatamente. Nem mesmo nas partes mais baixas de Caradhras devemos esperar outra noite cair!
Um vento frio soprava atrás dele, enquanto davam as costas para o Passo do Chifre Vermelho, e iam aos tropeços ladeira abaixo. Caradhras os derrotara.⁹⁹

A única escolha restante para a Companhia alcançar o outro lado das Montanhas é atravessar as minas de Moria, ou Khazad-dûm, antigamente um reino esplêndido dos anões, agora um lugar desolado e terrível. A Companhia é atacada por wargs, grandes lobos de Sauron, e embora tenham sucesso em reprimir o primeiro ataque, parece que o caminho de Moria é agora o único modo para evitar o ataque dos lobos.

Gandalf levantou-se e avançou, segurando seu cajado no alto. – Escute, Cão de Sauron! – gritou ele. – Gandalf está aqui. Fuja, se der valor à sua pele asquerosa! Vou murchar você do rabo ao focinho, se ousar pôr as patas neste círculo.
O lobo rosnou e avançou em direção a eles com um grande salto. Nesse momento, ouviu-se um zunido agudo. Legolas tinha disparado seu arco. Houve um grito medonho, e a figura que saltava caiu no chão com um som abafado; a flecha élfica tinha-lhe perfurado a garganta. Os olhos que espiavam desapareceram de repente.¹⁰⁰

⁹⁹ TOLKIEN: 2002, V.1, p.312.

¹⁰⁰ Idem, p. 316-317.

Encontrando os Portões de Moria, Gandalf descobre a senha que os abre. A Companhia foge para dentro e depressa descobre que as Portas foram barradas pelo lado de fora. Eles viajam pela escuridão das Minas por dois dias e Frodo freqüentemente pensa que ouve passos distantes que os seguem. Na manhã do terceiro dia, eles alcançam a tumba de Balin e acham um diário lá.

Gandalf lê o diário durante algum tempo e descobre, entre outras coisas, a localização da tumba dentro de Moria, o que deveria facilitar a saída deles. Porém, quando decidem ir em busca da saída, são atacados por um número grande de orcs, acompanhados por trolls:

Quantos eram, a Comitativa não pôde contar. A luta foi violenta, mas os orcs se assustaram perante a ferocidade da defesa. Legolas atingiu dois na garganta. Gimli cortou as pernas de um outro que tinha subido no túmulo de Balin. Boromir e Aragorn mataram vários. Quando trinta tinham caído, o restante deles fugiu tremendo, deixando os defensores ilesos, com a exceção de Sam, que tinha um corte na cabeça. Uma esquiva rápida o salvara, e ele tinha derrubado seu orc: um golpe vigoroso com sua espada do Túmulo. Queimava em seus olhos castanhos um fogo que teria feito Ted Ruivão recuar, se ele tivesse visto.¹⁰¹

Defendem-se com muita valentia na câmara da tumba e, com os intervalos entre os ataques, conseguem escapar. Gandalf tenta fechar a porta com um feitiço, mas é impedido por um contra-feitiço de um desconhecido, aparentemente um oponente muito forte: “Muito bem, acabou! – disse o mago, esforçando-se para ficar de pé. – Fiz tudo o que podia. Mas encontrei um inimigo à minha altura, e quase fui destruído. Mas não fiquem aqui! Vão andando! [...]”¹⁰². Debaixo da pressão dele, Gandalf quebra a porta e destrói a câmara inteira. Isto bloqueia a passagem e livra a Companhia durante algum tempo da perseguição. Eles continuam descendo e alcançam o nível debaixo dos portões. Nesse ponto, os Orcs prepararam uma armadilha de fogo, mas a Companhia não desce a estrada principal, somente os Orcs, provocando a separação dos grupos.

¹⁰¹ TOLKIEN: 2002, V.1, p.345.

¹⁰² Idem, p.347.

O caminho segue por uma ponte estreita sobre uma fenda, feita como uma defesa pelos Anões de antigamente. Os trolls trazem lajes de pedra para cruzar a barreira de fogo e, antes de a Companhia conseguir cruzar a ponte, um balrog aparece: uma grande criatura humanóide que brande uma espada e um chicote ígneo. “- Um balrog! – murmurou Gandalf. – Agora eu entendo. – Perdeu o equilíbrio e se apoiou no cajado. – Que má sorte! E eu já estou exausto!”¹⁰³. Gandalf luta com ele na ponte; o mago quebra a ponte com seu bastão e os dois caem na fenda:

Houve um estrondo e um golpe de fogo branco. O balrog caiu para trás e sua espada voou, partindo-se em muitos pedaços que se derreteram. O mago se desequilibrou na ponte, deu um passo para trás e mais uma vez ficou parado. - Você não pode passar! – disse ele.

Num salto, o balrog avançou para cima da ponte. O chicote zunia e chiava. Nesse momento, Gandalf levantou o cajado e, gritando bem alto, golpeou a ponte. O cajado se partiu e caiu de sua mão. Um lençol de chamas brancas se ergueu. A ponte estalou. Bem aos pés do balrog se quebrou, e a pedra sobre a qual estava caiu dentro do abismo, enquanto o restante permaneceu, oscilando, como uma língua de pedra estendida no vazio.

Com um grito horrendo, o balrog caiu para frente, e sua sombra mergulhou na escuridão, desaparecendo. Mas no momento em que caía, brandiu o chicote e as correias bateram e se enrolaram em volta dos joelhos do mago, arrastando-o para a borda. Ele perdeu o equilíbrio e caiu, agarrando-se em vão à pedra, e escorregou para dentro do abismo. – Fugam, seus tolos! – gritou ele, e desapareceu.¹⁰⁴

O resto da Companhia escapa em segurança para fora de Moria. Livres, poderiam seguir viagem tranquilos. As primeiras provas foram transpassadas com êxito. Frodo segue sua caminhada em direção à destruição do Anel.

O caminho de provas não se fecha agora. Há diversos tópicos da aventura mítica que se intercalam com esse momento¹⁰⁵.

A ação se volta para Frodo e Sam adiante, na quarta parte da obra, em que estão atravessando as colinas dos Eryn Muil, e sofrem com as paredes íngremes que os impedem de descer. Eles acham um lugar onde uma descida poderia ser possível, e Frodo tenta des-

¹⁰³ TOLKIEN: 2002, V.1, p.350.

¹⁰⁴ Idem, p.351.

cer; um grito terrível atravessa o céu naquele momento – de um Nazgûl – e o herói cai. Em uma saliência na rocha. Sam se lembra da corda que os elfos de Lórien lhe deram, e salva Frodo com ela. Ambos descem pela corda, e para a surpresa deles, conseguem recuperá-la facilmente, como se não tivesse sido amarrada. Eles planejam passar a noite debaixo do precipício. Notam, então, que Gollum os tinha seguido todo o tempo. Gollum – ou Smeagol – será um caminho de provas constante para Frodo, pois seu grande objetivo para ter se aproximado dos hobbits era o próprio Anel. Sam o ataca e com a ajuda de Frodo eles forçam Gollum a prometer que os conduziria até Mordor:

Sam saiu do esconderijo e num instante atravessou o espaço que o separava do penhasco com alguns saltos. Antes que Gollum pudesse se levantar, já estava em cima dele. Mas Gollum superou suas expectativas, mesmo pego daquele jeito, de repente, de surpresa depois de uma queda. Antes que Sam pudesse prendê-lo, pernas e braços compridos estavam em volta de seu corpo, segurando-lhe os braços, e um agarrão firme, mole mas terrivelmente forte, o esmagava com cordas que se apertam lentamente; dedos perigosos pegajosos tateavam à procura de sua garganta. [...]

- Solte, Gollum! – disse ele. – Esta é Ferroada. Você já a viu antes. Solte, ou vai senti-la desta vez! Vou lhe cortar a goela! [...]

- Sssim, somos patifes, precioso – choramingou ele. – Miséria, miséria! Os hobbits não vão matar nós, hobbits bonzinhos.

- Não, não vamos – disse Frodo. – Mas também não vamos soltá-lo. Você está cheio de traição e maldade, Gollum. Vai ter de vir conosco, isso é tudo, e vamos vigiá-lo. Mas deve nos ajudar, se puder. O bem com o bem se paga.¹⁰⁶

É o primeiro real confronto de Frodo, que não chega a realmente lutar, mas convence o adversário a se unir e seguir caminhada consigo. Já há poder persuasão na voz do hobbit, o que o vai tornando herói na medida em que a narrativa segue. Logo depois, Gollum tenta escapar, mas eles o pegam e descobrem que a corda élfica, com a qual eles quiseram amarrá-lo, o machuca muito. Ele jura pelo Anel que os obedeceria, e eles o desamarram. Um tempo depois, quando a lua estava no céu, eles partem novamente.

¹⁰⁵ O tópico adiante, por exemplo, é um intervalo do caminho, que será retomado. Daremos, portanto, continuidade ao caminho ainda dentro desse subitem.

¹⁰⁶ TOLKIEN: 2002, V.2, p.223-224.

Os dois hobbits, conduzidos por Gollum, estão fazendo o seu caminho lentamente para os Portões Negros de Mordor. Já que atravessar por campo aberto, cheio de estradas, orc, seria muito perigoso, Gollum os conduz ao longo de caminhos menos conhecidos pelas terras pantanosas. Eles cruzam os Pântanos Mortos, onde foram enterrados muitos guerreiros caídos durante a guerra entre a Última Aliança e o Senhor do Escuro no final da Segunda Era. Agora, luzes estranhas chamejam e podem ser vistas horríveis faces de mortos debaixo da lama. Espectros do Anel voam freqüentemente sobre eles, aparentemente procurando o objeto e sentindo sua presença de alguma maneira. O fardo do Anel sempre parece maior a Frodo conforme eles se aproximam de Mordor. Dentro de Gollum, duas "personalidades" estão lutando pela dominação: o Sméagol bom, e o Gollum mau; e o desejo pelo anel parece estar vencendo novamente:

De repente, Sam acordou com a impressão de que ouvir seu mestre chamando. A noite já caíra. Frodo não poderia ter chamado, pois adormecera e tinha escorregado para baixo, chegando quase ao fundo do poço. Gollum estava ao lado dele. Por um momento, Sam pensou que ele estava tentando acordar Frodo; depois, viu que não se tratava disso. Gollum conversava consigo mesmo. Smeagol travava um debate com algum outro pensamento que usava a mesma voz, mas a fazia guinchar e chiar. Uma luz opaca e uma luz verde alternavam em seus olhos, conforme falava.

- Smeagol prometeu – disse o primeiro pensamento.

- Sim, sim, meu precioso – veio a resposta. – Nós prometemos: salvar nosso precioso, não deixar que Ele o tenha – nunca. Mas está indo para Ele, sim, mais próximo a cada passo. O que o hobbit vai fazer com ele? Nós fica pensando sim, nós fica.¹⁰⁷

Nessa passagem, o próprio Gollum é um desafio constante: afinal, enquanto ele debate consigo sobre o futuro do Anel, Frodo não sabe como proceder em relação a ele, levando em consideração que apenas Sam via o que acontecia. O debate da personagem consigo mesma evidencia os dois lados da questão: ajudar ou não ajudar Frodo em seu objetivo? Enquanto não é dominado pelo lado maligno, ele segue viagem com os hobbits, auxiliando-

¹⁰⁷ TOLKIEN: 2002, V.2, p.243.

os. Então, a seguir, eles chegam às terras desoladas e estéreis diante de Mordor, e somente com o comando rígido de Frodo é que Gollum os guiará mais além.

Os companheiros chegam ao Portão Negro de Mordor. O Portão é vigiado pelos Dentes de Mordor, duas torres altas erguidas há muito tempo pelos Homens de Gondor, mas depois abandonadas e então ocupadas pelas forças de Sauron. Também há muitas outras muralhas e um número enorme de orcs; várias estradas conduzem ao portão, e numerosos exércitos do Leste e do Sul estão entrando em Mordor. Entrar em Mordor parece absolutamente impossível. Neste momento Gollum sugere outro caminho: ir para o Sul na cidade fantasma de Minas Ithil, e então até a passagem de Cirith Ungol. Lá, as chances de não serem notados são um pouco maiores; naquela direção Sauron conquistou terras até o Anduin, e sente-se mais seguro. Assim, não é provável que o lugar seja vigiado completamente. Gollum afirma ter escapado de Mordor ao longo daquele mesmo caminho. No entanto, Frodo, depois de um pouco de hesitação, decide aceitar esse plano.

Viajando para o Sul, os hobbits alcançam Ithilien, que só foi conquistada recentemente pelo Senhor do Escuro, e não foi devastada nem maculada. Sam está cada vez mais preocupado com a comida: a única comida deles é lembas¹⁰⁸, que apenas durará até que eles alcançam Orodruin, e certamente não mais que isso. Assim, certo dia, enquanto eles descansam em uma floresta, Sam pede para Gollum que pegue algo comestível. Gollum pega um par de coelhos jovens e Sam prepara um ensopado. Porém, logo que eles terminam de comer, o fogo começa a fazer fumaça e os dois hobbits são rodeados por quatro soldados de Gondor, um deles sendo Faramir, o Capitão. Frodo explica algo sobre a sua missão, e Faramir parece muito interessado nisso.

- Não sei onde ele está – disse Frodo. – É apenas um companheiro casual que encontramos na estrada, e não sou responsável por ele. Se o encontrarem, poupem-no. Tragam-no ou enviem-no até nós. É apenas um vagabundo

¹⁰⁸ *Lembas* é um tipo de pão produzido pelos elfos, um povo imortal, de características físicas parecidas com as dos homens.

miserável, mas está sob meus cuidados temporariamente. Quanto a nós, somos hobbits do Condado, uma terra distante, ao norte e ao oeste, além de muitos rios. Frodo, filho de Drogo, é meu nome, e este é Samwise, filho de Hamfast, um hobbit valoroso aos meus serviços. Viemos por longos caminhos – de Valfenda, ou Imladris, como dizem alguns. – Neste ponto, Faramir ficou assustado e atento. - Tínhamos sete companheiros: um perdemos em Moria, os outros deixamos no Parth Galen, sobre Rauros; dois da minha raça; havia também um anão, e um elfo, e dois homens. Um deles era Aragorn, e o outro Boromir, que dizia ter vindo de Minas Tirith, uma cidade ao sul.
- Boromir! – exclamaram todos os quatro homens.
- Boromir, filho do Senhor Denathor? – disse Faramir, e uma expressão estranha e austera cobriu-lhe o rosto.¹⁰⁹

Como se revelará adiante, Boromir é irmão de Faramir, o que deixa o segundo bastante interessado na viagem dos hobbits. Mas no momento ele deixa dois homens para os vigiar, e vai embora preparar-se para a batalha: os homens de Minas Tirith vieram a Ithilien para atacar exércitos que vieram de Harad, ao sul de Mordor, para se juntar às forças de Sauron. Sam vê uma coisa surpreendente durante esta batalha: um "olifante", um dos grandes animais cinzentos que só são conhecidos no Condado através de velhas canções.

Depois da batalha, Faramir volta e questiona Frodo durante algum tempo; no princípio um pouco desconfiado, ele conta que tinha visto o barco com o corpo de Boromir flutuando no Anduin. Depois, decide que Frodo e Sam deveriam vir com ele e seu exército a um refúgio escondido, uma caverna oculta atrás de uma cachoeira. Diferente de Boromir, que sempre buscou ganhar glória com sua coragem nas guerras, Faramir não é tão hostil e tem um maior respeito pelas coisas antigas e tradições, inclusive pelos elfos. Ele fala por muito tempo com os dois hobbits, e conta muito sobre Minas Tirith e as suas guerras, a história de Gondor, sua aliança com os rohirrim; Frodo descreve a viagem dos Nove Andantes, evitando o assunto do Anel cuidadosamente. Quando o assunto da conversa são os elfos e Lórien, Sam menciona o Anel acidentalmente. Aqui Faramir prova que ele é verdadeiro em suas palavras, e não tenta pegar ou mesmo ver o Anel:

¹⁰⁹ TOLKIEN: 2002, V.2, p.271.

- Mas não sou esse homem. Ou pelo menos sou sábio o suficiente para saber que há alguns perigos dos quais os homens devem fugir. Sentem-se tranqüilos! E console-se, Samwise. Se tiver a impressão de ter tropeçado, considere que isso estava fadado a acontecer. Seu coração é perspicaz além de fiel, e enxergou com mais clareza que seus olhos. Pode parecer estranho, mas não houve risco em declarar isso a mim. Pode até ajudar o mestre que você ama. Será para o bem dele, se estiver ao meu alcance. Por isso, console-se. Mas nem mesmo mencione essa coisa em voz alta de novo. Uma vez é o suficiente.¹¹⁰

O que parecia ser mais um adversário para Frodo torna-se um grande aliado. Faramir se dispõe a colaborar com os hobbits, mesmo que simplesmente sem mencionar o assunto. O que interessa para o homem, afinal, é fazer com que mais ninguém se entregue ao Senhor do Escuro e possam derrotá-lo, a fim de trazer a paz para a Terra-Média novamente.

Depois, naquela noite, Gollum aparece no lago perto da caverna, pegando peixes, sem saber do lugar escondido. Faramir quer a morte da personagem, mas o herói intercede. Então, Faramir dá permissão a Frodo para andar livremente por Gondor, e o adverte, dizendo que Minas Morgul é um lugar mau e perigoso.

Faramir dá a cada um dos hobbits um cajado e também algumas provisões, e então os hobbits e Gollum partem. Eles viajam para o Sul durante dois dias e chegam perto da estrada das ruínas de Osgiliath para Minas Ithil. Gollum continua dizendo-lhes para se apressarem, enfatizando o perigo que estão correndo. Eles viram para o Leste, para as Encruzilhadas, o cruzamento da estrada de Osgiliath e a estrada Norte-Sul. No dia seguinte, a escuridão começa a emergir de Mordor; grandes nuvens cobrem o céu, e o dia é tão escuro quanto a noite. Eles alcançam as Encruzilhadas; uma grande estátua de pedra de um rei está lá. Sua cabeça estava derrubada, aparentemente cortada pelos servos de Sauron, e jazia no chão perto da estátua; o sol aparece detrás de uma nuvem escura e um de seus últimos raios brilha na cabeça como uma coroa, dando a Frodo esperança nova.

¹¹⁰ TOLKIEN: 2002, V.2, p.297.

Os viajantes passam pela cidade de Minas Morgul e Frodo sente que o Anel o atraía em sua direção. Eles vêem um grande ajuntamento de exércitos da cidade, indo aparentemente em direção a Gondor, conduzido pelo Capitão dos Espectros do Anel. Então os hobbits e Gollum sobem uma escada longa e íngreme, seguida por outra, mais longa, mas não tão íngreme. Decidem descansar durante algum tempo, e enquanto Frodo e Sam estão falando Gollum desaparece; ambos caem adormecidos, e Sam desperta para ver Gollum, que se agacha na direção de Frodo. Embora pareça que ele não teve nenhuma intenção má naquele momento, Sam está cheio de desconfiança. Desperta Frodo, que diz para Gollum partir livremente, como se os hobbits pudessem continuar sozinhos dali. Mas Gollum diz que eles não podem alcançar o topo da passagem por si próprios, e os três se preparam para continuar.

Pouco tempo depois, o herói e os companheiros alcançam uma grande parede, onde o caminho continua por um túnel. Um fedor terrivelmente asqueroso está vindo dali. O túnel é muito longo, e sobe sempre, com passagens laterais em alguns lugares. Os hobbits, enquanto caminham alguns passos atrás de Gollum, notam que o cheiro está se tornando cada vez pior, até que alcançam uma passagem lateral de onde o cheiro desagradável parece estar vindo. Eles passam por ela, e o ar começa a melhorar; mas logo chegam a uma bifurcação do túnel principal. Gollum parece tê-los abandonado; tentam uma das passagens e descobrem que está bloqueada. Naquele momento, Frodo e os dois participantes notam os olhos de alguma criatura terrível atrás deles. O herói se aproxima dela com o Frasco de Galadriel em uma mão e Ferroada na outra, e os olhos se retiram da luz. Os hobbits continuam depressa pelo túnel, mas acham a saída bloqueada por uma barreira que se mostra ser a teia de uma aranha gigantesca. Frodo corta a teia com a espada, e começa a correr para a passagem, que está distante só alguns passos. Sam vem atrás; contudo a criatura que viram no túnel faz o mesmo: Laracna, uma aranha enorme. Laracna surge de uma entrada lateral no

túnel e começa a correr na direção de Frodo. Antes que Sam pudesse ajudá-lo é atacado por Gollum; depois de uma briga desesperada, Gollum foge.

Com um grito, Gollum soltou o braço de Sam, que então fez seu serviço; sem perder tempo mudando o cajado da mão esquerda para a direita, deu um golpe forte. Rápido como uma cobra, Gollum deslizou para o lado, e o golpe destinado à cabeça atingiu-o nas costas. O cajado rachou e se partiu. Isso foi o suficiente para ele. Agarrar por trás era um velho jogo seu, no qual ele raramente falhava. Mas dessa vez, iludido pelo ódio, cometera o erro de falar e se gabar antes de ter as duas mãos sobre o pescoço de sua vítima. Tudo dera errado com seu belo plano, desde que aquela luz horrível tinha tão inesperadamente aparecido na escuridão. Agora estava cara a cara com um inimigo furioso, quase do seu tamanho. Essa luta não era para ele. Sam pegou a espada do chão e a ergueu. Gollum soltou um grito agudo, pulou para o lado, e ficando de quatro, fugiu num grande pulo, como uma rã. Antes que Sam pudesse agarrá-lo, já estava longe, correndo numa velocidade assustadora na direção do túnel.¹¹¹

Quando Sam poderia auxiliar o herói da narrativa, reaparece um caminho visto desde o início: Gollum. Não um caminho, mas uma barreira, tendo em vista que essa personagem é uma prova constante para Frodo. Agora, o protagonista estava entregue à Laracna, elemento que ainda não havia realmente combatido, apenas fugido.

Sam corre e acha Laracna, que se agacha sobre o corpo de Frodo. Isto deixa Sam furioso, e ele ataca a aranha gigantesca; ele fere os olhos da criatura e corta uma de suas garras, mas ela coloca seu corpo enorme por cima dele e tenta esmagá-lo. Porém, Sam mantém sua espada erguida, e Laracna acaba recebendo um ferimento profundo com sua própria força:

Perturbada, como se tivesse sido despertada de algum sonho de volúpia pelo pequeno grito do hobbit, lentamente voltou a malícia apavorante de seu olhar na direção dele. Mas quase antes de ela perceber que avançava sobre ela uma fúria maior do que qualquer outra provada em anos incontáveis, a espada brilhante golpeou sua pata e decepou a garra. Sam saltou para dentro dos arcos de suas pernas, e com um rápido impulso de sua outra mão desferiu um golpe contra o aglomerado de olhos na cabeça abaixada. Um grande olho escureceu.¹¹²

¹¹¹ TOLKIEN: 2002, V.2, p.347.

¹¹² Idem, p.349.

Ela então abandona os hobbits e foge. Sam tenta acordar Frodo, que não mostra nenhum sinal de vida. Sam se desespera e não pode decidir o que fazer; no fim das contas, sabendo que tudo pereceria se desistisse, ele decide continuar a Demanda, e toma consigo a espada de Frodo, o Frasco de Galadriel e o Anel. Depois de dar os primeiros passos, porém, ele ouve vozes de orcs que se aproximam, e coloca o Anel.

Ele descobre que pode entender a língua dos orcs quando usa o Anel: parece que há duas companhias, uma da torre de vigia na passagem e uma de Minas Morgul. Eles levam o corpo de Frodo e atravessam um túnel; Sam os segue, e escutando os capitães orc ele descobre que Frodo provavelmente ainda está vivo, e que será preso, e não morto. A companhia de orcs atravessa portas grandes, que se fecham antes que Sam pudesse atravessá-las.

Sam está firmemente decidido a resgatar Frodo, e precisa encontrar uma entrada para a torre de Cirith Ungol, para onde seu mestre foi levado. Nesta altura da narrativa, Frodo assume a função de trazer o herói de volta à sua aventura. Ele escuta sons de luta vindo da torre, e dois orcs são feridos com flechas numa tentativa de fugir; aparentemente, as duas companhias orc estão brigando pelos pertences de Frodo. A entrada principal da Torre é guardada pelos Dois Sentinelas, horríveis criaturas semelhantes a estátuas cheias de grande malícia, que não se movem, mas parecem estar cientes do que se passa a seu redor. Sam ergue o Frasco de Galadriel, e consegue atravessar o portão. Quase todos os orcs foram mortos na luta; um pequeno orc encontra Sam nas escadas, mas foge de medo. Sam o segue e escuta uma conversa entre ele e Shagrat que, embora ferido, também parece ter sobrevivido à luta. Os dois orcs começam a discutir e Snaga, o orc pequeno, escapa; Shagrat sai para buscar ajuda. Sam procura por Frodo e começa a cantar; ele ouve uma resposta à sua canção, seguida pela voz de Snaga. Frodo estava preso na câmara mais alta da torre, acessível somente por uma escada que passava por um alçapão. Sam sobe e ataca Snaga, que cai da escada e quebra o pescoço:

Com um grito Sam saltou cruzando o chão, empunhando Ferroada. O orc virou-se, mas antes que pudesse fazer qualquer gesto Sam decepou-lhe a mão que segurava o chicote. Uivando de dor e medo, mas enfurecido, o orc avançou sobre ele com a cabeça baixa. O próximo golpe de Sam passou longe, e, perdendo o equilíbrio, ele caiu para trás, agarrando-se no orc, no momento em que esse tropeçava sobre seu corpo. Antes de conseguir ficar de pé, Sam ouviu um grito e um baque. O orc, em sua pressa louca, tropeçara na ponta da escada e caíra pela abertura do alçapão. Sam deixou de pensar nele. Correu para a figura encolhida no chão. Era Frodo.¹¹³

Então Sam e Frodo preparam-se para partir. Usando o Frasco, eles passam novamente pelos Sentinelas, mas as criaturas soltam um horrendo grito, que é respondido por um nazgûl voando na escuridão acima deles.

Sam e Frodo evitam ser descobertos a duras penas e viajam para o norte por alguns dias. Eles são atormentados pela falta de comida e água, e o Anel está se tornando um fardo cada vez maior para Frodo. A planície abaixo deles está cheia dos exércitos de Sauron, e Frodo pretende tentar atravessá-la no lugar onde ela é mais estreita. Escondidos num arbusto, eles ouvem a conversa de dois orcs e descobrem que Gollum ainda os está seguindo; numa noite, Sam também o vê espionando. A planície ainda está repleta de orcs, e os hobbits não tem outra alternativa a não ser seguir a estrada ao longo das encostas íngremes do Morgai. Lá eles são alcançados por um grupo de pequenos orcs sendo levados por dois grandes Uruks para Udûn, onde os exércitos de Sauron estão se reunindo. Os Uruks pensam que Sam e Frodo são orcs desertores, e os forçam a se juntar à companhia. Felizmente, entretanto, quando o exército se aproxima da entrada estreita para Udûn, confusão e luta explodem entre diferentes companhias orc, e os hobbits conseguem escapar sem serem notados.

3.2.2 O encontro com a deusa

Nesta parte do enredo, os hobbits encontrarão uma figura ímpar: Galadriel. A Senhora de Lórien é quem mostrará a Frodo a possibilidade de chegar ao êxito de sua busca. Para

¹¹³ TOLKIEN: 2002, V.3, p.181.

isso, utiliza de um espelho mágico – o que a caracteriza como deusa, pois é algo além das características humanas e deixa algum ensinamento ao herói, que se tornará mais forte a partir de seus ditos.

A Companhia passa vários dias em Caras Galadhon, a cidade dos elfos; conhecem Celeborn e Galadriel, Senhor e Senhora de Lórien, e falam sobre a missão e sobre Gandalf. Certa noite, Galadriel leva Frodo e Sam para um jardim. Nesse local, ela enche uma bacia prateada de água de uma fonte e cria um espelho mágico, o que permite que se olhe. A mulher os adverte que o espelho pode mostrar o passado ou o futuro, e que pode ser traiçoeiro guiar suas ações de acordo com essas visões:

Com a água do riacho, Galadriel encheu a bacia até a borda, e soprou sobre ela; quando a água estava parada novamente, ela falou. – Este é o Espelho de Galadriel – disse ela. – Trouxe-os aqui para que possam examiná-lo, se quiserem. [...]

- Posso ordenar ao Espelho que revele muitas coisas – respondeu ela. E para algumas pessoas posso mostrar o que desejam ver. Mas o Espelho também revelará fatos que não foram ordenados, e estes são sempre mais estranhos e compensadores do que as coisas que desejamos ver. O que você verá, se permitir que o Espelho trabalhe livremente, não posso dizer. Pois ele revela coisas já passadas, coisas que estão acontecendo e as que ainda podem acontecer. Mas o que ele vê, nem mesmo o mais sábio pode dizer. Você deseja olhar?¹¹⁴

Sam se olha primeiro e vê árvores serem cortadas por toda parte no Condado: “- Olha só! – gritou Sam numa voz enraivecida. – Estou vendo Ted Ruivão cortando árvores, e ele não devia. [...] Gostaria de pegar e derrubar *ele*.”¹¹⁵. Então é a vez de Frodo, que vê muitas coisas: Gandalf com uma roupa branca; Bilbo, caminhando no quarto dele, o Mar e o Olho de Sauron:

Mas, de repente, o espelho ficou totalmente escuro, como se um buraco se abrisse no mundo da visão, e Frodo olhasse no vazio. No abismo negro apareceu um único Olho que cresceu lentamente, até cobrir quase toda a extensão do Espelho. Tão terrível era aquela visão que Frodo ficou colado ao solo, sem poder gritar ou desviar o olhar. [...]

Então o Olho começou a se movimentar, procurando algo de um lado e de outro, e Frodo percebeu, com medo e certeza, que ele próprio era uma das mui-

¹¹⁴ TOLKIEN: 2002, V.1, p.384.

¹¹⁵ Idem, p.385.

tas coisas que estavam sendo procuradas. [...] Frodo estava escorregando para frente.

- Não toque na água! – disse a Senhora Galadriel num tom suave. A visão desvaneceu-se e Frodo se viu olhando para as estrelas frias que piscavam na bacia de prata. Recuou tremendo e olhou para a Senhora.¹¹⁶

A imagem, em verdade, mostra que o Olho visto por Frodo era Sauron, o Senhor do Escuro, e que a aproximação obstruída por Galadriel se dava pelo Um Anel, que estava pendurado no pescoço do herói. A Senhora de Lórien o afasta dessa possibilidade e ele vê no dedo da mulher um dos Três Anéis dos elfos. Ele lhe oferece o Um Anel, mas ela o rejeita:

- A Senhora Galadriel é sábia, destemida e bela – disse Frodo. – Dar-lhe-ei o Um Anel se assim o desejar. Esse peso é demais pra mim.

Galadriel riu, com uma risada súbita e cristalina. – Sábia, a Senhora Galadriel pode ser – disse ela –, mas aqui ela encontrou alguém que está à sua altura em cortesia. De um modo gentil, você se vingou do teste que apliquei ao seu coração em nosso primeiro encontro. Agora começa a enxergar com olhos agudos. Não vou negar que meu coração desejou muito pedir o que está oferecendo. Por muitos longos anos, pensei que o faria, caso o Grande Anel me chegasse às mãos, e veja! Ele está agora ao meu alcance. O mal que foi concebido há muito tempo continua agindo de muitas maneiras, que o próprio Sauron seja ou não derrotado. [...]

- Passei pelo teste – disse ela. – Vou diminuir e me dirigir para o Oeste, continuando a ser Galadriel.¹¹⁷

Percebe-se, portanto, que a ação de Galadriel é mostrar a Frodo o que será dele caso entregue o Anel a Sauron ou ele mesmo ao Anel. O ensinamento de Galadriel parece simples, mas é o que fará com que Frodo não use conscientemente o anel sempre que se sentir sufocado por alguma situação. O resultado disso é um Frodo menos ingênuo – conforme dito pela personagem no fragmento anterior, ele “começa a enxergar com olhos mais agudos” – e mais certo de sua decisão de destruir o anel. Apesar de pouco mostrar qualquer fala que remeta a isso, as ações do herói levam a tal entendimento, pois consente com as proposições de Galadriel. Ao final de seu encontro, por mais que a questione sobre o uso do objeto mágico, ela diz que devem seguir seus rumos sem a utilização do anel, pois ele destruiria a vida de todos. Convencido, Frodo a segue.

¹¹⁶ TOLKIEN: 2002, V.1, p.387.

¹¹⁷ Idem, p.388-389.

3.2.3 A apoteose

Os hobbits seguem uma estrada orc por vários dias, viajando na direção da Montanha da Perdição. Dessa forma, eles são capazes de fazer muito mais progressos do que através da região estéril, cheia de rochas e fendas; e há alguns poços com água ao longo da estrada. Eles têm de deixar a estrada e virar diretamente para a Montanha. Para aliviar seu caminho, deixam para trás todos os pertences que provavelmente não mais usariam. Eles alcançam Orodruin e quase ficam sem comida e água. Na caminhada, Sam tem de carregar Frodo, que, atormentado pelo crescente fardo do Anel, está completamente exausto. Perto do topo, são atacados por Gollum, que também enfraqueceu pela fome. Frodo escapa na direção das Sammath Naur, as Câmaras de Fogo. Gollum implora clemência a Sam e esse ordena que ele vá embora:

- Agora! – disse Sam. – Finalmente vou cuidar de você! – Saltou à frente, com a espada na mão, pronto para a luta. Mas Gollum não pulou. Caiu no chão estatelado, choramingando. [...]

A mão de Sam vacilou. Sua mente fervia com o ódio e com a lembrança do mal. Seria justo matar essa criatura traiçoeira, assassina, justo e muitas vezes merecido; [...] Mas Sam não tinha palavras para explicar o que sentia.

- Oh, maldita seja, sua criatura nojenta! – disse ele. – Vá embora! Fora daqui! Não confio em você, não enquanto ainda posso chutá-lo; mas fora daqui! Ou eu *vou* machucá-lo, vou sim, com aço cruel e mau.¹¹⁸

Assim, a aventura do herói estaria pronta para ser concluída. Como em parte da narrativa, Frodo foi tentado pelo Anel, auxiliado por outras personagens e, talvez, nem tanto por si mesmo, nas Câmaras de Fogo, contudo, Frodo é finalmente sobrepujado pelo poder do Anel e o reivindica para si:

- Cheguei – disse ele. – Mas agora minha escolha é não fazer o que vim aqui para fazer. Não vou realizar este feito. O Anel é meu! – E de repente, colocando-o no dedo, desapareceu da visão de Sam. Sam abriu a boca assombrado, mas não pôde gritar, pois naquele momento muitas coisas aconteceram.¹¹⁹

¹¹⁸ TOLKIEN: 2002, V.3, p.219.

Novamente, Frodo necessita da ajuda de outro elemento que o fará agir como herói da trajetória. Tendo em vista que quase sempre fora derrotado pelo Anel, devido ao seu grande poder, o protagonista coloca o anel em seu dedo e se entrega. O que acontecerá, porém, é a vinda de Gollum, que se aproxima e o ataca de novo, arranca com os dentes o dedo em que está o Anel. Salta de alegria por ter recuperado seu *precioso*, mas cai dentro do Fogo.

- Precioso, precioso, precioso! – gritava Gollum. – Meu Precioso! Ó, meu Precioso! – E assim, no momento em que erguia os olhos para se regozijar, deu um passo grande demais, tropeçou, vacilou por um momento na beirada, e então com um grito agudo caiu. Das profundezas chegou seu último gemido, *Precioso*, e então ele se foi.¹²⁰

A força de que Frodo precisa veio justamente de uma personagem contrária aos objetivos dele. Gollum fica com o Anel, mas cai no fogo e morre. Assim, o herói livra-se de seu fardo e pode seguir ao final da aventura. Frodo e Sam saem e vêem que o reino de Sauron entrou em colapso:

Teve uma visão rápida de nuvens rodopiando, e no meio delas torres e ameias, altas como colinas, fundadas sobre um poderoso trono de montanha acima de abismos incomensuráveis; grandes pátios e calabouços, prisões sem olhos, íngremes como penhascos, e portões escancarados feitos de ferro e de pedra adamantina: e então tudo acabou. Torres caíram e montanhas deslizaram; paredes desmoronaram e derreteram, esboroando-se; enormes espirais de fumaça e jatos de vapor subiam, subiam e se espalhavam, até formarem um teto semelhante a uma onda ameaçadora, e sua crista alucinada se crispou e veio descendo e cobrindo tudo, espumando sobre a terra. [...] ¹²¹

Com a destruição do Anel, Frodo e seus companheiros atingem o objetivo proposto por Gandalf no início da aventura. O momento que determina essa parte da aventura é justamente a destruição de Sauron e toda sua criação, que não mais afetará a Terra-Média. Com isso, a hora é de preparar o retorno.

3.3 O retorno

¹¹⁹ TOLKIEN: 2002, V.3, p.221.

¹²⁰ Idem, p.222.

¹²¹ Idem, p.223.

Finalizada a iniciação, é hora do retorno. Frodo teve uma missão difícil – mas cumprida. Agora, necessita retornar à sua origem, revelando se houve o aprendizado esperado ou se retorna com algum elixir.

3.3.1 O resgate com o auxílio eterno

As águias, lideradas por seu senhor, Gwaihir, juntam-se à batalha dos Capitães do Oeste contra as hostes de Mordor. Nesse exato momento, o Anel cai no fogo de Orodruin: o Portão Negro desaba, o espírito de Sauron é destruído e as forças de Mordor, desprovidas do Poder que as controlava, se desesperam, e muitos fogem ou imploram misericórdia. Gwaihir, acompanhado por outras duas águias, resgata Frodo e Sam na Montanha da Perdição:

E foi assim que Gwaihir os viu com seus olhos penetrantes, enquanto descia em meio ao forte vento, e desafiando o grande perigo dos céus fazia rondas no ar: dois pequenos vultos escuros, abandonados, de mãos dadas, sobre uma pequena colina, enquanto o mundo tremia embaixo delas, e arfava, e rios de fogo se aproximavam. E, no mesmo momento em que os encontrou e desceu num mergulho, viu-os cair, exaustos, ou sufocados pela fumaça e pelo calor, ou finalmente derrubados pelo desespero, escondendo os olhos da morte. Estavam deitados lado a lado, e Gwaihir veio voando baixo, seguido por Landoval e Meneldor, o veloz; e num sonho, sem saber o que lhes estava acontecendo, os caminhantes foram erguidos e carregados para longe da escuridão e do fogo.¹²²

A busca realizada pelas aves traz a Frodo e Sam a idéia de que o objetivo fora alcançado. Frodo carrega o Anel para a destruição e agora pode voltar a seu lar. Isso, porém, não acontece sem que uma força distante da do herói realize certa função. Essa parte da aventura constitui o resgate com auxílio eterno, pois há, primeiramente, um resgate a ser feito; além disso, o auxílio vem de quem tem características acima do nível dos homens, já que os animais que aparecem distinguem quem deve ser trazido de volta, como buscá-los e para onde levá-los.

3.3.2 A passagem pelo limiar de retorno

¹²² TOLKIEN: 2002, V.3, p.228.

Após a saída da Montanha da Perdição, uma grande companhia parte, levando o corpo do Rei Théoden para Rohan. Nesse momento da narrativa, as conclusões sobre as outras personagens começam a ocorrer: depois do enterro, Éomer anuncia o casamento de Faramir e Éowyn e partem para Isengard, onde encontram Barbárvore. Gimli e Legolas visitam as Cavernas Cintilantes do Abismo de Helm e a Floresta de Fangorn, e se despedem da companhia, partindo para seus próprios lares no Norte. Pouco depois, Aragorn os deixa também, voltando para Minas Tirith. O resto da companhia continua a viagem. O povo de Lórien deixa a companhia em Eregion, perto dos portões de Moria. Os viajantes vão para Valfenda, e lá os hobbits encontram Bilbo, passando muitos dias com ele. Finalmente, eles decidem voltar para o Condado e, para a alegria deles, Gandalf decide acompanhá-los, pelos menos até Bri. Primeiramente, Frodo questiona Gandalf sobre o próprio retorno:

- Temo que esse possa ser meu caso – disse Frodo. – Não existe um retorno de verdade. Embora eu possa voltar, o Condado não será mais o mesmo, pois eu não serei o mesmo. Fui ferido por faca, ferrão e dente, sem falar no fardo que carreguei por tanto tempo. Quando poderei descansar?
Gandalf não respondeu.¹²³

O silêncio de Gandalf destaca que o homem não é mais o mesmo depois de todo caminho de provas que lhe é imposto pela vida. Sendo assim, percebe-se que o herói tem noção de que sua aventura trouxe-lhe um crescimento, já que agora tem marcas que não o deixarão mais. A construção da aventura se aproxima do êxito, tendo o retorno:

Depois daquilo, a viagem transcorreu bem, e os dias se passaram depressa; eles cavalgavam com tranqüilidade, e freqüentemente se demoravam nos belos bosques onde as folhas estavam vermelhas e amarelas ao sol de outono. [...] Quando chegaram à Floresta Chet os galhos já estavam quase nus, e uma grande cortina de chuva os impedia de ver a Colina Bri. Foi assim que, quase ao final de uma noite bravia e molhada dos últimos dias de outubro, os cinco viajantes subiram a estrada íngreme e chegaram ao Portão Sul de Bri. Estava bem trancado, e a chuva batia-lhes nos rostos; no céu escuro nuvens baixas passavam correndo, e eles se sentiram um pouco frustrados, pois esperavam uma recepção mais calorosa.¹²⁴

¹²³ TOLKIEN: 2002, V.3, p.269.

¹²⁴ Idem, p.271.

A viagem é apenas descrita como difícil devido ao clima, mas sem qualquer interrupção por algum desafio novo que aparecesse. Em Bri, o Sr. Carrapicho é quem os hospeda e conta como está a situação na região. Ficam dois dias na região e após partem para o Condado. Gandalf deixa os hobbits, pois ele pretende visitar Tom Bombadil, e os aconselha a se apressarem, insinuando que as coisas poderiam estar erradas no Condado.

Não há uma nova descrição sobre a viagem de Bri ao Condado, apenas o seguinte fragmento:

A noite já caíra quando, molhados e exaustos, os viajantes finalmente atingiram o Brandevin, encontrando o caminho bloqueado. Em cada extremidade da Ponte, havia um grande portão cheio de pontas; do outro lado do rio via-se que algumas novas casas haviam sido construídas: com dois andares e janelas retas e estreitas, sem adornos e mal iluminadas, tudo muito sombrio e nada parecido com o Condado.¹²⁵

A idéia é apenas da chegada ao Condado, agora frio e sombrio. Logo a seguir, então, descobre-se que um último desafio é necessário para que o herói se torne o *senhor de dois mundos*.

3.3.3 O senhor de dois mundos

Os quatro hobbits chegam ao Condado e descobrem que muitas coisas realmente mudaram: a Ponte do Brandevin é guardada por vários Condestáveis, que lhes negam passagem. Parece que Lotho Sacola-Bolseiro apossou-se do Condado, chamando a si mesmo de "Chefe" e impondo um grande número de Regras injustas.

- Então pare de me olhar através da barra com esse jeito embasbacado e abra o portão! – disse Merry.
- Lamento, Sr. Merry, mas são as ordens.
- Ordens de quem?
- Do Chefe, lá em cima do Bolsão.
- Chefe? Chefe? Quer dizer o Sr. Lotho? – perguntou Frodo.
- Acho que sim, Sr. Bolseiro; mas atualmente só podemos dizer “O Chefe”.¹²⁶

¹²⁵ TOLKIEN: 2002, V.3, 279.

¹²⁶ Idem, p.281.

Para voltar ao Condado e se tornar o *senhor de dois mundos*, falta entrar em seu primeiro habitat. Assim, eles convencem Bill Samambaia a entregar a chave do portão e abri-lo. O Condado está cheio de rufiões – como o próprio Bill, sendo que muitos deles são isengardenses vesgos; têm acontecido muitos incêndios e destruição sem sentido. Os viajantes entram contra as *regras* e passam uma noite na casa dos Condestáveis; no dia seguinte, eles encontram um grupo de Condestáveis em Sapântano e outro de rufiões na Vila dos Hobbits, mas ambos não conseguem prendê-los, estando surpresos e assustados por encontrar quatro hobbits destemidos e bem-armados. Com a ajuda do Fazendeiro Villa, os amigos começam uma revolta contra os opressores; primeiro um pequeno grupo de rufiões tenta abafar a rebelião, mas acabam se rendendo por estarem em menor número:

Com uma faca comprida na mão esquerda e um bastão na outra, ele avançou para o círculo, tentando correr de volta para a Vila dos Hobbits. Ensaiou um golpe na direção de Merry, que lhe barrava o caminho. Caiu morto com quatro flechas enfiadas no corpo.

Isso bastou para os outros, que se renderam. As armas foram-lhes tomadas e eles amarrados; fizeram-nos marchar para um barracão vazio construído por eles mesmos, e ali tiveram as mãos e os pés atados, e ficaram trancados sob vigia. O líder morto foi arrastado dali e enterrado.¹²⁷

Pippin traz um grande número de Tûks e juntos derrotam o ataque dos rufiões. Então um grupo de hobbits, liderado por Frodo, vai para o Bolsão com a intenção de achar Lotho. Ao invés disso eles encontram Saruman, que havia organizado toda a destruição; eles ordenam que o mago saia, e Língua de Cobra em raiva e desespero mata seu mestre. É, então, atingido por três arqueiros hobbits:

Saruman riu. – Você sempre faz o que Charcote manda, não é, Língua? Bem, agora ele diz: em frente! – Chutou Língua de Cobra no rosto no momento em que rastejava, virou-se e partiu. Mas nesse instante algo se partiu: de súbito Língua de Cobra se levantou, sacando uma faca escondida e então, rosnando como um cachorro, saltou sobre as costas de Saruman, puxou-lhe a cabeça para trás, cortou-lhe a garganta e com um grito correu descendo a ladeira. Antes que Frodo pudesse se recuperar ou dizer alguma coisa, três arcos hobbits zuniram e Língua de Cobra caiu morto.¹²⁸

¹²⁷ TOLKIEN: 2002, V.3, p.293.

¹²⁸ Idem, p.302.

Isso marca o fim da Guerra do Anel. Não há mais adversários contra os quais lutar e finalmente Frodo e os demais hobbits retomam o Condado. Assim, após toda a trajetória em busca da destruição do Anel, Frodo também retorna e destrói o mal do Condado. Acabam todas as disputas e o herói, agora, tem liberdade para viver.

3.3.4 A liberdade para viver

Esses eventos turbulentos são seguidos por um ano esplêndido, próspero e feliz. Todo o Condado está ocupado reparando os desastres causados pelos rufiões de Saruman. Sam lembra-se do presente de Galadriel e descobre que a caixa contém uma estranha poeira e uma única semente prateada. Ele usa a poeira para plantar árvores por todo o Condado, e planta a castanha prateada no Campo da Festa na Vila dos Hobbits; e dela nasce um lindo mallorn. Sam casa-se com Rosinha Villa; Frodo volta para o Bolsão, e Sam e Rosinha vão viver lá também. No ano seguinte a primeira filha deles, Elanor, nasce. Nos aniversários dos eventos no Topo dos Ventos e em Cirith Ungol, os antigos ferimentos de Frodo doem novamente. Em setembro, como o aniversário de Bilbo está se aproximando, Frodo e Sam partem de novo para Valfenda, como pensa o fiel escudeiro, embora não pretenda fazer a viagem toda. Contudo, nas matas do Condado eles encontram um grande número de elfos, incluindo Elrond e Galadriel; Bilbo está também entre eles. Finalmente, Sam percebe que Frodo pretende ir aos Portos Cinzentos, para atravessar o Mar em companhia dos elfos e de Bilbo. Nos Portos Círdan, o Armador e Gandalf os esperam; Gandalf também partirá no navio. Ele trouxe consigo Merry e Pippin, para que Sam não estivesse sozinho no caminho para casa. Assim, o navio élfico deixa a Terra-média, e os três hobbits retornam ao Condado.

O fragmento abaixo, da ida de Frodo para os Portos Cinzentos, destaca a idéia de o herói ser o Senhor de Dois Mundos e ter essa liberdade para viver, pois optou por voltar ao local:

- Bem, aqui finalmente, caros amigos, nas praias do Mar, chega o fim de nossa sociedade da Terra-Média. Vão em paz! Não pedirei que não chorem, pois nem todas as lágrimas são um mal. [diz Gandalf]

Então Frodo beijou Merry e Pippin, e por último Sam; depois embarcou; as velas foram içadas, o vento soprou e lentamente o navio se afastou ao longo do estuário comprido e cinzento; e a luz do frasco de Galadriel que Frodo carregava f piscou e se perdeu. E o navio avançou para o Alto Mar e prosseguiu para o oeste, até que por fim, numa noite de chuva, Frodo sentiu uma doce fragrância no ar e ouviu o som de um canto chegando pela água. E então teve a mesma impressão que tivera no sonho na casa de Bombadil; a cortina cinzenta de chuva se transformou num cristal prateado e se afastou, e Frodo avistou praias brancas e atrás delas uma terra vasta e verde sob o sol que subia depressa.¹²⁹

A idéia de utilizar um barco e a navegação como uma forma de alcançar a liberdade é pertinente. Segundo o *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, “a Barca é o símbolo da viagem, de uma travessia realizada seja pelos vivos, seja pelos mortos”¹³⁰; já a navegação é um “meio de se atingir a paz, o estado central ou o nirvana”¹³¹. Como o horizonte simboliza o estado livre do homem e suas ambições, a viagem sob tal elemento representa o objetivo atingido, a idéia de que a aventura trouxe a recompensa final, que é a eternização do herói. Os Portos Cinzentos representam o local onde vivem os seres mais antigos, tal como Gandalf e sua vasta idade. Lá, Frodo desfrutaria da convivência com o tio, que lhe fora omitida no início da narrativa. Como o contato com Bilbo era muito e Frodo sente a falta de alguém que lhe mostre caminhos, o reencontro é uma bênção, pois, por mais que aprendesse algo com a aventura mítica, o herói sempre necessitou de ajuda para atingir seus objetivos. Assim, finaliza-se a narrativa.

¹²⁹ TOLKIEN: 2002, V.3, p.314-315.

¹³⁰ CHEVALIER; GHEERBRANT: 2003, p.121.

¹³¹ Idem, p.632.

4 CONCLUSÃO

Se toda aventura mítica tem um final que nos traz modificações, nosso trabalho também teve as suas. Aventuramo-nos em dois mundos mágicos, que nos trazem à tona a idéia de que a narrativa e este trabalho tiveram suas partidas, seus caminhos de provas, seus retornos e seus resultados.

Para finalizarmos esse processo, faz-se necessário que percebamos os distanciamentos e as aproximações. Desta análise, notaremos quais os principais focos de ambos os textos para analisarmos a permanência do mito hoje.

4.1 As semelhanças na aventura

Pelo fato de ambas narrativas terem o caráter mítico, há semelhanças. É, porém, um número pequeno, pois a maior comparação que se estabelece está nas diferenças.

Um aspecto que assemelha as obras é o ponto de partida de cada aventureiro: seu lar. O herói parte de seu íntimo para o mundo, pois a casa¹³² sempre foi a representação do interior do homem, é seu canto no mundo, o lugar que é só seu e que não pode ser tomado sem algum sentido. Lá, chegam pessoas de idade, do sexo masculino: Siegmund, pai do herói; Gandalf, grande companheiro do tio de Frodo. A imagem da sabedoria e do conhecimento de vida está com eles, já que são mais velhos que os heróis. Isso traz a idéia de que essa pessoa que lhes auxilia e que pretende dar um conselho tem grande vivência e saberá indi-

¹³² Dentro da teoria de CHEVALIER e GHEERBRANT, há diversos significados para a *casa*: “está no centro do mundo, ela é a imagem do universo” (p.196), “significa o ser interior, segundo Bachelard” (p.197) e “é também um símbolo do feminino, como sentido de refúgio, de mãe, de proteção, de seio maternal” (p.197). Sendo assim, percebe-se que é totalmente voltada à intimidade da pessoa.

car bons caminhos. Caberia aos heróis, portanto, resolverem o que seguir: seus projetos, as idéias dos conselheiros ou o resultado da análise de ambas. A figura desses homens caracterizaria o auxílio sobrenatural, já que conhecem os caminhos pelos quais passarão Siegfried e Frodo.

Nos textos, dá-se a travessia do primeiro limiar. Na obra *A canção dos Nibelungos* isso se realiza pela viagem que Siegfried realiza do Reno a Worms; no *Senhor dos Anéis*, a descrição dessa passagem é constante, pois é a primeira realização de alguém que começa um processo de formação para se tornar herói, como é o caso de Frodo. A aventura, porém, será perigosa e cheia de obstáculos, devendo ser vencidos para atingir o objetivo final.

Em ambos textos, a apoteose é uma grande realização do herói. Em *A canção dos Nibelungos*, Siegfried e Gunther elaboram um plano para vencer Brünhild e o realizam com sucesso, após o difícil combate entre eles, lembrando que ela possuía a cinta dada por Wotan, dotada de muito poder. Ao vencerem, têm seu prêmio: o casamento – Günther casa com a rainha da Islândia e Siegfried, com a rainha dos burgúndios. Já Frodo consegue fazer com que o anel seja destruído, mas não sem ceder à tentação de colocá-lo e dominar a Terra-Média – o que lhe impede, no entanto, é Gollum, que ansiara constantemente ter o objeto e consegue retirá-lo do herói, mas cai nas lavas da Montanha da Perdição e morre, juntamente com seu *precioso*. O objetivo inicial é atingido: com o anel destruído, pode retornar para seu lar.

A fuga mágica não é compreendida por *O senhor dos anéis*. Existe um resgate, executado pelas águias gigantes, que retiram Frodo e Sam da Montanha da Perdição, que desmorona. É um resgate com auxílio eterno, pois provém de uma personagem eternizada – Gandalf, que aparece como *o cinzento*, enfrenta um poderoso adversário em Minas Tirith, desaparece e retorna mais poderoso, como *o branco* – que traz animais voadores para a busca. A

fuga mágica dar-se-ia por um elixir que o herói traria, mas ele está desmaiado nas Montanhas. Ocorre, então, o resgate.

A saída de Siegfried e Kriemhild da terra dos burgúndios também não tem obstruções, o que não caracteriza a fuga mágica. O que há, porém, é a idéia de que Siegfried, por seu caráter, se distancia de Worms para demonstrar seus objetivos atingidos, sua tarefa concluída. Como há dúvidas sobre como Günther controlou Brünhild, é como se o agora rei dos Países Baixos escapasse de qualquer possível retaliação. Tudo que desejou fora conquistado – os demais que buscassem seus objetivos. Quando retornasse àquelas terras, teria seu destino selado.

Em ambas narrativas, existe o Senhor de Dois Mundos. Quanto aos Nibelungos, Siegfried e Kriemhild retornam a Worms, deixando seu filho em casa – o que representa um problema, já que o filho é um símbolo grandioso da união entre os povos e promoveria maior liberdade entre ambos. Não há descrições sobre como fora a viagem – apenas destaca suas chegadas. Em *O senhor dos anéis*, o caminho para tal realização é mais longo, pois Frodo e os demais hobbits precisam reestruturar o Condado, que está nas mãos de Sauron. Para tanto, lutarão e deporão o adversário, trazendo a mesma estrutura que o local tinha antes de suas partidas. Na luta, utiliza-se de todo o elixir trazido da iniciação, agora aplicado em sua própria terra. Percebe-se novamente que ainda há aprendizado na aventura mítica de Frodo, que desencadeará o final vitorioso do herói.

4.2 As diferenças na aventura

Quando Siegfried conversa com o pai sobre a ida à Burgúndia, o patriarca recomenda cuidado, principalmente com Hagen, porque é um homem a quem não se poderia doar confiança. Como o herói confiava bastante em si, disse ao pai para não se preocupar e, adiante, rumou para a iniciação. Mencionou-se anteriormente: a arrogância não é um sentimento aceito pelos deuses, que o puniram ao final da narrativa. Sendo assim, a falta de humildade

da personagem faz com que fique cego às coisas que acontecem em volta de si e será morto com um golpe justamente onde seu corpo é frágil.

Frodo, por outro lado, ao não se decidir sobre a proposta de ir à Montanha da Perdição, segue diversos aconselhamentos de Gandalf. A partir disso, o herói contemporâneo seguirá os desejos que a sociedade traz, representados no ancião, que é quem pode ensiná-lo mais sobre os eventos do mundo. O mago, afinal, deseja o bem estar social, na medida em que ele quer a destruição do Anel, nem deseja apoderar-se dele. Não há gestos de arrogância ou um desejo individualista – o que trará sucesso aos anseios das personagens.

Ao final da primeira parte do enredo, percebemos que tanto um quanto o outro texto apresentam certa linearidade em relação à aventura mítica. Os passos dados por ambos os heróis seguem a mesma direção, pois ainda não se encontraram com a iniciação, seu caminho de provas. Os ensinamentos, porém, diferenciam-se: enquanto Frodo segue o princípio de transformação em si, desde que aceita levar o objeto mágico até se propor a ir à Montanha da Perdição destruí-lo – sendo um hobbit, de força menor que qualquer outra personagem –, Siegfried demonstra autonomia plena em suas atitudes, não se identificando qualquer sinal de transformação, já que segue apenas seus ideais.

O ventre da baleia também aparece nas duas narrativas, mas deflagra idéias diferentes. Se Siegfried chega a Worms e não é reconhecido – parte, então, para que as pessoas saibam quem ele é, através de uma discussão –, Frodo tanto é reconhecido que se aliviam por sua chegada, a considerar que carregava o anel desde o princípio. As figuras heróicas começam a ter cada vez mais diferenças: o protagonista do mito antigo deve comprovar que é um herói e, assim, ameaça destruir o reino burgúndio antes de se familiarizar com as pessoas – a idéia de arrogância reaparece em Siegfried, mostrando que pensa poder destruir a tudo e a todos; na narrativa contemporânea, Frodo é visto no Conselho como alguém que

pode auxiliar a destruição do Anel, tanto que se oferece para tal – de forma surpreendente, sem conhecer seu caráter heróico – e é aceito.

Na iniciação, as diferenças entre os textos se tornam mais evidentes. O caminho de provas de Siegfried é determinado: a luta contra Liudeger e Liudegast, a fim de salvar o reino da Burgúndia e poder desposar Kriemhild. Finda a luta, termina também sua provação. Já no caso de Frodo, há inúmeras provas a serem realizadas para chegar a seu objetivo. A primeira prova é uma luta contra si mesmo, na medida em que o anel é capaz de fazê-lo fraquejar e tentá-lo a manter consigo eternamente; há as lutas contra os próprios companheiros da Sociedade do Anel, já que entra em duelo com Boromir e foge para sua luta, juntamente a Sam; enfrenta Gollum e aceita sua ajuda; passa por certa dificuldade com Faramir, mas também terá seu apoio; segue viagem e enfrenta Laracna, que o vence, mas é salvo por Sam; ao fim, antes de destruir o Um Anel, ainda luta com Gollum, que cai nas lavas da montanha com o objeto.

Isso ilustra o fato de que a constituição heróica de Siegfried já era reconhecida, como ilustra Hagen, ao falar sobre a história do então príncipe dos Países Baixos a Günther e, portanto, não precisaria de mais provações. Frodo, entretanto, ainda é um ilustre desconhecido nessa aventura e terá de provar a si e aos demais que é capaz de vencer seus obstáculos, mesmo sendo aparentemente incapaz de realizar a missão. As provas aparecem e mostram que o hobbit tanto faz tudo como aprende com isso. Os dois aparecem fortes ao final de seu caminho de provas, o que identifica seu heroísmo.

O encontro com a deusa acontece de forma diferente para eles. Siegfried termina o confronto contra os reis saxão e dinamarquês e atinge seu objetivo de casar com Kriemhild. Ela se torna a Rainha-Deusa do Mundo por ser valorosa, guardava-se para alguém também especial. A beleza da mulher faz com que Siegfried se encante – e neste instante a mulher

aparece como tentação, condição que não é presente na aventura de Frodo – e com ela queira casar. Assim, os primeiros contatos entre ambos caracterizam esse encontro.

Frodo encontra-se com a Rainha-Deusa do Mundo em Lórien ao conhecer Galadriel, ficar admirado com a mulher e conhecer seu espelho mágico. Ela, afinal, ilustra qual seria o futuro dos hobbits dentro da aventura. Através desse contato, o herói reconhece as adversidades futuras e poderá lutar contra essas como se já as vivesse há muito. Sabendo que Galadriel tem poder para identificar – ou fazer com que o herói identifique – os problemas mundanos, ela se coloca como a deusa desse encontro.

Registra-se também outra diferença: Siegfried vence seu caminho de provas e se encontra com a deusa; Frodo, no entanto, está no meio do caminho de provas quando se encontra com Galadriel. Sendo assim, o herói de *Senhor dos Anéis* pode absorver as idéias lançadas pela deusa e desfrutar das mesmas em batalhas posteriores – tanto isso acontece que ele recebe da mulher um objeto mágico, um frasco com uma luz forte, que espantará adversários como Laracna. Siegfried não desfruta das virtudes obtidas por tal encontro, mas Frodo, sim.

Na aventura de Frodo, a tentação feminina não existe, pois a única mulher pela qual demonstram certa admiração é Galadriel. Ainda assim, é contida, falando timidamente da beleza da Senhora de Lórien, sem qualquer pretensão de atingi-la. Siegfried, contrariamente, deseja Kriemhild desde o início da narrativa e é dessa vontade que sairá sua derrocada, quando ela diz a Hagen qual é o defeito de seu amado.

Enquanto não encontramos sintonia com o pai na aventura de Frodo, há constância disso nas realizações de Siegfried. Siegmund fala de seus temores em relação à ida do filho a Worms; Siegfried revela temores em relação à ida das pessoas de Worms à Islândia. O processo de pensamento que se dá entre ambos é o mesmo, o que ilustra a seqüência coerente à que Campbell teoriza. A incompletude – se é que se pode falar disso – na aventura

de Frodo faz com que ele se fortaleça através de suas próprias ações, transformando-se num herói sem auxílio. Assim, sua força mostra-se grande para realização de tal feito.

Antes do retorno, porém, há a bênção última. Essa não se dá em *Senhor dos Anéis*, há o resgate de Frodo e Sam mediado por Gandalf e auxiliado pelas águias. Na outra narrativa, dá-se o casamento das personagens e, no caso de Siegfried com Kriemhild, a consumação do encontro entre a alma-herói e a Rainha-Deusa do Mundo, dando-lhe poder para se sobrepôr na Terra. Talvez a bênção que torne Siegfried ainda mais arrogante, pois, ao atingir seu objetivo, retorna aos Países Baixos igual a como partiu, sem modificações. Não há nenhum obstáculo capaz de contrariar as suas forças. Quando retorna à Burgúndia, não descobrirá que há armações contra si e será destruído.

Como última parte da aventura, temos o retorno. Novamente, Frodo não passa por algumas fases: a recusa do retorno e a fuga mágica. A questão de referência para a sociedade aparentemente não afeta Frodo, pois ele retornará para casa e enfrentará aqueles que dominaram o Condado, usufruindo de todo conhecimento e poder que os tempos anteriores lhe trouxeram. Pode-se, quem sabe, colocar a partida do herói para os Portos Cinzentos, pois ele não ficaria em seu local de origem. Deve-se lembrar que o retorno é para seu habitat natural, aquele do qual se originou sua aventura. Quando Frodo decide partir, diz a Sam que ele “[...] não pode ficar sempre dividido em dois. Terá de ser um e inteiro, por muitos e muitos anos. Ainda tem muito para desfrutar, para ser e para fazer.”¹³³ Isso só mostra que Frodo já realizou seu objetivo, que a aventura está concluída e, portanto, pode seguir sua vida, tendo a última parte da aventura, a Liberdade para Viver. Afinal, agora ele poderá migrar do ambiente para onde vai até o Condado sem influência alguma, pois ele é um referencial. Sam o expõe como ícone frequentemente e, se Sam simboliza as pessoas do Condado – seres que

¹³³ TOLKIEN: 2002, V.3, p.313.

auxiliam, que buscam sempre o melhor pra si –, Frodo torna-se um referencial para todos. O herói não nega a posição, apenas dá por encerrada sua aventura.

Já na obra *A canção dos Nibelungos*, a demarcação é feita: Siegfried não recusa o retorno, mas o aprendizado que tivera de suas aventuras. Como ele tem noção de seus poderes, sente que sua aventura teve uma conquista como em outra qualquer, pois já era poderoso, já havia trazido seu elixir e já dominara aqueles que queriam destruí-lo. Novamente percebemos a questão da arrogância do herói, que se prende a suas idéias e nega tudo aquilo que lhe é confiado como útil para sua existência.

Na narrativa de Siegfried não há resgate com auxílio eterno, como em *Senhor dos Anéis*. Já que ele saíra por livre e espontânea vontade, indo ao encontro dos pais e de seu reinado nos Países Baixos, tal não apareceu. Isso acontece devido ao rendimento do herói nas batalhas, as quais foram concluídas com total êxito.

Há a passagem pelo limiar de retorno nas narrativas. São diferentes, no entanto: na aventura de Frodo, o caminho é tranqüilo, repleto de despedidas, até a chegada a Bri. Com Siegfried, o processo é diferente: ele está em sua terra de origem é convidado a retornar à Burgúndia. O limiar de retorno, então, não é para sua casa, mas para seu local de lutas e vitórias – é um novo chamamento do herói rumo ao desconhecido, pois irão para uma confraternização, sem pensar que haverá novas batalhas a serem travadas. Sair do lar e voltar à luta é o mesmo que abandonar seu íntimo e regressar ao social, em que não há espaço para o pensamento individual. Sendo assim, Siegfried não poderá concluir algo sobre os acontecimentos, porque estará distante de si próprio. Será, então, uma presa fácil para a trama de Hagen e Günther para matá-lo. Justifica-se, ainda, o titubeio do rei nibelungo pelo retorno, pois não sabia como realizá-lo, impondo um empecilho que não existia no início da narrativa: a distância entre os dois reinos. Por não ser o desejo do herói, não quer realizá-lo. Haverá a punição para tal.

Como a liberdade para viver representa no herói a lei e o saber, os finais de cada personagem estão de acordo com seus caminhos e aprendizados. Frodo aceitou levar o Um Anel para sua destruição; enfrentou obstáculos até Valfenda; percorreu um longo caminho repleto de adversidades até a Montanha da Perdição; enfrentou Gollum e houve a destruição do anel; retornou ao Condado através de lutas. Esses tópicos revelam os passos de Frodo e suas conquistas, demonstrando um aprendizado superior, já que de um hobbit qualquer passou a herói da narrativa. Ganha, enfim, um prêmio: a ida aos Portos Cinzentos e seu descanso merecido, em plena paz. Há uma conciliação entre a consciência individual – Frodo sabia que deveria destruir o anel para o bem de todos – e a vontade universal – que também era a destruição do objeto. Assim, livre de culpas – por mais que Joseph Campbell indique que há uma falsa auto-imagem, pois se vive da morte alheia –, o herói parte para seu fim.

Em *A canção dos Nibelungos*, o final do herói é diferente. Como há a consciência de que Siegfried é um herói egocêntrico, a sua liberdade para viver não se dá com a vida, mas com a morte. O herói não assume a culpa de ter contado a Kriemhild sobre o que houvera entre ele e Brünhild, na noite em que ele a preparara para o esposo – aconteceu uma discussão entre as esposas de Siegfried e Günther sobre o assunto. Assim, tentou parecer estar acima do fato e do boato, colocando-se num nível inaceitável para o herói, já que utiliza da mentira para encerrar o problema. A partir de então, o herói terá sua derrocada, pois será chamado para uma falsa caçada pela floresta, que é uma emboscada para sua morte. A punição pela arrogância é clara: não poderá mais viver. A liberdade que tem se distancia daquela que os valorosos heróis desfrutam e ele parte para a separação entre corpo e alma.

4.3 A estrutura: o que há e o que não há

Nota-se que há diferenças nas duas narrativas. Não apenas porque as personagens resolvem ou buscam caminhos diferentes, e sim pelo processo de composição das obras.

A *canção dos Nibelungos* é feita através de uma partida incompleta, pois falta a recusa do chamado; na iniciação, todas as partes elencadas por Campbell são presentes; no retorno, não há a recusa do retorno, assim como o regaste com auxílio eterno – também a liberdade para viver não é concebida ao herói. Todas as outras questões aparecem na análise da obra.

Já em *O senhor dos anéis*, as faltas são outras: na iniciação, também não há a recusa ao chamado; na iniciação, a aventura se dá quase por completa no caminho de provas, não havendo a mulher como tentação, nem a bênção última; no retorno, falta a recusa do retorno e a fuga mágica. Como na outra obra, as outras partes são contempladas.

4.4 As ausências

Dentro de toda a análise, percebe-se que dois aspectos não apareceram em nenhuma narrativa: a recusa ao chamado e a recusa do retorno. Qualquer um que tivesse ocorrido, poderia modificar o panorama de seus enredos.

A recusa ao chamado faria com que os heróis negassem a aventura, a formação de seus caracteres superiores. Como ambos não a negam – apesar de um ficar em dúvida quanto a isso, evidencia-se a vontade de realizar um feito que traria um novo mundo tanto a si quanto aos que os rodeassem. Vê-se a importância de que isso não tivesse acontecido, pois seria possível toda essa modificação não ocorrer.

A recusa do retorno também traria modificações às narrativas. Caso ela tivesse acontecido no *Senhor dos anéis*, por exemplo, Frodo – juntamente com Sam – teriam morrido, pois seu objetivo fez com que todo um universo existente se denegrísse e, como estavam na Montanha que se destruía, também receberiam o mesmo destino. A inconsciência momentânea da personagem não permitiu que ela pensasse na recusa, apenas aceitasse o retorno, através da ajuda de Gwaiir e Gandalf. Em *A canção dos Nibelungos*, a recusa poderia levar a duas conseqüências: ou Siegfried ganharia tempo para desfazer o problema criado pelo pe-

dido de Gunther – de que *domasse* sua esposa – ou seria mais brevemente eliminado por Hagen, caso a narrativa caminhasse para o mesmo final. Percebe-se, portanto, que incluir tais partes na narrativa não serviriam para auxiliar os heróis, porque suas vitórias poderiam ser destituídas por um ponto negativo.

4.5 Os heróis

As diferenças entre as obras analisadas se iniciam pela caracterização do herói. Enquanto em *A canção dos Nibelungos* é bastante demarcado o caminho heróico da personagem, em *O senhor dos anéis* não há tal evidência, na medida em que há mais de uma narrativa presente, pois dois caminhos são seguidos: por um lado, Frodo e Sam carregam o anel para a destruição; por outro, o olho de Sauron foca Aragorn, Gandalf e os demais, na luta entre os que querem ter o objeto mágico e os que querem destruí-lo.

Através do estudo sobre o herói, focamos nossa atenção em Frodo. Esta personagem teve a missão de levar o anel para a destruição, o que quase lhe custou a vida – não por impedirem seu objetivo, que era desconhecido da maioria, mas por ambicionarem-no excessivamente. Já Siegfried não carrega um fardo na aventura, apenas objetivos a serem alcançados – que lhe trarão o problema. Sendo assim, o próprio início da aventura não será o mesmo, pois Siegfried quer sair dos Países Baixos para conquistar Kriemhild, ou seja, tem um foco determinado desde o princípio, enquanto Frodo é convencido por Gandalf a guiar o anel pela Terra-Média, a fim de que seja destruído – não era objetivo do hobbit, primordialmente. Temos um herói decidido, destemido e poderoso na narrativa primitiva, mas ele é indeciso, seguidor de conselhos e, por vezes, medroso, na segunda.

A aparente falta de estágios em *Senhor dos Anéis* indica que a personagem tem mais condições de se transformar, pois não depende de outros elementos para manter ou aumentar a idéia de que é ou pode vir a ser um herói. Em *A canção dos Nibelungos*, a continuidade

do texto mantém Siegfried tal qual começou a narrativa: como um ser ambicioso, desejoso apenas de suas idéias, sem pensar nas conseqüências que as mesmas trariam.

Frodo e Siegfried são heróis totalmente distantes. Percebe-se que Frodo aprendeu mais em sua aventura, sem negar os novos conceitos; Siegfried preferiu seguir apenas seus ideais e não desfrutou daquilo que trouxera da Burgúndia. O hobbit não era um herói consumado, pois foi se criando a cada movimento que exercia na narrativa; o rei dos Nibelungos já tinha caráter superior e talvez foi aferido por isso, pois, como pensara já ser suficientemente poderoso, assoberbou-se e terminou por ser destruído. Siegfried representa um pleno herói da Idade Média, que anseia pela conquista territorial através de um casamento entre seres do mesmo escalão social e luta por conquistas maiores; Frodo é um típico herói contemporâneo, que precisa se construir na medida em que as adversidades aparecem, já que o homem da atualidade não é mais repleto de poderes como o de antigamente e sucumbe frente à sociedade.

4.6 A narrativa mítica

A aventura mítica também é diferente entre ambos e é disso que nasce a diferença entre os heróis. Os passos usufruídos selaram suas funções dentro da narrativa e dentro do mito. O mito antigo é reconstruído no contemporâneo, expondo características que foram modificadas pelo tempo – a distância temporal entre os textos é de cerca de 1.200 anos. Percebe-se a quantidade menor de personagens ativos na narrativa antiga, pois a necessidade de quem falasse também o era. Em *O senhor dos anéis*, diversos personagens se ajudam e não se traem, contrariamente a *A canção dos Nibelungos*.

O mito permanece hoje não porque representa o mesmo pensamento social da antiguidade, mas justamente por se reformular e manter uma linha de construção que identifica o homem em todas as épocas. Todos nós temos pensamentos heróicos – ou vontade realizar

algum feito. Assim, o homem se espelha em narrativas como essas para abordar suas vontades e se regozijar com os feitos do herói.

A narrativa mítica é, por fim, freqüente em nossas vidas desde muito tempo. Através dela, percebemos que há um ideal a ser concretizado pelo homem, que tem sua vida abastada por aventuras diárias, necessitando atingir objetivos. Com propriedade, a narrativa revela os esforços comuns a todas as pessoas como um ritual, como aquilo que deve trazer o crescimento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia online em português**. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/biblia/portugues/joao_1.html>. Acesso em 08.05.2008.
- ANÔNIMO. **A canção dos Nibelungos**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOULHOSA, Patrícia Pires. Breves observações sobre a *Edda* em prosa. In: **Brathair**. N.4.V.1. São Paulo: [s.e.], 2004. p.13-18.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes: 1988.
- BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de mitos literários**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- BRICOUT, Bernadette (Org.). **O olhar de Orfeu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- _____. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 14.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- CUNHA, Maria Helena Lisboa da. **Espaço real, espaço imaginário**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1998.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- _____. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FRANCO, João José de Melo. **Pequeno dicionário de termos literários**. São Paulo: Três, 1984.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significação**. Lisboa: Edições 70, 1989.
- MONIZ, Luiz Cláudio. **Mito e música em Wagner e Nietzsche**. São Paulo: Madras, 2007.
- _____. **Mitologia e esoterismo – um casamento perfeito**. Rio de Janeiro: Hipocampo, 1998.

PEREIRA, Valéria Sabrina. **Die künnege rîch**: o mundo feminino em *A canção dos nibelungos* e *A saga dos Volsüng*. São Paulo: USP, 2006. Dissertação de Mestrado. Orientador: Dr. Helmut Paul Erich Galle.

PINEL, Hiran. **Educadores da noite**. Belo Horizonte: NUEX-PSI, 2003.

TEIXEIRA, António Braz. A teoria do mito no pensamento de António Quadros. In: **Leonardo**: revista de filosofia portuguesa. Disponível em: <http://www.leonardo.com.pt/revista1/index.php?option=com_content&task=view&id=35&Itemid=9> Acesso em: 02.Ago.2008.

TOLKIEN, J.R.R. **O senhor dos anéis**: a sociedade do anel. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **O senhor dos anéis**: as duas torres. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **O senhor dos anéis**: o retorno do rei. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

OBRAS CONSULTADAS

ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BOULHOSA, Patrícia Pires. Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval. In: **Revista Signum**. n.7. São Paulo: 2005. p.13-39.

_____. A mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade. In: **Revista Brathair**. n. 6, 2006.

COLBERT, David. **O mundo mágico do Senhor dos Anéis**: mitos, lendas e histórias fascinantes. 2.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

DAVIDSON, Hilda Ellis. **Deuses e mitos do norte da Europa**. São Paulo: Madras, 2004.

DUMÉZIL, Georges. **Do mito ao romance**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FORMIGA, Luis Carlos. O poder das palavras - No princípio, era o Verbo. In: **Portal do espírito**. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/neurj/o-poder-das-palavras.html>>. Acesso em: 02.Mai.2008.

FRANCHINI, A.S.; SEGANFREDO, Carmen. **As melhores histórias da mitologia nórdica**. 3.ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A eva barbada**: ensaios de mitologia medieval. São Paulo: Edusp, 1996.

FRAZER, Sir Thomas. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

GONÇALVES, Dircilene Fernandes. **Pseudotradução, linguagem e fantasia em O senhor dos anéis, de J.R.R. Tolkien**. São Paulo: USP, 2007. Dissertação de Mestrado em Letras. Orientador: Dr. Lenita Maria Rimoli Esteves.

GRAHAM-CAMPBELL, James. **Os viquingues**: origens da cultura escandinava. 2 v. Madrid: Del Prado, 1997.

HAMILTON, Edith. Introdução à mitologia nórdica. In: _____. **A mitologia**. Lisboa: D. Quixote, 1983.

HEGEL, G.W.F. **Curso de estética**. São Paulo: Edusp, 2004.

JOLLES, Andre. **Formas simples**. São Paulo: Cultrix, 1976.

LEEMING, David Adam. **Do Olimpo a Camelot: um panorama da mitologia européia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Portugal: Estampa, 1994.

MATTOS, Sônia Heinrich de. **Deuses e heróis na Edda poética e na tetralogia de Wagner**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1959.

MIELIETINSKI, E. M. **A poética do mito**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

PAGE, R. I. **Mitos nórdicos**. São Paulo: Centauro, 1999.

PROPP, Vladímir. **As raízes históricas do conto maravilhoso**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

SIMONS, Gerald. **Os bárbaros na Europa**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1971.

SIMONSEN, Michele. **O conto popular**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SMITH, Jean Claude. In: FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A eva barbada: ensaios de mitologia medieval**. São Paulo: Edusp, 1996.

SPALDING, T. Von. **Dicionário de mitologia**. São Paulo: Cultrix, 1999.

STANTON, Michael N. **Hobbits, elfos e magos**. Rio de Janeiro: Frente, 2002.

TÁCITO, Cornélio Púbio. **Germânia: de origine et situ Germanorum**. São Paulo: Brasil, 1952.

WAGNER, Richard. **El anillo del Nibelungo**. Tradução de Eduardo Almagro López e Mônica Zaloniz. Disponível em: <www.geocities.com/operticket/ring>. Acesso em: nov.2007.

WARNER, Marina. **Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

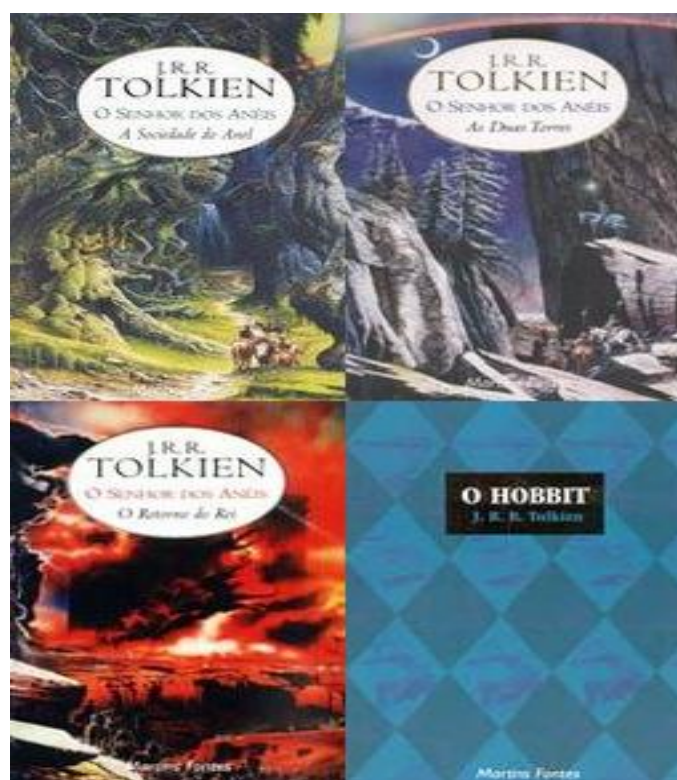
A N E X O S



O anel de *O senhor dos anéis*: objeto de desejo dos personagens maléficos. Aparece no mito dos Nibelungos.



Kriemhild com a cabeça de Gunther, mostrando a Hagen: cena de *A canção dos Nibelungos*.



Capas das edições brasileiras de *O senhor dos anéis* e de *O hobbit*.



*A Canção dos
Nibelungos*

Anônimo

Capa da edição brasileira de *A canção dos Nibelungos*